

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE LINGUAGENS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

CLAUDIO DE OLIVEIRA ALVES

**COMUNIDADES VIRTUAIS E FÍSICAS:  
PONTES E PORTAS**

CUIABÁ – MT  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLAUDIO DE OLIVEIRA ALVES

**COMUNIDADES VIRTUAIS E FÍSICAS:  
PONTES E PORTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na área de Concentração Interdisciplinar, Linha de Pesquisa Comunicação e Mediações Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Juan Felipe Sanchez Mederos

CUIABÁ – MT  
2010

Alves, Claudio de Oliveira

Comunidades virtuais e físicas: Pontes e Portas / Claudio de Oliveira Alves. -- Cuiabá: UFMT / ECCO, 2010.

vi, 113 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Dr. Juan Felipe Sanchez Mederos

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Letras, Programa de pós-graduação em estudos de cultura contemporânea, 2010.

1. Comunicação. 2. Mediações culturais. 3. Ciência das redes. 4. Educação. 5. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação – Dissertação. I. Mederos, Juan Felipe S. II. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Letras, Programa de pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. III. Comunidades virtuais e físicas: Pontes e Portas.

# Comunidades virtuais e físicas: pontes e portas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Comunicação.

**Linha de pesquisa: Comunicação e Cultura**  
**Orientador: Juan Felipe Sánchez Mederos**

Data da defesa: 29/10/2010

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente: Prof. Dr. Juan Felipe Sánchez Mederos**  
ECCO UFMT.

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa**  
ECO UFRJ.

---

**Membro Titular: Prof. Dra. Lucia Helena Possari**  
ECCO UFMT.

**Local:** Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, onisciente, onipotente e onipresente.

Quero agradecer também ao meu orientador Dr. Juan Felipe Mederos que sempre me instigou, me provocou para ir além. Que sempre impôs perguntas precisas que inevitavelmente me fizeram pensar.

Quero agradecer ao ECCO, e a todos os professores que me forneceram a bagagem fundamental na feitura deste trabalho. Em especial à Dra. Ludmila Brandão que sempre ouviu as minhas preces e sempre me auxiliou com prazos e sua compreensão.

Quero agradecer à minha família, minha amada esposa Marcella e o meu filho Artur que são para mim a luz de cada dia e uma motivação permanente para seguir caminhando buscando uma condição de vida melhor.

## RESUMO

Este trabalho avalia a sociedade contemporânea sob a ótica das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC). Faz um levantamento bibliográfico do atual estado da pesquisa sobre o assunto e promove aproximações entre diferentes disciplinas. A cultura contemporânea é avaliada aqui sob o impacto das mídias, em especial da internet cujo território sem fronteira imprime um novo modo de interação a comunicação mediada por computador (CMC). Esta traz uma inovação na relação entre as pessoas no tempo e no espaço. As identidades já não se constituem em função da etnia, classe social ou país apenas, mas também por meio de grupos de interesse que perpassam gênero, sexualidade, consumo e fetiches, por exemplo. As identidades e demais elementos de identificação são manipulados pelo consumo. A língua já não representa uma barreira na internet, nem o tempo, nem a geografia, nem o dinheiro antes inviável para se manter um contato regular com a França, por exemplo. Os nativos e os imigrantes digitais recebem a cultura das mídias e tecem uma cultura contemporânea com a fluidez e a velocidade inerentes aos processos atuais de comunicação em rede. O campo de ação das redes sociais e construção compartilhada do conhecimento vem contribuir para a transformação de um paradigma de cinco mil anos embasado no modelo missionista mestre-discípulo. Um objeto teórico multiplicado pela complexidade e pelo construtivismo. Para tanto o trabalho reúne pesquisadores e um bibliografia crítica que dialoga com diferentes campos do saber, da sociologia à ciência das redes, da antropologia à pedagogia. Na criação de pontes e portas transversais do conhecimento busca facilitar novas iniciativas dentro deste objeto dinâmico e que ainda está tão próximo dos olhos e do coração que dificulta uma análise mais racional e distanciada como exige a academia. O ECCO é o local propício para este estudo. Ele reúne as características da pós-modernidade no que diz respeito a não compartimentalização da ciência e busca um olhar multidisciplinar e transversal como constrói a complexidade geminal da ciência das redes ao aproximar a matemática da sociologia, da biologia e da antropologia. A dissertação aponta o Mercado como um Grande Irmão de G. Orwell capaz de deturpar a historicidade, manipular identidades e parecer onipresente através do cartão de crédito que também é visto como uma NTICs e uma cédula de identidade. Para isso apóia a reflexão em teóricos como Manuel Castells, Lucia Santaella, Néstor Canclini, Marshall McLuhan, Pierre Levy, Alex Primo, Raquel Recuero, Jean Piaget, Edgar Morin, Marco Silva, Albert-László Barabasi, Duncan Watts, Seymour Papert, André Lemos, entre outros.

**Palavras-chave:** Internet. Redes sociais. Educação. Comunicação. Cultura das mídias. Cultura contemporânea. Identidade. Comunicação mediada por computador. Tecnologias da informação e da comunicação.

## ABSTRACT

This paper assesses the contemporary society from the perspective of new technologies of information and communication (NTIC). Make a bibliography of the current status of research on the subject and promotes approaches between different disciplines. Contemporary culture is assessed here under the impact of the media, especially Internet borderless prints whose territory a new mode of interaction in communication mediated by computer (CMC). This brings an innovation in the relationship between people in time and space. The identities are no longer a function of ethnicity, social class or country only, but also by interest groups that cross gender, sexuality, consumption and fetishes, for example. The identities and other identifying elements are manipulated by consumption. The language is no longer a barrier on the Internet, neither time nor geography, nor the money before impossible to keep regular contact with France, for example. The natives and immigrants receive digital media culture and weave a contemporary culture with the fluidity and speed inherent in current processes for network communication. The playing field of social networks and shared knowledge construction contributes to the transformation of a paradigm of five thousand years based upon the master-disciple transmission model. A theoretical object multiplied by the complexity and constructivism. For this work brings together researchers and a critical bibliography that dialogues with different fields of knowledge, from sociology to science of networks, from anthropology to pedagogy. In the creation of cross bridges and gates of knowledge aims to facilitate new initiatives within this dynamic object and is still so close to the eyes and the heart that hinders a more rational and detached as required by the academy. The ECCO is the site suitable for this study. He meets the characteristic of postmodernism with respect to compartmentalization of science and not a search and cross-disciplinary look at how to build the geminal complex science of networks approach to the mathematics of sociology, biology and anthropology. The paper points the market as a Big Brother of G. Orwell able to misrepresent the historicity, identity and manipulate opinion through the ubiquitous credit card that is also seen as a NTIC and an identity card. To support this reflection on theoretical and Manuel Castells, Lucia Santaella, Néstor Canclini, Marshall McLuhan, Pierre Levy, Alex Primo, Raquel Recuero, Jean Piaget, Edgar Morin, Marco Silva, Albert-László Barabasi, Duncan Watts, Seymour Papert, Andrew Lemos, among others.

**Keywords:** Internet. Social networks. Education. Communication. Media culture. Contemporary culture. Identity. Computer-Mediated Communication. Technology of Information and communication.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	07
<b>1. As tecnologias de informação e da comunicação e a comunicação mediada por computador na contemporaneidade</b> .....	13
1.1 Tecnologia de berço.....	18
1.2 Jovem e a consumo na rede .....	22
1.3 A Comunicação e as Relações sociais.....	27
<b>2. Redes Sociais e suas estruturas</b> .....	34
2.1 Os perímetros da identidade individual e cultural .....	39
2.2 Comunidades virtuais como espaços alternativos .....	42
2.3 Sobre cultura televisiva e virtual .....	48
2.4 Recepção e manipulação dos discursos midiáticos .....	50
2.5 O impacto no tempo e espaço contemporâneo.....	52
2.6 Simulações computadorizadas da sociedade.....	56
2.7 O corpo, o espaço e o tempo na comunicação .....	57
2.8 Os recursos da internet e as possibilidades do business on-line.....	59
2.9 Cultura da realidade virtual e os elementos sociais da informação.....	62
2.10 Aglomerados de mídia .....	65
2.11 Monitoramento da informação on-line versus projeção dos espaços físicos e suas legislações.....	67
<b>3. Comunicação e Educação</b> .....	72
3.1 Conteúdo livre para todos os públicos? .....	72
3.2 Internet e educação humanitária como elementos da problemática cívica e educacional.....	73
3.3 Influência da net na metodologia clássica de ensino.....	78
3.4 Sociedade on-line, informação e cultura virtual como interface na educação.....	84
3.5 Tecnologias da informação e as novas referências no processo de ensino.....	88
3.6 Educação, novas tecnologias, conteúdos multimídia.....	91
3.7 Espaço dos conteúdos multimídia como recursos do processo de mediação e recepção do ensino.....	93
3.8 As tecnologias da informação como referências da educação presencial.....	96
<b>Considerações Finais</b> .....	99
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	103
<b>Anexo A - Jogos</b> .....	108
<b>Anexo B - Bizarro</b> .....	110
<b>Anexo C - Turismo GLBT</b> .....	111
<b>Anexo D - Sites colaborativos</b> .....	112

## Introdução

Dizer que o mundo contemporâneo é inseparável da internet não é exagerar. Apesar de vilas longínquas existirem ainda hoje sem energia elétrica por exemplo, o cerne, a força motriz da humanidade; econômica, social e cultural passa pela rede das redes. A comunicação nunca foi tão abrangente e tão presente no cotidiano das pessoas. Isto não é ser otimista ou tecnologicamente entusiasta. É apenas uma constatação dado o volume de satélites, cabos de fibra óptica, antenas, computadores, celulares, telefones de maneira geral, que em convergência constante compõem o cenário das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) presentes no cotidiano.

Pierre Lévy afirma:

Passamos das noções de canal e de rede a uma sensação de espaço envolvente. Os veículos de informação não estariam mais no espaço, mas, por meio de uma reviravolta topológica, todo espaço se tornaria um canal interativo(...) a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. (LÉVY, 2003, p.127)

É claro que Lévy falava sob a influência europeia onde a realidade de acesso é mais intensa que nos países em desenvolvimento (apesar do crescimento exponencial de diversas nações como China e Brasil). Hoje na China, os internautas somam em números atuais 300 milhões de pessoas e no Brasil 40 milhões.

A Internet, conhecida como "rede das redes", reuniu pequenas redes que já existiam antes dela especialmente por causa da sua flexibilidade (protocolos TCP/IP) e gratuidade. Ao fazer isso despertou um conceito cunhado por William Gibson, o cyberspace, no já clássico romance de ficção científica *Neuromancer* (GIBSON, 1984). Ainda não é exatamente a visão futurista biotecnológica que arquitetou Gibson, mas o seu significado inerente é o mesmo, originalmente, trata-se do espaço criado pelas comunicações mediadas por computador ("CMC's"). Segundo W. Gibson:

Cyberspace. A consensual hallucination experienced daily by billions of legitimate operators, in every nation, by children being taught mathematical concepts... A graphical representation of data abstracted from the banks of every computer in the human system. Unthinkable complexity. Lines of light ranged in the nonspace of the mind, clusters and constellations of data. Like city lights, receding... (GIBSON, 1984, p.51)

O cyberspaço (ou ciberespaço, aportuguesando) aparece quotidianamente na imprensa e nas discussões sobre as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). E ao que tudo indica é neste espaço de trocas assíncronas e não-lineares que as relações sociais estão mais ativas.

Definir ou simplesmente compreender o ciberespaço não é tarefa fácil nem para especialistas. André Lemos (2008) oferece vinte e três definições para ciberespaço, todas elas começando com o verbo ser, “é...” . Temos uma ideia do ciberespaço como o conjunto de redes de telecomunicações criadas com o processo digital das informações. Para Lemos o ciberespaço pode ser compreendido como atuante na realidade já que “não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real.” Lemos vai além e faz uma ponte do ciberespaço com a realidade mágica, “o ciberespaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível. Ele é, dessa forma, um espaço mágico, caracterizado pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico.”

Com a facilitação do acesso e com a diminuição do esforço necessário para a manutenção de laços sociais a comunidade tende a ampliar o seu tamanho por meio de comunidades virtuais criadas a partir de interesses comuns e mantidas por meio de fóruns não-presenciais. A ciberocialidade parece um fato concreto principalmente aos olhos dos nativos digitais, crianças que nasceram depois da explosão nacional da web no Brasil, área privilegiada neste recorte teórico. A naturalidade com que manejam as TICs confere a estes jovens um domínio que começa a pressionar as escolas por mudanças.

A educação no Brasil vive um dilema da inclusão digital inteligente. Não basta dar ao aluno o acesso ao computador e à internet, mas é preciso auxiliá-los como um guia na busca das perguntas exatas. Se hoje todas as respostas parecem estar no Google, as perguntas continuam nas nossas cabeças a espera de uma formulação adequada. Com a impressão de que a partir do momento que fazemos a pergunta já conhecemos a resposta cabe ao educador contribuir com o repertório do aluno de maneira que ele por si só construa o conhecimento e chegue à pergunta necessária.

Até bem pouco tempo atrás esta realidade se manifestava também em países como a Inglaterra e os Estados Unidos segundo palestra do professor Dr. Seymour Papert(1998) citada e analisada neste trabalho. Confinar o computador nas salas de professores e/ou crer que o mesmo serve para aprender informática são erros muito comuns que precisam ser corrigidos com o objetivo de transformar o processo como vem fazendo a educação brasileira através dos temas interdisciplinares.

A noção de tempo e espaço foi diluída. Hoje os jovens continuam, segundo pesquisas internas da Globo, assistindo ao Fantástico, contudo eles o fazem quando bem entendem por meio da internet, navegando de forma interativa (mesmo que reativamente) ao conteúdo arquivado escolhendo os quadros segundo os seus interesses e não aos domingos, de maneira linear como faziam/fazem seus pais. A convergência das mídias onde a TV por satélite recebe os sinais da internet e suas facilidades, onde o celular conecta em alta velocidade e vira uma TV de bolso, promove um porosidade irreversível nas fronteiras midiáticas e as NTICs cada vez mais consolidam o conceito da Lucia Santaella de Cultura das mídias que apresentamos no decorrer do trabalho.

O objetivo deste trabalho é construir pontes e portas entre as teorias que tratam das TICs e a educação e para isso fazemos uma leitura crítica da bibliografia já publicada e analisamos empiricamente a realidade que nos circunda aproximando a sociologia, antropologia e a pedagogia, da comunicação e da ciência das redes. As redes sociais e os processos de interação mediada por computador são analisados com auxílio do Dr. Alex Primo e da Dra. Raquel Recuero que estruturam uma perspectiva relacional da comunicação interpessoal.

Nesta busca encontramos-nos com as redes sociais, e suas comunidades virtuais que foram batizadas por Howard Rheingold em seu livro pioneiro *Virtual Community* como: “agregações sociais que emergem da Rede quando existe um número suficiente de pessoas, em discussões suficientemente longas, com suficientes emoções humanas, o suficiente para formar teias de relações pessoais no ciberespaço”.

Percebemos com o auxílio de Nestor Canclini e de Manuel Castells como o mercado se utiliza de símbolos mundiais para fazer com que suas mensagens cheguem em todos os continentes e sejam decodificadas. Percebemos que o papel do infante dentro deste cenário econômico e cultural é uma reflexão necessária e urgente. A princípio, 1980 e 90, o computador que chegou à escola ficou confinado na administração e quando muito na sala dos professores. O primeiro passo fora destes locais foi outro confinamento: aulas de informática.

Achar que a mera existência da tecnologia ou do artefato vá alterar a educação é muita ingenuidade e crer que somente a partir do computador a educação à distância tornou-se viável também é sofrer de amnésia histórica. Alex Primo em sua tese de doutorado põe alguns pontos nos “is” expondo o Instituto Universal Brasileiro (IUB) como o pioneiro nesta modalidade de ensino no Brasil. Em 2003, quando começou a sua pesquisa ele constatou que

o IUB tinha educado mais de 3,6 milhões de pessoas e existia há 50 anos. Tudo pelo correio, por meio da comunicação mediada.

Nesta década, o trabalho de inclusão digital pelo estado e pelas associações vem surtindo efeito e os jovens já se utilizam dos computadores para realização de pesquisas (mesmo que sejam copiar e colar), e começam a perceber a utilidade da máquina para além da informática entrecruzando os saberes. Pesquisas apontam para um efeito profundo na maneira como o jovem percebe o mundo. Principalmente aquele jovem que nasceu com computador em casa, o chamado nativo digital. Eles acessam na internet sites de relacionamento (81%), mas também páginas de notícias (79%) . As pesquisas para a escola são realizadas por 61% dos jovens internautas de 16 a 25 anos, amostra da pesquisa Datafolha de julho de 2008.

Esta geração tem forçado a postura da escola em direção ao futuro, porque se questiona como sugere o educador Papert (1998): “por que estou aprendendo aqui o que posso aprender em casa sozinho?” Então, qual o papel do educador frente a este universo de informação disponível a um clique? Como mediar ou orientar esta navegação?

Alguns problemas e conceitos se colocam no processo. Primeiro deles é justamente a comunicação mediada por computador. Suely Fragoso (2001) apresenta duas percepções distintas em relação à CMC, uma diz que ela “institui ‘comunidades virtuais’ nas quais todos se relacionam em harmonia e igualdade e estão permanentemente dispostos a colaborar uns com os outros.” Outra que a CMC esfria as relações humanas e acentua o que há de pior na natureza humana, para estes o “ciberspaço é o reino da mentira, da hipocrisia, das más intenções.” Todavia, as tecnologias não são boas, nem más e também não são neutras e a partir desta constatação sintonizamos o nosso olhar sobre a internet. Na internet há conflito e cooperação como em qualquer interação humana.

A TV continua de certa forma hegemônica em seu reinado, mas a sua decadência entre os mais jovens é fato atestado em pesquisa<sup>1</sup>. Se considerarmos o todo da amostra ela ainda ganha, mas caiu de 45% para 33% na preferência na busca por informação entre os jovens de 16 até 25 anos, amostra da pesquisa. Dependendo do recorte da amostra a TV perde para a internet.

Não existe fórmula mágica para fazer pesquisa, ela constitui-se na verdade em ferramenta para aquisição de conhecimento (RICHARDSON, 2010), o que não significa que ela não seja resultado de um “caminhar metodológico” fecundado por várias influências. Ao

---

<sup>1</sup> Datafolha, julho de 2008.

focar um objeto de pesquisa, que nasce de um contexto problematizador é preciso tomar decisões sobre o caminho a percorrer. Ao longo de sua história o homem e a sociedade tem legitimado formas de produção de conhecimento restringindo muitas delas ao âmbito acadêmico. O que de certa forma alijou alguns assuntos e problemas da esfera de produção do conhecimento acadêmico.

A seleção do objeto de pesquisa implicou aceitar, como também o fez Hess (2005) o apreço a interdisciplinaridade, a polivalência e a abertura disciplinar, reconhecendo que seu desvendamento passa pela transversalidade. As reflexões para o desvendamento desse caminho que se reveste de complexidade foi substanciado pelo pensamento de Morin que explica etimologicamente a palavra *complexus* significa aquilo que se tece conjunto. O pensamento complexo está “apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo a reconhecer o singular, o individual, o concreto... O pensamento Complexo não se reduz à ciência, nem à filosofia, mas permite sua comunicação, como um tear que trabalha para unir os fios”. (MORIN, 2000)

Adotando este pensamento complexo que é inerente ao fenômeno da rede mundial de computadores e as relações desencadeadas por ela reconhecemos na informática um campo fértil para análises sociológicas, filosóficas, antropológicas, educacionais e comunicacionais.

“A informática gera uma revisão de nossos conceitos de razão e pensamento. A inteligência entendida como ‘saber das coisas’ é um conceito ultrapassado, pois a informação é hoje armazenada, disponibilizada e compartilhada com bastante facilidade, por meio de poderosos bancos de dados, por exemplo. A inteligência não deve mais, portanto, ser concebida como sinônimo de acúmulo de informações, mas sim da habilidade para estabelecer conexões entre essas informações, de traçar relações. Na era da informática, significados são, em última instância, relações. (MATTAR, 2008, p.124)

Uma vez decidido o foco da pesquisa, alternativas de ordem “acadêmico-práticas” foram implementadas: a pesquisa classifica-se com exploratória segundo seus objetivos e bibliográfica conforme a forma de levantamentos de dados e informações. A escolha pela pesquisa exploratória uma vez que como sugere Antonio Gil (2010) “as pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”. Entendemos que com uma base teórica bem alicerçada o estudo das TICs, CMC e das redes sociais pode avançar em direção ao estudo de campo e/ou à pesquisa experimental analisando de maneira prática a relação de grupos de pessoas, ou mesmo de

indivíduos ou organizações em relação às NTICs e os cenários que se desenham com e através dela.

A opção pela pesquisa bibliográfica por atender aos quesitos de uma pesquisa exploratória demandou cuidados em sua organização. Conforme sugestões de Andrade (2002), Jacobini (2006) sucederam-se as etapas desde a localização de fontes até a análise reflexivo-crítica do material levantado. Foram também utilizados dados de fontes secundárias gerados pelo Instituto de Pesquisa Datafolha, por seu potencial explicativo/quantitativo dos significados que estavam sob análise.

Na primeira parte do trabalho apresentamos o tema com enfoque nas tecnologias da informação e comunicação e a relação dos nativos e imigrantes com este espaço social. Na segunda parte falamos das redes sociais e a ciência das redes e discorremos sobre o impacto das NTICs na cultura e na identidade contemporânea, abrindo espaço, virtual e físico, para o aprofundamento da temática do mercado e do consumo como traço de identidade. Aqui aproveitamos para ressaltar que dentro da dissertação certos temas como o consumo, a identidade e a cultura são retrabalhados e aprofundados, esperamos que com isso avancemos em uma espiral virtuosa em direção a novas pontes a favor de uma intuição produtiva. Na terceira parte abordamos as TICs dentro da educação a partir de um viés construtivista.

Todos estes elementos reunidos e intercalados guiaram esta pesquisa e tornaram necessárias as buscas por respostas a estas hipóteses e a este cenário que se desenha contemporaneamente debaixo dos nossos narizes. A interação mediada inaugurada talvez pela carta de pedra e transmutada ao reino dos bits parece ser uma necessidade ontológica do ser humano e um campo de pesquisa infindável.

## 1. As Tecnologias de Informação e da Comunicação e a Comunicação Mediada por Computador na contemporaneidade

Pode ser observado nas cidades metropolitanas e periféricas como a Net, Web e outras tecnologias digitalizadas têm invadido os espaços da juventude, que parece ignorar os sinais da publicidade transmitidos, sobretudo os emitidos pelo Google, e mesmo assim continua propensa a seguir o curso dos bens materiais e simbólicos que a sociedade de consumo lhe fornece. A mistura TV, rádio, net, cinema, mídia impressa (TICs) parece fundir os mecanismos de negociação, elaboração, difusão e identificação dos valores e das identidades, incluída a escola, onde ao mesmo tempo que toda essa tecnologia parece entrar para o aproveitamento do conhecimento produz sentimentos de inclusão social voltada para o mercado e de negociação com os discursos alternativos que o consumo já fornece em casa via programas televisivos, novelas e merchandising.<sup>2</sup>

Na verdade os espaços sociais estão sendo apropriados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Inscrições para o vestibular, formulários para o pagamento do IPVA, bancos on-line, recenseamento do IBGE (via palmtops). Hoje as TICs estão presentes em todo lugar e quem não nasceu com elas, ou seja, não é um nativo digital teve que se adequar a elas imigrando para o seu mundo, os chamados imigrantes digitais.<sup>3</sup> Podemos considerar que aqueles nascidos após os anos 90 convivem com a tecnologia desde o berço e aqueles que nasceram antes disso viram a TV a cabo nascer, o celular se transformar de um ‘tijolo’ em um aparelho que permite hoje videoconferência e tira fotos em alta resolução. Isto sem falar do óbvio, a internet no Brasil expandiu-se nos últimos 15 anos a um ritmo frenético. Deixamos claro aqui que estas constatações dizem respeito ao Brasil, e mais precisamente Mato Grosso, pois nos outros países não conhecemos o ritmo de inserção destas tecnologias.

The importance of the distinction is this: As Digital Immigrants learn – like all immigrants, some better than others – to adapt to their environment, they always retain, to some degree, their ‘accent’, that is, their foot in the past. The ‘digital immigrant accent’ can be seen in such things as turning to the Internet for information second rather than first, or in reading the manual for a program rather than assuming that the program itself will teach us to use it. Today’s older folk were ‘socialized’ differently from their kids, and are now in the process of learning a new language. And a language learned later in

---

<sup>2</sup> É o ato de colocar o produto dentro de espaços privilegiados dos pontos de venda, notadamente esta ação promove a inserção de produtos ou marcas em programas de televisão ou cinema, às vezes sutil, às vezes escancaradamente.

<sup>3</sup> O conceito de nativo e imigrante digital é de Marc Prensky (2001)

life, scientists tell us, goes into a different part of the brain. (PRENSKY, 2001)<sup>4</sup>

Nesta primeira geração digitalizada que está na sociedade e no mercado desde a segunda metade dos anos 90 do século passado, já se pode apreciar uma espécie de deturpação da historicidade, uma miscigenação do tempo que reduz a contemporaneidade num parecer de simultaneidade totalmente focalizada num presente efêmero, onde a beleza, a interpretação do momento, a percepção de modelos de vida, comportamentos sexuais, estilos e aparências são montadas para um público diverso que por sua vez pode carregar várias identidades, oculto atrás de uma tela com mouse e capaz de modificar sua identidade para produzir informação, reações que o acesso aos canais digitais da comunicação fornece em privado.

Um exemplo de modificação de identidade são os perfis considerados *fakes* (em inglês, falsos) no Orkut. Estes perfis são criados com o objetivo de visitar outros sem ser reconhecido. Este procedimento tem diferentes motivações desde uma namorada ciumenta querendo conhecer as “amigas” do seu namorado até pessoas com segundas intenções que querem conhecer melhor a “caça”, antes de abordar para um relacionamento que pode ser apenas sexual ou mesmo amoroso.

Muito especificamente a net que ao produzir um efeito de total independência parece recrutar ao jovem e ao adolescente num espaço onde interpretam a cultura contemporânea via famosidades, photoshop, beleza induzida e shopping center, recriando comportamentos de imitação e de aparente independência, onde os questionamentos sobre lugar de pertencimento, direitos, acesso a informação ficam respondidos via consumo e se compreendem como as normativas que a democracia fornece, e que tem sua máxima representação no cartão de crédito.

Ao invés de fomentar o diálogo cidadão a TV, e agora a net parecem ser, se não os mais procurados, as mídias que com maior veemência desorganizam a interpretação de cultura, cidadania e conhecimento. Ambas as TICs carregam um arsenal audiovisual que se dá como certo para a percepção do tempo e do espaço. E na concorrência em que as duas se encontram, tudo acontece numa velocidade, diversidade e acessibilidade bem diferente das décadas precedentes aos anos 90, quando ainda a programação televisiva tida como imperativa de certo modo mantinha seu caráter participativo nos espaços sociais e procurava

---

<sup>4</sup> Publicado em “On the Horizon” (MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001). Acessado em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

interpretações de elementos culturais via roteiro, interpretação, e didática sustentadas pela Publicidade e a Propaganda.

Rádio, TV e Jornal tinham uma relação menos efetiva com a economia, não eram de mercado, mas de poder, estavam enraizados em ideologia. O Rádio e a TV não exigem um conhecimento letrado e por isso abriram rapidamente as portas para a manipulação e o plantio de ideias coronelistas e na sequência partidárias. O mercado estava concentrado e este cenário só veio se alterar com o surgimento da internet.

Hoje a net, além de desancorar a modernidade (com relação a tempo, espaço e lugar) também desterritorializa as relações e interpretações, e ainda propõe linguagens, formas de percepção do alheio e do próprio e do extraterritorial, invadindo o pensamento das novas gerações em idades cada vez mais cedo, quase que junto com a abertura de sua capacidade de compreensão.

Sem deixar de estar inscritos na memória nacional, os consumidores populares são capazes de ler as citações de um imaginário multilocalizado que a televisão e a publicidade reúnem: os ídolos do cinema hollywoodiano e da música pop, os logotipos de jeans e cartões de crédito, os heróis do esporte de vários países e os do próprio que jogam em outro compõem um repertório de signos constantemente disponível. (CANCLINI, 1996, p. 63)

O que antes foi espetáculo televisivo patrocinado e dirigido a grupos como família, adolescentes, jovens, adultos, atualmente encontra seu concorrente numa proliferação de imagens, discursos, relatos, onde identidade fica muito resumida naquilo que se aparenta ou no sonho de poder ter. Para isso a cultura das mídias<sup>5</sup> fornece cada vez mais recursos para a constituição de tais identidades, onde o ter valida a personalidade, a começar pela compra de um computador pessoal e de um telefone celular que são consideradas NTICs.

A adesão às NTICs não é um ato de liberdade, mas de necessidade. Hoje é quase impensável um escritório que não possua um computador para auxiliar a administração. O imigrante digital não teve escolha a não ser aprender a lidar com o excesso de controle remotos; um para o DVD, um para a TV a cabo, um para a TV, e assim por diante, som, ipod, celular, máquinas digitais, iphones etc. A imigração produz certo estranhamento que para um nativo é inexistente. A tecnologia para estes é como a língua materna, como afirma Prensky (2001), para os imigrantes sempre resta certo sotaque ou acento característico.

---

<sup>5</sup> Conceito proposto por Santaella (1992) em livro homônimo. Ela expõe a inexorável relação entre cultura e comunicação para em seguida afirmar que cultura das mídias apresenta crescente diversidade de veículos que engendram através da interação de uma multiplicidade de signos, efeitos perceptivos e comunicativos no receptor.

A nova configuração social que a globalização produz desde finais do século XX, vem acompanhada do predomínio da televisão e da telefonia com a recente inserção da net no espaço cotidiano, que atualmente consegue conquistar o mercado se declarando o novo local para compras de produtos e serviços, entretenimento e refúgio, onde é possível realizar todas as atividades reprodutivas da vida. Todo tipo de informação nutricional, de saúde, lazer e descanso, consumo e mercadorias podem ser adquiridas na internet. A internet ao contrário de limitar o espaço comunicacional e seus dispositivos parece ter ampliado a variedade e os meios de comunicação.

Em Cuiabá, até 1992 praticamente possuíamos dois canais de televisão, a TV Centro América (retransmissora da Globo) e a TV Brasil Oeste (Bandeirantes). A internet chegou em 1993 para 1994. Junto com ela chegou o celular e a velocidade e a proliferação de mensagens não mais apenas ideológicas, mas também mercadológicas, que puderam ser constatadas na multiplicação dos canais. Sites, novas rádios, grupos econômicos (todavia, também políticos) investindo na construção de novos canais de televisão (hoje são mais de dez) incluindo novos canais de TV pública, como a TV Assembleia (da Assembleia Legislativa de MT) que retransmite as sessões legislativas próprias (ao vivo e também da Câmara dos Vereadores de Cuiabá e do Tribunal de Contas do Estado). Depois de sete anos implantada a TV ALMT, uma das pioneiras no Brasil, “exporta” programas e tem convênios com diferentes instituições brasileiras para transmissão de uma programação cultural e sem fim lucrativo.

A ideia da liberdade de pensamento e interesses como diferenciação entre as tribos culturais se desenvolve em todas as suas manifestações e os blogs pessoais se constituem em espaços virtuais, maleáveis o suficiente para permitir a renovação e validade de temas nas mais diversas interpretações que servem para captar as mudanças mais insignificantes dos tempos modernos. Hoje, por exemplo, a biblioteca do Senado americano está arquivando todas as mensagens via Twitter com o objetivo de servir de fonte para a leitura da sociedade contemporânea no futuro.

Nessa mesma lógica, o mercado via internet ganha relevo e corteja não somente a juventude, depois de instituí-la como protagonista da maioria dos seus mitos, também apela para a expansão do pertencimento a uma ou mais comunidades de valores e sentidos, num cenário mais abstrato, porém igualmente forte ao recriar as realidades, de um imaginário múltiplo assegurando a fantasia de inúmeras pessoas a partir dos valores que cada grupo de navegação, relacionamento e pesquisa fornece na net. Dessa forma o deslocamento e a descentralização, a fragmentação das identidades modernas na comunicação virtual permite

uma diversidade de projeção e de compreensão das paisagens culturais, de classe, gênero, etnia e nacionalidade que num passado ainda recente mantinham sólidas fragmentações dos indivíduos como elementos sociais.

Ao estudar Sodré (2006) se verifica como a prescrição mediática é difusa, sem linearidade discursiva e opera numa lógica não-sequencial que se reforça via blogs, sites, com uma tendência a representar signos sem significado universal permitindo infinitos contextos de interpretação.

Nesses espaços, os territórios socialmente construídos se reconfiguram formatando novos estilos de vida e ambientes múltiplos para atender as necessidades da contemporaneidade, que o usuário da net se identifica e se mescla navegando pelos mais diversos espaços informativos e de lazer. A vivência das grandes cidades junto com a cultura do consumo influencia de maneira determinante o modo como as pessoas vivem gerando formas de sociabilidade e de subjetivação, atravessadas por vetores como a velocidade e a fluidez, por sua vez resultantes da comunicação acelerada que acompanha as experiências sociais.

Sobre esses fenômenos Martin Barbero (2003) destaca que o particular e contraditório vínculo produtivo com a cultura massiva e as inovações tecnológicas se incorporam aos processos identitários e estão presentes nos modos de narrá-lo, no marco de processos sociais complexos articulados pelo mercado, pela política e pela cultura.

Nas sociedades modernas interagem os meios de comunicação convencionais com as redes virtuais que a internet fornece, apresentando muitos núcleos e centros que (re) produzem identidades fixas, junto com uma pluralidade de centros deslocados e sem aparente identificação, podendo-se argumentar que nesse processo a classe social segundo alguns autores da pós-modernidade não existe mais como uma única força, determinante e totalizante, que molde todas as relações sociais tal como no paradigma marxista, mas uma multiplicidade de centros, onde todos se encontram inseridos na voragem do consumo e dos crediários.

A Comunicação Mediada por Computador (CMCs) é um elemento que possibilita a análise das trocas sociais de modo atemporal e desterritorializado. Os rastros deixados nas interações sociais via CMC podem ser observados anos mais tarde. Por meio da CMC indivíduos constroem pontes, portas e interagem subjetivamente criticando, defendendo um artigo, um comentário ou um comportamento. Hoje se entrarmos no site Overmundo podemos rever discussões homéricas travadas há mais de dois, até há quatro anos. Esta característica de

memória guardada vem ao encontro da fluidez e volatilidade que a identidade assume na contemporaneidade canalizada pelas tecnologias das redes. Por meio da análise das interações mediadas que são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que geram impactos na estrutura social. Atores ou grupos sociais estabelecem conexões que compõem a rede passível de estudo.

Ao contrário do que o “nativo” pode pensar, a interação mediada não começa com a internet ou o celular. Ela começa com a carta, na verdade até a comunicação oral face a face de uma história contada por outrem pode ser considerada uma comunicação mediada. Sim mediada por outra pessoa, mas mediada.<sup>6</sup> As cartas também podem ser retomadas no tempo, a correspondência entre os escritores Ricardo Guilherme Dicke (MT) e Carlos Drummond de Andrade da década de 60 pode ser analisada, mas para isso é preciso uma autorização da família ou que estas cartas estejam depositadas em uma biblioteca pública. A CMC via internet ocorre muitas vezes em um espaço público; blogs, fotologs, sites na web 2.0 (que permitem comentários), e não tem restrições de acesso geográfico ou temporal. Dentro da rede aberta, pública, temos redes fechadas, as intranets ou mesmo as comunidades que para se participar é preciso ser aceito pelo grupo, o que guarda a característica de espaço privado. Muitos blogs também publicam comentários apenas depois da mediação/aprovação do mesmo, restringindo o caráter público.

O próprio Orkut começou de maneira muito seletiva onde para se entrar era preciso ser convidado por alguém de dentro. Isso gerou até venda de convites em certa altura da euforia. Hoje, se a pessoa criar um email no gmail (da Google) e acessar o site do Orkut (da mesma empresa) ele gerará um perfil automaticamente, mesmo que aquela pessoa possua a partir de outro email um perfil no Orkut. Ou seja, a porta está aberta.

## **1.1 Tecnologia de berço**

As capitais brasileiras e as cidades que as circundam estão submersas no mesmo processo que a maioria das cidades do mundo desenvolvido. O adolescente já entra no consumo disputado pelas mídias que o reconhecem como um potencial consumidor não só de ideias, mas também de produtos se tomarmos em consideração que já ele sai de casa muitas vezes como usuário de TV aberta ou assinada, chega à escola com celular. Acrescentamos a

---

<sup>6</sup> Vamos considerar aqui a mediação que propõe Thompson (2008), ou seja, há mediação do ponto de vista tecnológico e não pessoal.

isso pelo menos 40% dos jovens cursando o primário que já possuem câmera digital e computador em casa. Podemos constatar isso em Cuiabá e suas periferias.

Se já a tendência das mídias de modo geral é decodificar o cotidiano de seus públicos alvos, a net e a TV possuem muitas formas de representar o material que elaboram ao recolher as culturas privadas, e o devolvem em discursos decodificados, em inúmeras imagens que vão desde filmes, telenovelas, wallpapers, blogs pessoais, reunidas em sites aglomerados pelos campos de saber dentre os quais destacam a psicologia e os da informação nutricional e de saúde. Tudo então chega convertido em normas de como ser adolescente, eternamente jovem e possibilidades de relacionamento.

Ao revisar estes fenômenos da digitalização, tentamos focalizar na possibilidade de incorporação que crianças e adolescente têm no novo cenário das TICs e como isso reflete na escola, em casa, já que em MT as telas da internet, os telefones celulares, os vídeo games se encontram em pelo menos um de cada seis lares e ao menos 40% têm acesso à internet.<sup>7</sup> Isso gera hábitos onde a navegação por sites de comunicação instantânea tipo Twitter ou MSN é preferida à dos correios eletrônicos. Sem contar que ao menos a metade dos jovens e crianças utiliza a net para realizar os deveres de casa, fenômeno que se intensifica quando se chega aos estudos universitários e sempre está acompanhado de download de arquivos musicais, cinematográficos, séries televisivas e um fenômeno que se incorpora desde as primeiras tentativas de navegação que são os jogos online.



<sup>7</sup> Em 2005 eram 18%, em 2008, 33,8% de lares conectados à internet Segundo o IBGE, hoje a estimativa é de mais de 40% considerando os “embriões” do programa Internet para Todos implantados pela prefeitura de graça.

Podemos notar então, como os primeiros anos de vida e a adolescência são um período que proporciona a rápida implantação das tecnologias da comunicação e acontecem taxas elevadas de penetração da internet, dos celulares e vídeo games em escala bem superior ao que acontece nos outros grupos sociais.

estamos aprendendo a vislumbrar uma situação maior que está prestes a acontecer, em um prazo exatamente previsível, porque apenas nos últimos três ou quatro anos havia um número suficiente de crianças com computadores em casa e a oportunidade de usá-los. O grupo de jovens que nasceu e cresceu com a presença do computador ainda não atingiu as escolas com força total. Mas acontecerá em breve, e quando isto acontecer, prevejo, veremos dentro das salas de aula uma pressão irresistível para que a estrutura, o conteúdo e a natureza das escolas sejam mudadas. (PAPERT, 1998, informação verbal)<sup>8</sup>

Ressalta ele um profundo desgosto com a educação inglesa e americana, que conhece bem, no que tange o uso adequado da nova tecnologia, chamada computador, dentro das salas de aula. Papert é um defensor do ‘construcionismo’ (termo próprio) como sendo a abordagem do construtivismo que permite ao educando construir o seu próprio conhecimento por intermédio de alguma ferramenta, como o computador, por exemplo. Esses jovens a que ele se refere são os nativos digitais. Crianças que nasceram na “Era da Informação” e que dispõem destas tecnologias antes de saberem ler o mundo. No Brasil poderíamos situar estes nativos pós-1990 ou até mais recentemente a partir de 2000, dado o ritmo de penetração e acessibilidade que as NTICs tiveram no país. Lembrando que os preços de computador e mesmo dos serviços de celular e internet tornaram-se mais acessíveis nos últimos dez anos. A OCDE<sup>9</sup> vem estudando desde 2006 esta relação das tecnologias com a educação e propõe o termo aprendizes do novo milênio (em inglês, New Millenium Learners) .

Observa-se como, nos lares com uma vida estruturada economicamente, são os pais os primeiros fornecedores da tecnologia que muitas vezes eles mesmos totalmente não dominam, e meio que confundem o saber e a curiosidade com o domínio da tecnologia.

Desde uma perspectiva adulta as NTICs (computador, Iphone, câmeras digitais, scanner) parecem colaborar para um melhor rendimento escolar e para a localização dos

---

<sup>8</sup> Palestra feita em julho de 1998. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2073699/Child-Power-Keys-to-the-New-Learning-of-the-Digital-Century>. Acesso em: 13 de agosto de 2010

<sup>9</sup> A OCDE é uma organização internacional e intergovernamental que agrupa os países mais industrializados da economia do mercado. Com sede em Paris, na França, os representantes dos países membros se reúnem para trocar informações e definir políticas com o objetivo de maximizar o crescimento econômico e o desenvolvimento dos países que participam da organização. O Brasil tem cooperado mas ainda não recebeu um convite formal para integrar a Organização.

menores e adolescentes no tempo que eles dedicam a seus serviços e profissões. E assim temos entre crianças e adolescentes os celulares usados para envio de SMS e todo tipo de mensagens curtas e computadores para atividades de lazer e de reforço das atividades sociais com seus iguais, sem contar as inúmeras incursões em sites de toda natureza. E não surpreende que pelo menos um terço dos adolescentes e crianças que têm acesso aos mecanismos de consumo participativo no seu lar, realize compras desnecessárias.

A incidência destes meios no público com idade inferior aos 18 anos é muito alta e parece ser um fenômeno “natural” que invade países desenvolvidos, em vias de desenvolvimento e os chamados periféricos. Apenas 26% dos jovens no Brasil não estão conectados como mostra a maior pesquisa realizada com este público até hoje neste século<sup>10</sup>. E em todos os espaços sociais que se estabelecem chegam a criar uma cultura do isolamento que se faz notória até nos cyber café (e/ou Lan houses). Uma vez que abertos como locais para a democratização da internet e seus recursos mesmo naquelas cidades onde o televisor e o celular se converteram em item corriqueiro, ainda assim se apela para cabines individuais, e não se observa a típica socialização entre seus visitantes, como acontece no cinema, teatros, ginásios, casas de jogos ou clubes noturnos. É claro que algumas Lan houses são notórias pelos jogos on-line que mobilizam grupos de adolescentes que jogam gritando uns com os outros, uma exceção ao individualismo recorrente na maioria das vezes.



Desse modo podemos considerar o cyber café como a continuidade da habitação pessoal onde muitas vezes além do televisor se constata a presença de um PC ou notebook, ficando então convertida num espaço íntimo, pessoal e próprio para a comunicação virtual. Vale então atentar para a dicotomia que existe entre geração adepta a televisão e a geração adepta a comunicação virtual, pois ambas ficaram presas a tecnologia da informação e sofrem múltiplas influências que modificam seus modos de agir, estudar e se relacionar.

<sup>10</sup> Pesquisa Datafolha publicada na Folha de SP em 27 de julho de 2008

Se por um lado os fetiches ditam moda, espaços para consumo e propõem formas de vida e profissões, se admite certo apelo para conservar valores e moralismos, assim como conservar os direitos humanos. Por outro se observa a pirataria, o descaso a propriedade intelectual, uma fronteira muito difusa entre o admissível e o condenável, sem contar a quantidade de conteúdos violentos, ou com alguma proposta xenófoba, sempre respaldada pela liberdade de expressão, bem diferente da censura e controle que a criação televisiva exige. Marcar a idade dos programas, assim como organizar o acesso a conteúdos virtuais está entre as exigências que mais mobilizam educadores e atores sociais para a correta preservação da mentalidade nas primeiras idades no referente ao certo e ao errado, e se tenta esclarecer o objetivo ou real necessidade de chats, comprarem bens ou serviços, preencher enquetes, ou fornecer dados pessoais.

## 1.2 Jovem e o consumo na rede

As redes sociais na internet<sup>11</sup> com maior frequência estão derivando em instrumentos de negócios, principalmente para o comércio eletrônico, influenciando assim compras dos e-consumidores nacionais. Contudo, o gasto médio deste setor de consumidores via rede (webshoppers), influenciados por esses meios parece ser mais controlado que o dos assistentes a shopping center de um modo geral. Isso acontece segundo pesquisas realizadas por vários canais da net vinculados ao IBGE porque a renda e a idade dos e-consumidores parecem ser menor que a dos consumidores comuns, que por sua vez são mais influenciáveis pelos mecanismos de propaganda e marketing.

As pesquisas do Info-money.com.br revelam que no comércio eletrônico, de maneira geral, 8% dos e-consumidores têm idade entre 18 e 24 anos, já entre os usuários de comércio eletrônico sob a influência direta das redes sociais, a parcela mais jovem chega a 21%. Bem diferente da parcela com idade entre 35 e 49 anos que pode chegar bem perto dos 40% entre os webshoppers e quando analisados sob a influência das redes sociais não passam de 27%. A idade dos que se sentem influenciados pelas redes de relacionamento é, em média, sete anos menor do que a média dos e-consumidores em geral. E exatamente por se tratar de um público mais jovem, a capacidade de compra é menor, uma vez que esses webshoppers podem não

---

<sup>11</sup> Redes sociais podem ser definidas como conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). (RECUERO, 2009, p.24)

estar inseridos no mercado de trabalho e podem não ter renda própria ainda. A estimativa do Info-money é que os gastos desta classe de consumidores (via rede social) no primeiro semestre de 2010 foi 30% menor que os e-consumidores em geral.

Se enfrentarmos os detalhes da cultura contemporânea quando se trata de analisar a subjetividade do jovem se faz necessário ficar longe dos preceitos e da visão costumeira com que a psicologia tradicional classifica crianças e jovens. Várias pesquisas ao longo do século XX, com destaque para Castro (1998) realizam verdadeiros inventários sobre quem pode ser uma criança, muitos deles indagando suas possibilidades, habilidades e experiências, até determinarem o que uma criança pode e deve fazer. Essa pesquisa fica legitimada com o aprimoramento do conceito de indivíduo numa trajetória que inclui progresso, desenvolvimento e maturidade.

De qualquer modo, a projeção social da criança contemporânea a coloca nas mais diversas posições, muitas delas contraditórias, pois ao mesmo tempo em que ela não sabe, deve comparecer aos centros de educação, socialização e ensino; parece saber mais que os próprios pais quando o assunto se concentra no computador pessoal. Os jovens inseridos na era da tecnologia e da mídia, sempre submersos e integrados a redes comunicacionais interdependentes, enfrentam com muita naturalidade as tecnologias do mundo contemporâneo.

Especialmente lidando com o consumo vemos a força dos centros produtores, capital e propaganda, e vemos a força do receptor onde a valorização ou não da mercadoria de fato se manifesta. Para Benedito Diélcio Moreira (2008) “O jovem-adolescente, (...) transita de um estado de sedução e submissão aos encantos das mensagens midiáticas para o posicionamento de um cidadão, não se fixando, porém, em nem um dos lados.” Apesar disso, Moreira explica que o jovem não tem a consciência deste balanço entre os lados.

Qual seria o impacto de tantas modificações na identidade dos adolescentes e como tais mudanças podem influenciar a identidade, o caráter e o comportamento de sujeitos que simplesmente crescem numa realidade automobilística, televisiva e computadorizada. Para Moreira ainda, isto se constrói na interação entre o infante e a família que o rodeia e que faz a priori a recepção das mensagens do mundo para a criança nativa digital.

A diferença do século XIX que já para suas últimas décadas concebia o produto apenas pelo seu valor funcional, na sociedade pós-moderna deste século as mercadorias entram no cotidiano e na rotina das comunidades e seus indivíduos independentemente de seu verdadeiro

valor de uso, a começar pelo marketing e a publicidade, que desde a ética do consumo não vêm empecilho à sua inutilidade.

As limitações que os espaços urbano-industriais impõem, também ficam refletidas no grau de solidariedade entre os indivíduos pelo abafamento e divulgação de muitos códigos culturais e tradicionais que vem ser reinterpretados. Com esse rompimento a sociedade precisa apelar para novas variantes de integração sem deixar de compreender que o mercado tem se convertido numa das principais formas de regulamento e orientação da conduta. Se por um lado, o cartão de crédito se estabelece no processo da digitalização do dinheiro, e virtualizando sua identidade como consumidor, por outro lado a publicidade passa a desempenhar o papel de elaborar os desejos do consumidor atomizado, conferindo-lhe certa estabilidade social. Aparece assim um mecanismo de controle, disfarçado de felicidade na tentativa de reorganizar as relações sociais que carregam o descontentamento moderno.

Nesse contexto, as sociedades avançadas (com toda a complexidade que as relações de produção, as flexibilidades de horário, as exigências acadêmicas e os níveis de consumo impõem) se vêem na necessidade de integrar os jovens em processos com possibilidades ilimitadas de produção e consumo, incentivando neles desde uma prévia adolescência o aumento da capacidade social de ação.

O que ainda nos anos 40-60 do século XX parecia um imperativo para o amadurecimento e a tomada de decisões de uma criança com escassos 12 anos, parece estar solucionado para quase a totalidade das crianças urbanas no mundo contemporâneo que não tem responsabilidades sociais da criança do pós-guerra ou mesmo do adolescente que aos 14 devia trabalhar já que a faculdade não era prioridade e nem acessível para a imensa maioria. Nosso momento histórico se caracteriza também por rupturas com os padrões de percepção e entendimento da realidade há muito consolidados e que serviram como sustento para o surgimento e desenvolvimento das sociedades modernas. Veja-se como a cultura do consumo já estabelecida desde a segunda metade do século XX modificou a inserção social dos sujeitos a partir do 'ter', já que a lógica do consumo se sobrepõe a lógica da centralidade de produção. E ainda, sem ter alcançado os totais 30 anos para o amadurecimento de uma total geração da cultura de massa e da tecnologia digital, a estabelecida ideologia consumista que garante o ser dentro da contingência imediata que é o possuir, ser, consumir e ter, se vê prejudicada pelo representar e pela simulação que a comunicação de massa vem impondo desde finais do século XX.

Emergentes na cultura do consumo, as crianças adquiriram uma visibilidade social até então desconhecida, uma vez que seu lugar no mundo produtivo sempre permaneceu e ainda permanece periférico, ou inexistente, até porque tem sido sistematicamente negada qualquer contribuição da criança à sociedade produtivista. (CASTRO, 1998, p. 59)

A ideologia do consumo garante e exige a exibição imediata de objetos, as coisas são compreendidas com um valor simbólico, cuja ostentação permite a projeção dos sujeitos numa grade classificatória de status social. Nela prevalecem os ícones portáteis que neste começo de século ganham sua maior representação em NTICs: laptops, pendrives, HDs, MPlayers, inseridos ao elemento fashion que os indivíduos conseguem adquirir. As coisas constituem objetos fetichizados que se convertem em critério absoluto do valor social e subjetivo, assim mesmo se tornam porta-vozes dos gostos, dos interesses e dos valores subjetivos. A visão pós-moderna substitui a importância do conteúdo pelo destaque da imagem, desse jeito o significativo ao ser liberado vira um elemento ou centro de fascinação, de prazer sedutor, de uma intensa, porém fragmentada experiência estética.

Nesse contexto, o jovem que se vê representado nos anúncios e nos programas de televisão, que escuta e imita ídolos da música, que assiste cinema de ficção e se vê proprietário dos mecanismos minimizados de comunicação chega a assumir comportamentos (nas relações, estilo, sexualidade) que o identificam com os elementos representativos obtidos a partir daquilo que a retórica comunicativa coloca a sua disposição. É assim como essas identidades em construção conseguem ser constantemente modificadas.

Se por um lado a confecção de objetos um dia objetivou-se para suprir as necessidades básicas cotidianas, por outro, sua ostentação desde então passou a ser sinônimo de *poder* do detentor, potencializando as representações sociais do sujeito-objeto. Independendo se potes, lanças ou paramentos alegóricos, “ter” transformou-se em pré-requisito imperativo a validação das representações sociais. Tal evento pode sem muito esforço ser observado até os dias de hoje. Entretanto, é preciso ter em mente que *valor*, *poder* ou *beleza* do objeto em questão, em hipótese alguma pode ser categorizado de maneira genérica. O mesmo objeto certamente receberá *valor diferenciado* de acordo com o contexto do eixo temporal, da cultura, da geografia dentre tantos outros fatores necessários a sua mensuração material e/ou simbólica.

Ao termos a net como eixo ilustrativo deste trabalho vemos que no Brasil mesmo que a net ainda não ocupe o 50% de acesso já consegue ser indispensável nas mudanças macro-societárias da economia, da política e da cultura, bem como de certas relações familiares,

participando das crises e reorganizações da identidade. Um processo que se caracteriza pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento, onde a luta e a contestação estão concentradas na construção sociocultural das identidades, tratando-se de um fenômeno que vem ocorrendo em diferentes contextos.

Assim, enquanto nos anos 70 e 80 a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito (raça, cidadania, direitos humanos), desde os anos 90 até a atual mundialização com a disseminação da internet se reforçam a competição e o conflito entre as diferentes identidades, sobretudo pelas nuances que o consumo propõe o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo. Dessa forma, as “crises de identidade” parecem adquirir sentido quando vistas no contexto das transformações globais que se inserem nas particularidades da vida contemporânea, ao mesmo tempo em que a globalização impõe a ruptura com as velhas estruturas dos estados e das comunidades nacionais que entram em colapso, cedendo lugar a uma crescente transnacionalização da vida econômica e cultural.

A interação entre fatores econômicos (reconfiguração dos mercados) e culturais causa mudanças nos padrões de produção e consumo, e produzem identidades novas que quando vistas na mídia mostram símbolos de caricatura, formando grupos de consumidores globais que podem ser encontrados em qualquer canto do planeta e mal se distinguem entre si. É a convergência de culturas e estilos de vida com seus impactos, aos quais estão expostos todos os membros da sociedade, a partir da família como núcleo inicial do aprendizado social.

Conseqüentemente, as mudanças na economia global produzem dispersão das demandas ao redor do mundo, num processo caracterizado por grandes desigualdades, em que o movimento global do capital é muito mais livre que a mobilidade do trabalho, ou seja, a expulsão de migrantes pelos países pobres torna-se mais forte que a atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas, surgindo identidades plurais que são ao mesmo tempo contestadas, frente às barreiras culturais que obstaculizam as relações sociais.

Nesse movimento está implícita a busca pela reconstrução de identidades a partir da nova configuração da sociedade em grupos sociais, e cada um deles reivindica seus espaços marcando a identidade pela diferença, tanto simbólica quanto social. Assim, pode-se dizer que é por meio da organização e ordenação das coisas que o significado é produzido dando ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e rituais, ou seja, as identidades são construídas através da oposição binária, oposições cristalinas – natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão.

Dessa forma, nesses sistemas partilhados de significação acontece o que se entende por cultura contemporânea enquanto construção social, móvel, de fluxo contínuo, que se dá a partir do que está além da língua. Em outros termos, tudo deve ser pensado dentro do seu contexto sócio-histórico possibilitando a existência de consenso entre os membros de uma sociedade sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social na vida cotidiana.

Há assim a elaboração quase manipulada no sentido do que devemos fazer ou ser, uma vez que a produção de sentido a partir da compreensão ativa dos bens simbólicos é decisiva na construção das identidades coletivas que sobrevivem na contemporaneidade, ajustando-se aos mecanismos previsíveis econômicos que atualmente derivam em meio de controle na sociedade. Adquirindo relevância no processo que o legitima através de seus dispositivos produtores de subjetividade.

### **1.3 A comunicação e as relações sociais**

Considerando que a manifestação cultural contextualizada na contemporaneidade é reconstruída dentro das novas relações sociais e familiares com interferência da mídia, da modernização e da urbanização, não se pode deixar de considerar que os processos de individualização sejam capazes de reordenar definitivamente o posicionamento que esta tomará na fragmentação da identidade do sujeito, na sua busca por antigos valores culturais e na tentativa de afirmação social, mesmo que a globalização o influencie diretamente na aceitação e análise de outras realidades.

Como os códigos de comportamentos sociais surgem pela cultura, são institucionalizados pelo poder político e propagados/difundidos pelo poder simbólico que os *mass media* representam, as implicações dessa relação na comunicação contemporânea parece responsável por assinalar novas percepções do conflito social e da formação de novos sujeitos. Assim com a consolidação do sistema capitalista e as mudanças no mundo do trabalho houve alterações no plano econômico, nas esferas sócio-culturais, inferindo diretamente na família e na condição objetiva e subjetiva dos indivíduos. A partir dessa constatação, ficamos de frente para dois processos diferentes, porém sempre coesos, o social e o simbólico, onde cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A mídia segundo Woodward (2002) é uma das instituições que podem construir

novas identidades, das quais os sujeitos podem se apropriar e reorganizar para seu uso. Nesse sentido, os sujeitos são constrangidos não apenas pelas identidades que a cultura oferece, mas também pelas relações sociais que estabelecem.

Nesse sentido mulheres, crianças, jovens, homossexuais, doenças ganham mais visibilidade nas diversas esferas das cidades globais pelo mundo, independente do espaço público ou privado, e desenvolvem a capacidade de gerar significados e imagens internas, seja na fantasia ou no sonho, seja no profissional ou no lazer, na ciência ou arte, na religião ou no entretenimento, nos permitindo dizer que tudo ao nosso redor é composto de imagem, formas, luzes e cores, constituindo um universo, onde infinitas possibilidades apresentam-se em nossa frente em desdobramentos e sequências inimagináveis.

Esses espaços configuram-se mesmo na contradição e conflito, numa perspectiva de indagação das condições reais do consumo, entendido como conjunto de processo sociocultural em que se realizam a apropriação de bens e o uso de produtos, que vai além da racionalidade econômica. Há nesse espaço, uma racionalidade sociopolítica interativa, onde consumir significa participar de um cenário de disputa por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-los. Os personagens chaves da comunicação representam diferentes culturas que convergem em múltiplos espaços sociais onde a produção estratégica dos setores econômicos dominantes gira em torno da administração dos processos políticos e identitários.

Nesta direção, a desterritorialização das culturas em tempo de globalização imprime relações que abarcam o cotidiano das famílias onde as distâncias são abolidas e as diferenças vão sendo amenizadas, havendo necessidade crescente de distinção simbólica, de identificação representativa da particularidade diante do outro, diante da massa, diante do todo. Nesta direção, reproduz um *slogan* de progresso tecnológico em que as técnicas de comunicação e persuasão reforçam a atomização das pessoas, transformando a família em consumidora e não cidadã, o que tem produzido consequências sobre os hábitos de consumo e valores nos espaços privados.

Com o progresso tecnológico e novas relações ocorre a mudança de percepção do status na sociedade, ao mesmo tempo em que é construída uma nova consciência, emergindo uma “nova identidade” que evolui sob a influência do tempo, incorporando crediários, marcas, imagem e tecnologia às crenças, opiniões e ideologias. Nesse panorama, a televisão brasileira e a internet (TICs) apelam para as mais diversas representações simbólicas da beleza e saúde, da fragilidade e dependência, do coletivo e pessoal, do feminino, do moral e

censurável, redimensionando e instaurando o corpo, as marcas e espaços públicos como núcleos praticamente homogêneos que giram ao redor de desejos e realizações.

Isto posto, a forma particular de pensar a questão da condição de gênero, da individualidade social historicamente construída implica focar o interior das relações travadas nas famílias, nas questões de ordem natural e ecológicas, na construção cultural do papel social e individual totalmente influenciadas por aspirações no plano material sem esquecer os apelos para a prática desembaraçada do erotismo.

Nesse último processo a internet parece ser o meio ideal para canalizar as mudanças nas relações de condição de gênero, perpetuando no século XXI a cultura de estereótipo, quando fala da influência da publicidade nas relações humanas exercidas através de diversas ferramentas de persuasão utilizadas nas campanhas publicitárias para propaganda, prazer e deleite masculino e feminino.

Analisando a síntese dos espaços e da representação do cotidiano, pode-se pontuar que a questão dos deveres e direitos que se acentuam com a emancipação da mulher, as leis anti-racistas, o acesso a educação resultam importantes nas mudanças do modelo de família, na interpretação da religiosidade que no decorrer da história passaram por significativas transformações, tendo como grande marco a segunda metade do século XX com a proliferação dos meios de comunicação de massa e a liberdade de expressão. Já no início do século XXI com a internet, se acentuam o desvelar de atitudes, comportamentos e enfrentamentos nos diferentes espaços sociais, na busca da emancipação, na superação de qualquer tipo de opressão e dominação, que muitas vezes ainda se faz presente no cotidiano das comunidades pelo mundo. Aparece uma espécie de informação sem fronteira, mais veloz que qualquer migração física, capaz de falar de direitos trabalhistas, desordens políticas, ecologia, identidades de gênero, sem poder deixar de afirmar que seus apelos sejam os típicos de qualquer outro tipo de controle comunicativo.

Por outro lado, com as mudanças na contemporaneidade amplia-se o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, corroborando para expansão da comunicação em rede que articulada às mudanças políticas, econômicas e culturais trazem engendrados ideologias e mecanismos que vão sendo incorporados por cada indivíduo no âmbito social compelidos pela imitação, e no caso específico da presente discussão, pode ser observado como a mídia virtual no contexto da globalização influencia e é influenciada, remodelando hábitos e costumes, fazendo emergir novas identidades. Assim como desde os anos 50 do século passado vem fazendo a televisão.

O conteúdo da mensagem pretende ordenar fatos, conservar lembranças, estabelecer limites entre o proibido e o negligenciado pela visão social que o formulador da ideia carrega. Existe uma tendência bem marcada de deslocamento do poder e de armazenamento de dados socioculturais, pois a mídia, cada vez mais, tenta noticiar a história fazendo referência aos elementos sociais e culturais, acompanhados de apologia ao consumo e nos últimos tempos ao terror, com destaque para rupturas comunitárias e desvios de comportamentos. Violência, luxúria, culpa, estresse, depressão, competência, liderança, e outras atitudes convergem e emergem na presença de uma marca, de um jogo de futebol, de um ídolo, e contribuem na fabricação dos sonhos de consumo em elementos como casa, automóvel, corpo idealizado que produzem em todas as esferas sociais.

Aparece assim a organização social como integração de múltiplos micro-ambientes da comunicação que rege comportamentos com diversos e inúmeros patrocínios, onde a família, os colegas de trabalho, as diferentes comunidades religiosas concentram num único espaço social várias esferas e facetas do proceder individual. A linguagem constitui-se então em elemento concreto quando o sentido do registrado questiona os fatos como resultado das práticas sociais e ao tomar em consideração a pluralidade de significados que a comunicação leva até às pessoas.

O processo de evolução dos meios de comunicação é constante e ditado pela necessidade da sociedade em encontrar novas formas de interagir: a propaganda e publicidade como portas de intercâmbio com o consumo e a informática, como uma das mais recentes ferramentas das mídias, sustentam a necessidade de interação não só entre indivíduos e grupos sociais, mas também destes com os meios de comunicação.

Os meios de comunicação tem se fincado, de modo crescente, os espaços onde se elaboram, se negociam, e se difundem os discursos, os valores e as identidades. Segundo Canclini (1996), muitas das perguntas próprias dos cidadãos que procuram saber sobre procederes, os direitos que usufruem, onde encontrar respostas a seus interesses parecem ficar respondidas mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos.

Dentre os meios de comunicação mais acessíveis à população está a televisão. Para Martin-Barbero e Ruy (2001, p.34) a televisão “é a mídia que mais radicalmente irá desordenar a ideia e os limites do campo da cultura”. E na atualidade a experiência audiovisual se encontra numa fusão quase homogênea de telefonia, internet e antenas

televisivas capazes de transformar qualquer percepção do espaço e do tempo. Cada uma se utiliza de mecanismos que mobilizam e aprofundam o ancoramento que a modernidade produz com relação ao lugar, modificando os modos de apresentação e relacionamento, as formas de compreender o próximo e o remoto. Já no tempo a percepção consegue se distinguir pelas experiências da simultaneidade, do imediato e prolongado que pode acontecer na distribuição das informações e seus recursos. Desse modo, o sentimento da fundamentação histórica fica disperso e se difunde numa contemporaneidade que entrelaça os tempos e os comprime nos sincronismos que a atualidade exige com o culto ao presente e material, sempre alimentado pelos meios de comunicação e incentivado pelos apelos ao uso de tecnologias eletrônicas, digitais, que em muitos casos parecem mais esteticamente concebidas do que para facilitar as ações (com muita ênfase na simultaneidade).

Temos então que a televisão fornece imagens, discursos, narrativas e espetáculos capazes de produzir reações, satisfatórias ou não, no processo de recepção. Suas imagens sempre procedem daquilo que é apropriado em termos de modelos sociais, comportamentos sexuais, estilo e aparência. Se tentarmos revisar como a formação de identidades tem se alterado com essas evoluções vemos que a aparência, o jeito de ser, a imagem ficam totalmente confusos na cultura da mídia que transforma o sentido de identidade. Desse modo, aquilo que devia ser, aparecer, constituir compromissos, organizar escolhas morais, políticas e existenciais, resulta ser aquilo que se aparenta. Estamos falando da imagem, do estilo e do jeito como a pessoa se apresenta assim como da materialidade que persegue. A cultura das mídias fornece cada vez mais material e recursos para a constituição das identidades dispersas que junto a internet mostram ser prolífera em tudo quanto permite essa disparidade.

Nessa sociedade de consumo, o público torna-se alvo de disputas das mídias, sendo visto como consumidor em potencial não só de produtos, mas também de ideias. Assim, no processo de produção, as mídias decodificam o cotidiano juvenil, e divulgam a perda da privacidade e a juventude perpétua, facilitam o consumo exacerbado ao recolher e representar alguns elementos das tradições privadas através dos quais se procura difundir a necessidade de uma eterna juventude e beleza, se codificam discursos sobre ser saudável e consumir traduzidos em normas, que sustentam vários campos do saber, dentre os quais a psicologia, a medicina, a publicidade e a educação.

Das estratégias de construção de um modo de ser na mídia, podemos destacar telenovelas como “Malhação”, o programa “Altas Horas”, as revistas Capricho, Atrevida e Viver Bem, programas como o da Ana Maria Braga e outros visto que muitos são similares a

esses exemplos e isso acontece em qualquer país onde a cultura das mídias se desenvolve. Todos os produtores, e financiadores desses recursos migram para a internet gerando os espaços oficiais (sem restrição linguística ou de tempo para acesso) onde a divulgação dos elementos comunicativos e seus recursos para o consumo acontecem com o apoio de todo tipo de crediários bancários que se encontram na dimensão internacional. Isso tudo convive perfeitamente com a ideologia do êxito e da celebridade, onde a atitude de famosos deve ser interpretada como o êxito na vida a ser imitado.

Baseado nestas reflexões é possível perceber como a projeção contemporânea do comportamento social nos meios de comunicação perde o valor intrínseco de classe e se focaliza na estrutura dos espaços sociais onde as massas são vistas em dependência dos interesses que seus grupos econômicos pretendem e que terminam na criação de espaços para jovens e adolescentes, famílias, mulheres, saúde, alternativas sexuais, viagens e lazer e que quando são veiculados pelos jornais e revistas, no rádio, gravadoras e pela televisão viabilizam a presença de seus públicos alvos. Esse processo rende litígios pelo público que pode ficar totalmente carregado e muitas vezes se resolve com multiplicidade que o anonimato admite na existência de todos esses sites e pela fluente gratuidade que admitem, atraindo todo internauta interessado em participar, usufruir, experimentar as propostas dessas especificidades, sem contar a liberdade de horário para o acesso.

As nets contemporâneas contêm inúmera quantidade de recursos para o entretenimento e o lazer, dando a impressão, a primeira vista que sua utilização pode resultar complicada dentro de tanta informação, recursos e modos de uso. Acontece que a situação mais natural da contemporaneidade é a presença do telefone celular, do smart fone ou do computador com seus respectivos elementos para fotomontagens e vídeos.

Qualquer telefone da Nokia pode ter o formato de arquivos Mov<sup>12</sup> e mecanismos player audiovisual mp3 ou mp4. Conseqüentemente, um número elevado de jovens desde a infância manipula esse tipo de tecnologia, sem contar que já na adolescência junto com os jogos de internet podem instalar nos seus celulares o software MSN (na verdade até antes da adolescência, se esta iniciar-se aos 12 anos). Os compradores desse tipo de celular ao se questionarem onde adquirir o vídeo interessante para assistir no seu telefone enquanto retornam ou se desligam das suas atividades escolares ou profissionais, com somente um toque podem encontrar grande quantidade de sites e espaços virtuais para baixar vídeos e conhecer pessoas via MSN. Isso sem contar as fusões que os fornecedores de telefonia estão fazendo para fornecer o serviço “três em um” via celular, onde numa única conta se paga

---

<sup>12</sup> Arquivos de vídeo

consumo de internet, celular e telefonia fixa. Nasce uma palavra da moda corporativa: convergência. Para os imigrantes digitais NTICs, para os nativos talvez apenas um desdobramento “natural” das TICs já conhecidas.

Abre-se assim para as pessoas cada vez mais cedo um mundo inusitado de ajudantes eletrônicos e virtuais no mundo das comunicações que podem ser interpretados como elementos imprescindíveis para o bem estar pessoal e reconhecimento social. Castells fala em um artigo sobre este poder que ele batizou de *Mass Self Communication*, uma intercomunicação individual que é produzida, recebida e experienciada individualmente:

Mass Self Communication está presente na internet e também no desenvolvimento dos telefones celulares. Estima-se que haja atualmente mais de um bilhão de usuários de internet e cerca de dois bilhões de linhas de telefone celular. Dois terços da população do planeta podem se comunicar graças aos telefones celulares, inclusive em lugares onde não há energia elétrica nem linhas de telefone fixo. Em pouco tempo, houve uma explosão de novas formas de comunicação. (CASTELLS, 2006)

## 2. Redes sociais e suas estruturas

Historicamente as redes sociais sempre existiram. Desde que o homem é homem ele vive em grupo e este é feito de pessoas e conexões. A matéria prima das redes sociais: atores e laços sociais. Uma rede social é uma metáfora que representa a conexão de um grupo social. Barabási (2003) faz um exercício de imaginação para “cientificamente” propor o sucesso de uma religião condenada por um império. Como o cristianismo chegou das catacumbas romanas ao apoteose conquistando dois bilhões de fiéis no mundo? Ele não dá a Jesus o mérito, nem a Deus, mas a Paulo.

Saulo que virou Paulo conhecia todas as estradas romanas. Sabia onde estavam concentradas as maiores populações e procurou plantar a semente do cristianismo em terrenos férteis onde haviam mais pessoas dispostas a vivenciar esta mensagem cristã. Paulo, para Barabási, conhecia as redes sociais e andou pouco mais de quinze mil quilômetros em doze anos de pregação. O autor faz um paralelo com um menino de apenas 15 anos que travou o Yahoo em fevereiro de 2000. O menino, MafiaBoy, entrou em diversos computadores sem sistemas efetivos de segurança e enviou um bilhão de mensagens para o servidor do Yahoo ao mesmo tempo. Eles conhecia as redes sociais. “Paul and MafiaBoy succeeded because we are all connected. Our biological existence, social world, economy, and religious traditions tell a compelling story of interrelatedness.” (BARABÁSI, 2003)

Não falaremos aqui da primeira rede social. Aquela física que se inicia na família, segue para a escola, o trabalho, os ambientes de lazer que frequentamos. Pretendemos falar das redes sociais na internet, mesmo o conceito tendo a mesma origem de conexão entre pessoas, como reafirma Recuero (2009) “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, é uma rede social”.

Segundo Recuero (2009) a metáfora de rede foi usada pela primeira vez em uma abordagem matemática para o enigma das Pontes de Königsberg. Leonard Euler (1707-1783) propôs uma solução para o enigma que era uma diversão entre os habitantes da cidade. Folcloricamente, os cidadãos procuravam atravessar as setes pontes que ligavam a cidade e suas ilhas em meio ao rio Pregolya sem repetir nenhuma ponte. Euler demonstrou através de um gráfico que isto era impossível e criou o primeiro teorema da teoria dos grafos. Considerou cada parte da cidade um nó e suas pontes as arestas que são as partes que

compõem um grafo. Este por sua vez representa uma rede, que pode ser de voos e respectivos aeroportos, ou indivíduos e suas interações.

Esta teoria dos grafos foi absorvida e retrabalhada em diferentes domínios além da matemática, sociologia, engenharia, ciência da computação, antropologia, física, biologia e economia. Duncan Watts (2003) aponta a emergência desta nova configuração da ciência das redes porque “the crux of the matter is that in the past, networks have been viewed as objects of *pure structure* whose properties are *fixed in time*.” (grifo do autor). Ou seja, concebia as redes como formadas de objetos estanques no tempo e espaço. E o que observamos são pessoas e/ou grupos em ação cuja consequência dos atos afeta cada um subjetivamente e todo o sistema ao mesmo tempo.<sup>13</sup>

Assim como as construções identitárias só são possíveis pela multiplicidade, também se dão em face do ‘outro’, as fronteiras e seus territórios se modificam em contato com outras fronteiras e outros territórios. E são inúmeras as fronteiras que se cruzam: as fronteiras da linguagem, as fronteiras do pensamento, as fronteiras da memória, as fronteiras do tempo, as fronteiras do espaço, as fronteiras do corpo. Arestas ou elementos de conexões, linhas imaginárias que aproximam e afastam territórios.

O nosso território e nossas fronteiras se demarcam a cada momento de acordo com as nossas necessidades e de acordo com o que impomos ou permitimos. Chamaremos esse movimento de desterritorialização e reterritorialização. Desterritorialização é um conceito construído por Deleuze e Guattari, segundo afirma o próprio Deleuze no vídeo “L’abécédaire de Gilles Deleuze”, filmado em 1988, por Claire Parnet.

Desterritorialização é a saída de um território não sem a pretensão de reterritorialização em outro. Desterritorialização identifica um processo com pretensão de entrada e saída, um processo constante de ‘tornar-se’ e ‘desfazer-se’, processos concomitantes e fundamentais das práticas humanas. Trata-se de contextos nunca determinados e nem totalmente explicáveis. É espaço em movimento e encontro. Não há certamente a possibilidade de um ponto final, fixo, tudo é movimento. Nós vamos construindo nosso território assim como construímos nossa história. Vamos demarcando fronteiras de espaço e de tempo e alguns autores conseguem ver estes fenômenos como a valorização das simultaneidades, onde acontecem muitas formas de conexão em diferentes contextos e interações que superam qualquer tipo de filiação. Na contemporaneidade a internet parece ser o espaço que com mais clareza atinge esses objetivos. Nosso espaço pessoal, nosso

<sup>13</sup> Raquel Recuero lembra em seu estudo que apesar da “ciência das redes” querer se apropriar das propriedades dinâmicas dos sistemas, elas já eram estudadas pela chamada Complexidade (Nicolis & Prigogine, 1989 apud Recuero, 2009).

ambiente, os grupos sociais, tudo pode ser desterritorializado e reterritorializado. Todo território é articulado, nenhum território é definido. A formulação e reformulação, significação e re-significação se dão diante/junto do outro, as fronteiras são conscientes e inconscientes, construídas natural e historicamente, estão no corpo e na alma. Formar territórios é absolutamente natural e sua variante mais expandida na contemporaneidade resultam as redes sociais da virtualidade.

A análise das redes sociais vem se intensificando nos últimos vinte anos como uma ferramenta nova da análise da realidade social. Ao ser centrado nas relações dos indivíduos (ou de grupos de indivíduos) e não nas características de tais (raça, idade, renda, instrução) consegue aproximar alguns assuntos com maior sucesso que questionamentos levantados por outras ciências mais específicas.

A chamada “ciência” ou “teoria das redes” foi inicialmente estudada por Barabási (2003) e de acordo com Recuero (2009) “esta abordagem, essencialmente matemática e física, dedicou-se a estudar as propriedades dos grafos, percebendo a estrutura de rede como pertinente a diversos fenômenos”.

A primeira estrutura de rede apontada por Recuero remete ao estudo de Solomonoff e Rapoport (1951 apud RECUERO, 2009, grifo do autor). O trabalho deles estudou grafos que eram consistentes com propriedades encontradas nas epidemias, nas redes sociais de citações dos físicos e nas redes neurais e descobriu que ao se acrescentar conexões de modo aleatório “ele deixa de se constituir em um amontoado de nós com conexões e passa a formar um todo, um grafo interconectado ou um *componente gigante*”.

Anos mais tarde Erdős e Rényi traçaram um modelo pelo qual acreditavam que o processo de formação destes grafos se dariam de forma randômica. Eles concluíram então que todos os nós, em uma determinada rede, teriam mais ou menos a mesma chance de receber novos links. A este processo deram o nome de “redes igualitárias”. (BARABÁSI, 2003)

Uma outra topologia de redes foi ventilada a partir do experimento de Stanley Milgram (1956) a dos “mundos pequenos”. Recuero cita o conto *Chains* (1929) do escritor húngaro Karinthy Frigyes como o primeiro a formular fora do mundo científico a hipótese dos graus de separação.

O sociólogo Milgram enviou uma quantidade determinada de cartas a pessoas diferentes, de forma aleatória nas cidades de Omaha, Nebraska e Wichita no Kansas para serem os pontos de partida e Boston em Massachusetts para ser o ponto final da corrente. A escolha se baseou na distância física e social que os estados experimentavam. Às pessoas do

Kansas ele pediu que encaminhassem as cartas aos destinatários finais e caso não os conhecessem encaminhassem as mesmas para pessoas que acreditassem estarem mais próximas dos destinatários, desde de que conhecessem estas pelo primeiro nome. No experimento ele dava características dos destinatários como, por exemplo, a profissão.

As descobertas de Milgram foram publicadas no “Psychology Today” e serviram como ponto de partida para a frase seis graus de separação. Esta foi a média de intermediários. Entre as críticas ao experimento está o alto número de cadeias quebradas, ou seja, muitas cartas simplesmente não chegaram ao destino final. Em um dos experimentos das 296 cartas apenas 64 chegaram, entre estas manteve-se a média de seis pessoas.

Em 1973, o sociólogo Mark Granovetter chamou a atenção do mundo acadêmico para a importância dos laços fracos na constituição das redes sociais.<sup>14</sup> Granovetter classifica os laços em fortes e fracos dependendo da quantidade de tempo, intensidade emocional e intimidade investidos na relação. Para o sociólogo se não fossem os laços fracos não haveriam redes mas grandes conglomerados estanques ou ilhas isoladas. Unindo as teses de Milgram e de Granovetter, Duncan Watts e seu orientador Steven Strogatz sugeriram um padrão de redes altamente conectados onde as redes sociais se transformavam em mundos pequenos com a inserção de poucos atalhos.

Este trabalho foi ampliado por Albert-László Barabási que alegou ter descoberto o modo pelo qual estas redes se formam utilizando-se de um coletor de dados chamado *crawler*, ele demonstrou que 20% dos nós concentram 80% das conexões. Esta rede foi batizada e deu origem ao estudo das redes sem escalas. A representação gráfica desta rede é a curva de potência que coloca todos os pontos ou nós da rede próximos uns dos outros. Este padrão foi batizado de “rich get richer” os ricos ficam mais ricos, ou seja, quanto maior o número de conexões tem um nó maior a chance que este número aumente. Entre outras redes foi estudado a rede de citações científicas.

Recuero (2009) sugere dois recortes possíveis para quem quer estudar este fenômeno: as redes ego e as redes inteiras. As primeiras seriam derivadas de pessoas, partem de um nó pré-determinado para investigar a rede formada a partir dele. Já a rede inteira trabalha com um conjunto de pessoas (escola, site, instituição, etc.) e analisa a própria rede e as suas relações. Em qualquer uma das opções de estudo vemos que a ênfase é na relação, ou melhor dizendo na interação das partes.

---

<sup>14</sup> “O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é o resultado [...] da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes [atores]”. (RECUERO, 2009, p. 38)

Ao abordar as relações entre o indivíduo e o grupo, Piaget (1996) mostra sua orientação relacional e critica as concepções “individualista” e “totalitária”. Para a primeira vertente, segundo Piaget, o indivíduo é fonte de todas as novidades e transformações. O grupo seria apenas resultante das iniciativas individuais. Para a perspectiva totalitária, tudo ocorre no nível do grupo, sendo o indivíduo “apenas reflexo passivo e parcial de processos independentes dele, situados em outra escala”. Por outro lado, conforme a perspectiva relacional (ou interacionista), o indivíduo

é a resultante de múltiplas interações dependentes da população inteira. Mas é a sede delas e não somente a resultante, porque a própria população não é mais uma “força” ou um “organismo” etc., que pesa de fora sobre os indivíduos, mas o sistema de todas as interações. Rigorosamente falando, não há mais por conseguinte nem indivíduos nem grupos, mas interações coordenadas, e, quer sejam descritas no interior do indivíduo ou no grupo considerado como unidade (questão de escalas), são as mesmas interações. (PIAGET, 1996, p.322 apud PRIMO, 2007, p.90)

Primo (2007) promove uma ampla pesquisa sobre o processo sistêmico-relacional para apontar caminhos teóricos para as interações que ele classifica como reativas e mútuas. Não cabe aqui todas as suas considerações que passam conforme seu estudo por Piaget, Paulo Freire, Maturana, Varela, Bateson e outros teóricos dando o devido peso aos processos relacionais na construção do conhecimento e na formação do indivíduo.

Para diferenciar os modos de interação mediados por computador Primo (2007) classificou a interação como Reativa e Mútua. A reativa é quando A promove uma reação em B. Ao clicar em um link sou direcionado para uma página. Ao receber um convite do Orkut posso aceitá-lo ou não, mas não posso escolher a partir do link qual página vou abrir ou que outras pessoas acrescentarei à “minha rede” indireta de amigos potenciais.

A interação mútua “não pode ser vista como uma soma de ações individuais. Entende-se pelo princípio sistêmico de não-somatividade que esse tipo de interação é diferente da mera soma das ações ou das características individuais de cada interagente” (PRIMO, 2007). A interação mútua é interdependente e inseparável. Não dá para ler apenas a mensagem ou apenas os indivíduos, o sentido se dá na relação.

A interação reativa é causa-efeito. Salvar um programa no Word ou receber um email via Outlook. A interação mútua é recursiva, compõem-se de atos e entreatos e não tem um início determinado. Primo (2007) sugere a análise de um CD ou um software que tem reações pré-determinadas e sempre um início/caminho padrão. Ao encontrar algo diferente no processo, o programa trava, o CD não abre. Por outro lado, expõe uma discussão hipotética sobre educação a distância em um grupo de discussão via web. Alguns defendem o curso pela

praticidade de local, tempo e/ou a qualidade dos professores da instituição com sede nos Estados Unidos. Outros criticam porque a presença do educador face a face é fundamental para não tornarmos a sociedade mais mecanizada. Como localizar a origem dos argumentos? Um livro lido pelos participantes, uma notícia, uma experiência pessoal ou familiar positiva ou não, enfim a mutualidade da interação é rizomática, não tem começo ou fim e não se forma a partir da soma idêntica das partes. Por exemplo, ao ofendermos uma pessoa com palavras, esta pode até nos perdoar ( se pedirmos ou não) mas jamais a nossa relação com esta pessoa ofendida será a mesma. Bem nós também não somos hoje o que fomos ontem, mas olhando por este prisma a espiral não tem fim e não acrescenta na compreensão.

Enfim, os processos de interação mútua caracterizam-se por sua construção dinâmica, contínua e contextualizada. [...] As ações interdependentes desenvolvidas entre os interagentes, coordenadas a partir da historicidade da relação, não são previsíveis pois são criadas apenas durante o curso da interação. Sendo assim, como este tipo de interação não é determinado pelas características isoladas de alguma parte nem pelas suas condições iniciais, o estágio temporário atual da interação mútua é a própria e melhor explicação do sistema em questão. (PRIMO, 2007, p. 116)

## **2.1 Os perímetros da identidade individual e cultural**

Em se tratando da cultura, vemos que esta não existe enquanto elemento determinado, definido e acabado, ou como algo que permanece imutável e pertenceu desde sempre a certo povo. A cultura de um determinado grupo étnico não está traçada a partir de uma categoria definida, lógica e coesa e sempre mantém seu dinamismo num conjunto de possibilidades conectadas a inúmeras outras possibilidades e mudanças. Vai se constituindo a partir de vivências, de elementos selecionados e da mudança propiciada por elementos descartados. A cultura carrega uma circulação de intercâmbios e alternativas que vai se constituindo lentamente através do tempo e a partir da vivência, as experiências constroem, a todo o momento, portas que se abrem para novas experiências, que permitem que as fronteiras da cultura sejam circulantes, maleáveis, e se adaptem a cada momento de acordo com a significação do entorno. Sob esse ponto de vista a ideia de nação é um artifício que hoje tem todos seus espaços representados, invadidos e ocupados pela comunicação de massa.

A identidade, por exemplo, não se delimita, pois é multidimensional, complexa e flexível, é mutável e jamais definitiva. Suas fronteiras são manobráveis e se constroem

estrategicamente. Isso não significa um processo de acordo com a necessidade/vontade do momento, mas uma relação de força externa, de instrumentalização nas relações, e de reinvenção estratégica em contextos que a reconhecem seja a favor ou contra como acontece nas situações de deslocamento que os meios de comunicação divulgam e reconstruem. As fronteiras da identidade são, portanto, simbólicas, constroem-se na identificação ou na diferenciação, na vontade de estabelecer limites ou de inviabilizá-los, de se diferenciar ou anular as diferenças. Uma mesma característica pode articulada de modo diferente, opor-se ou identificar-se. A partir da CMC esse processo esta em vias de atingir outro nível:

When the computer hardware and multimedia storage and display technology and communication networks of the near future reach critical mass, we're all going to have to relate to our computers, ourselves, and others, in a whole new way. The personal computer is in the process of becoming the interpersonal computer. (LEARY, 1990, p. 230)

Vide também como qualquer fenômeno pessoal e fato social seja na procura de relacionamento, pesquisa de interesses pessoais, tradições, turismo ficam inseridos no processo de resignificação das tradições diante das exigências que a pós-modernidade, permitiu com a globalização. E se antes o cinema e a televisão as abordavam como elementos informativos e culturais com forte ênfase em noticiários e para material documentários, hoje podemos apreciar nesses canais uma reformulação de práticas cotidianas como nos talk shows, reality shows, onde qualquer exigência histórica fica bem dispersa nos elementos de projeção social a serem imitados. A identidade de qualquer comunidade passa a ser uma construção que se narra.

A partir das exigências da vida moderna foram se reelaborando muitas tradições e mudando suas fronteiras a fim de manter suas características individuais/coletivas, e suas manifestações para continuar sendo peculiares se apóiam na utilização dos recursos tecnológicos que a projeção de imagens e mensagens admite. Assim muitos elementos de uma cultura são colocados para funcionar e certamente, uma necessidade de adequação para sobrevivência. A internet nesse caso consegue misturar todas as atividades da contemporaneidade com as noções da tradição desde o ponto de vista pessoal ou coletivo revalorizando suas assimilações em curto espaço de tempo, vencendo a territorialidade física dos territórios onde são produzidas se destacando não apenas pela diferença, mas pela hibridização.

A navegação virtual fornece cenários multiplicados cujo destaque vai além do multiculturalismo étnico composto pelos africanos, asiáticos ou europeus de sua formação.

Nela existem inúmeros discursos e formas de revisar a atualidade (num aparente descontrole de poder e liberdade de censura) onde os discursos significativos podem combinar efeitos sonoros, visuais, gráficos, e temporais, pois o armazenamento da informação conserva sua validade enquanto for do interesse de quem a procura. A internet segura um discurso significativo sobre qualquer processo que pode ser interpretado em tempos de globalização. Reúne o interno e externo sem abandonar a singularidade, sem perder do que o algo ou alguém significa diante do outro. Não se confunde e se modifica sem deturpar a essência do que representa, e reinventa-se no seu cotidiano.

Essa reinvenção da própria cultura, o adotar o passado nos moldes do novo, nada mais é do que circular por entre territórios, ressignificar-se por uma questão de sobrevivência. A reinvenção da tradição formaliza um ‘nacionalismo regional’ que é ritualizado como elemento original desde sempre. Para compreender as fronteiras da identidade basta olharmos com atenção para as fronteiras do ‘entorno’. Qualquer mudança do entorno provoca um deslocamento de fronteiras, onde cada uma é única.

As fronteiras da linguagem vão se arrumando num conjunto de expressões mutáveis e signos compartilhados que vão determinando seus usos. As expressões e conteúdos são desterritorializados, tudo depende do território em constituição que o solicita. Um diálogo constitui um território a partir das mentes que o articulam, das intenções que os motivam, da escolha das palavras, dos signos que o exemplificam e das multiplicidades que os atravessam.

A linguagem é um instrumento de representação e propagação da memória. A linguagem contribui para modular o tempo e não se constitui apenas de palavras, seus territórios são infinitamente extensos, extrapolam as fronteiras da palavra. Água não é só uma palavra, é uma palavra que representa um objeto. O objeto água diz: “eu sou um líquido”. E tem uma linguagem que permite o diálogo com seu receptor e isso acontece em qualquer espaço seja ele mental, gráfico ou real e supera qualquer demarcação no tempo histórico. Vemos como água pode ser mar, chuva, rio, uma cachoeira, garoa e nuvens, ou estar no copo que mata a sede. Sem apelar para a validação que todos esses elementos possuem, ela dialoga conosco, e nos fala do tempo histórico. A palavra ‘céu’, que representa esse manto azul que nos cobre, ao dialogar também fala do tempo, no entanto, um tempo meteorológico que pode ser diurno, noturno, ensolarado, chuvoso, etc. Por quantos territórios se circula?

As fronteiras da linguagem são imensuráveis. A palavra não é uma etiqueta vazia que dá nome às coisas, mas um sopro da presença dessas coisas que nomeia. A linguagem não é um mero instrumento de trabalho, é uma força que exprime as sutilezas do pensamento.

Palavra e pensamento se entrelaçam, são fronteiras que se cruzam, contrários que se unem e sabores que se degustam. As palavras bonitas são uma espécie de remédio para a alma. Um pouco de lentidão na pronúncia e é possível saboreá-las em extensão.

Um livro se constitui num território que transborda a mente de seu autor e singularmente nas mãos de cada leitor, com todas as variantes inerentes a cada momento, dependendo das intenções e do 'lugar' de onde ele parte e em que se decodifica, do lugar do sentido e da função da interpretação. Sua acepção é tecida em discurso numa simultaneidade de sentidos que a cada edição é o mesmo e é outro. Com ou sem palavras a linguagem sofre um processo de acepções, e denota em si e por si a interpretação de acordo com o ambiente discursivo do seu lugar e do lugar do outro. Assim a linguagem significa e ressignifica um processo contínuo de deslocamento de sentido que integra o discurso. A produção de sentido baseia-se tanto nas práticas discursivas do cotidiano quanto nos repertórios ampliados dessas práticas, que se materializam em processos múltiplos de significação.

A linguagem está, certamente, entrecortada por múltiplos discursos de um não-dito, dito de dentro de sua história, da história de seu lugar, da história do lugar do outro, numa movimentação de sentidos ininterrupta, num cruzamento de territórios e (re)demarcação de fronteiras infinitas. Para Haesbaert:

os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Muito mais do que uma coisa ou objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de reterritorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle. (HAESBAERT, 2004, p. )

A desterritorialização está no próprio pensamento, por seu caráter circulante, pela sua imprevisibilidade. Pensar é territorializar. Pensar algo novo é romper com o já existente, dando espaço para o outro, permitindo a continuidade e o território, isso só é possível a partir deste processo, onde o pensamento, os corpos e os ambientes se reorganizam continuamente.

## **2.2 Comunidades virtuais como espaços alternativos**

São poucas as comunidades internautas no mundo todo que podem sustentar mais de quinze anos de existência e desenvolvimento, mesmo que no Brasil o número de seus consumidores supera os 46,6 milhões segundo relatório IBOPE/Nielsen divulgado em agosto

de 2010 (crescimento de pouco mais de 20% em um ano). Poder-se-ia até questionar como é que porcentagem tão elevada pode ter aparecido em tão pouco tempo, porém basta revisar os preços de telefones celulares, televisores e computadores em todas as redes de mercado, assim como as facilidades de pagamento oferecidas pelos fabricantes, mediadores e fornecedores que temos a resposta clara sobre a procedência de tais cifras. Fato curioso que as comunidades virtuais ficam divididas por linhas de interesse que abrangem desde escândalos políticos, até gostos diversos pela culinária, pelo sexo e erotismo, pelo meio ambiente, grupos de defesas de animais, fetiches musicais e comportamentos, cinema, religião e espiritualidade. Sem contar os blogs pessoais, sites oficiais de empresas, os recursos monetários e bancários.

Independente da existência de espaço para a defesa de valores e direitos humanos; aparecem também legislações para o regulamento da navegação, assim como deveres e direitos da propriedade intelectual pela via virtual e sempre temos um confronto de ideias entre autores (acadêmicos, filmográficos, literários) com os administradores de grupo que organizam a internet. E com o transcurso do tempo vem se verificando que a unilateralidade dos meios convencionais de comunicação não fez sentido uma vez que a informação desde o ponto de vista subjetivo utiliza também epítetos de formação e entretenimento, via um mecanismo de comunicação bi e multilateral onde se inclui a possível influência no material divulgado por parte dos ouvintes, espectadores, assistentes e leitores.

Na sociedade contemporânea, a política depende diretamente da mídia. [...] Isso não quer dizer que o poder se encontre incondicionalmente nas mãos da mídia, nem que o público tome posições em função do que é sugerido pela mídia. Pesquisas em comunicação mostraram há muito tempo até que ponto o público é ativo e não passivo. Além disso, os meios de comunicação possuem, internamente, sistemas que controlam sua capacidade de influenciar o público, pois antes de qualquer coisa, eles são empresas submetidas aos imperativos da rentabilidade e precisam ter audiência ou estender sua difusão. (CASTELLS, 2006)<sup>15</sup>

Este fenômeno de ampla capacidade e velocidade tem sua máxima expressão na comunicação internauta, mesmo que já desde os anos 70 os meios de informação começam a ser denominados na sociologia como meios de comunicação de massa (UM-TODOS). A Net ao ser considerada na categoria de comunidade paralela (UM-UM ou TODOS-TODOS), muitas das normativas que atendem o comportamento da navegação on-line são provenientes da legislação nos estados ou territórios onde seus cidadãos participam de determinados códigos culturais. Funcionando do mesmo jeito que nos meios de comunicação licenciados pelo estado que exigem de todos os projetos virtuais em primeiro lugar, respeito aos direitos

<sup>15</sup> Acessado em: <http://diplo.org.br/2006-08.a1379>, dia 08 de agosto de 2010

humanos de todos os participantes, eliminando qualquer possibilidade de discriminação no anonimato, e em segundo lugar para refletirem a verdadeira capacidade ou potencial informativo que a língua utilizada no país possa vir a proporcionar para todos os interessados na informação dos sites. Isso inclui todo tipo de material relacionado com a vida pública, a política, o material demográfico e econômico, assim como tudo quanto possa se relacionar com a projeção extraterritorial ou internacional dos debates levantados.

Com o final das guerras frias e ideológicas, acontece também uma abertura informativa via canais de televisão, rádio-transmissões, intercâmbio monetário, estudantil e acadêmico, internacionalização de marcas e da produção, migração de empresas, que derivam num desenvolvimento das normas internacionais para o turismo, e mais proliferação das redes abertas de comunicação. E na atualidade se constata também que a net, web pages e sites são os meios mais procurados para o acesso à informação cultural e internacional, pelo que resulta muito comum no acesso a esse tipo de informação achar suas versões nos idiomas mais usados para a comunicação internacional como o inglês, francês, alemão, espanhol, o sistema de sinais para deficientes auditivos, e algumas oportunidades para línguas consideradas exóticas.

No Brasil a realidade mostra que cada vez mais os jovens optam por buscar suas informações na internet antes de qualquer outro lugar. Uma tira de quadrinhos do jornal Folha de SP mostrava um casal com filho recém-nascido procurando no Google como trocar as fraldas. Junto aos médicos podemos também constatar essa fixação pela informação pois pacientes chegam ao consultório diagnosticados por si mesmos através dos serviços de busca on-line. A TV era citada por 45% dos jovens como a primeira fonte de informação em pesquisa realizada pelo Datafolha em 2000. Em 2008, este número caiu para 33%. A net fez o caminho inverso, na primeira coleta era 11%, na segunda, 26%. Ainda se considerarmos apenas a faixa etária de 16 a 21 anos a preferência é da net em uma média de 34% a 30%. Se o recorte são classes sociais mais altas (A e B) é um nocaute, 43% a 23% contra a TV.

Pela facilidade na postagem da informação e pela pluralidade das informações que nos remetem a uma verdadeira biblioteca Borgiana, pode-se também considerar que a Internet resulta em um dos mecanismos que ao defender a liberdade de opinião e imprensa aparece como um opositor de censuras e como uma janela aberta à informação social de todo tipo. Onde transparece desde os delitos de políticos, desastres e epidemias ocultas pelos órgãos de poder e corrupções impedindo que a presidência, os órgãos de justiça e as autoridades possam

mentir (pelo menos na teoria), até a procura por relacionamentos no plano íntimo e pessoal, onde se esclarecem os comportamentos humanos e transparecem as personalidades de seus participantes.<sup>16</sup>

Ao tentar explicar a essência capitalista da sociedade global informatizada, os princípios do mercado refletem sobre os aspectos positivos das posições controladoras do Estado, vemos como se complementa o papel do mercado como estimulador das novidades tecnológicas da revolução comunicativa. Pois em uma economia onde o estado é fraco, ou instável politicamente, a ausência de regras afasta o capital. As tecnologias da informação sempre alcançam prosperidade quando se agrupam em torno das redes de empresas, organizações e instituições, configurando assim, um paradigma sócio-tecnológico global.

Entre as possibilidades diferenciadoras deste paradigma, e junto com a lógica de rede penetrante, com a permanente modernização e convergência da tecnologia, temos as funções de reprodução nas multimídias, o que nos dá o direito de revisar os vínculos entre a vídeo-eletrônica e os parâmetros da engenharia. Tudo isso reunido se concentra na decodificação, manipulação e, de vez em quando, na reprogramação dos códigos informativos que carregam a vida material.<sup>17</sup>

O círculo de tais relações consegue se ampliar na medida em que se desenvolvem outras esferas da Ciência, da Economia, e se fundem num sistema comum de linguagens, do qual se nutre, se procura, entra em curso, e se transmite a informação, e conseqüentemente isto termina numa modernização ultradinâmica. Nesta situação as novas tecnologias não são simples instrumentos para assimilação, também são processos que carregam necessidade de desenvolvimento e aprimoramento, onde consumidores, criadores e fornecedores se encontram na situação de elementos (influenciáveis). Veja-se que os consumidores também adquirem a possibilidade de manipular e controlar a tecnologia, como é o caso da Internet.

A diferença dos deterministas (defensores) da tecnologia, Castells considera as causas de tal dinamismo ao mergulhar nas condições históricas da concorrência no mercado moderno, e não somente na própria técnica. Desse modo, inventores e empresários se vêem obrigados a um aprimoramento constante dos recursos da informação e das linhas de comunicação.

---

<sup>16</sup> Dalai Lama conversa com chineses via Twitter, furando o bloqueio da China. <http://www.jornalvs.com.br/site/noticias/tecnologia.canal-8.ed-2.ct-771.cd-261186.edb-256+319.htm>.

<sup>17</sup> A Tivo, nos EUA e na Europa, e a SKY HD devolvem ao telespectador o direito sobre a programação aumentando a interatividade, já que permitem gravar, pausar e voltar a programação “ao vivo”.

A partir dos anos 80 do século passado, o papel desses elementos se vê reforçado pela desregulamentação dos mercados e pela globalização do capital, tudo isto faz com que as empresas em condições mais rentáveis, consigam introduzir a nível transnacional elementos da educação, que ficam vinculados com a divulgação da economia global, bem diferente das formas anteriores de economia mundial, ao considerarmos o fato de que sua base é uma infraestrutura nova para garantir a fusão da informação com a tecnologia da comunicação.

As empresas se tornam capazes de realizar operações combinadas, transformando-se em corporações localizadas e distribuídas pelas diferentes regiões do mundo. Um papel fundamental para isso está nas linhas de comunicação confiáveis, que não conseguem eliminar ou neutralizar as especificidades de cada uma das regiões. Se por um lado a regionalização parece ser um sistema interno de atributos para a economia global informatizada, por outro lado as instituições historicamente enraizadas precisam de sistemas informativos que as deixem inseridas na globalização, para responder com facilidade ao incremento dos fatores econômicos.

Desse modo, fica claro que a economia global não é o planeta, porque suas principais atividades estão sempre direcionadas aos segmentos das estruturas econômicas pelos diferentes países e regiões, tudo isto em proporções que variam de acordo com a posição específica de cada país com respeito à Divisão Internacional do Trabalho.

Conjuntamente com as mudanças de posição e status que acontece pelos vários segmentos da população distribuída por essas regiões, em função dos cidadãos se converterem em consumidores e de ter ou não acesso aos benefícios que a economia oferece na sua relação com a informação, esses fenômenos possuem um impacto formulante, formulativo para todo planeta, se convertendo num fato realmente global, precisamente porque na humanidade muitos indivíduos estão desempregados, às vezes como consequência da economia informatizada global.

Verificando estas ideias podemos esclarecer outras contradições da economia global, que aparecem com informatização da produção e da concorrência, e que agudizam a interdependência, a simetria, regionalização, e a diversidade em cada região, intensificando desse modo, a inclusão seletiva, a segmentação, que trás consigo também, uma dissolução das fronteiras na geografia histórico-econômica. Ou seja, a formação da globalização econômica vem acompanhada por processos de reestruturação das comunidades tradicionais, e mesmo

que não percam sua estabilidade, entram em organizações da industrialização, da ciência, da cultura, e de suas fronteiras, com o aprimoramento da educação profissional.

A formação das corporações transnacionais e dos mecanismos de rede internacional conduz ao debilitamento dos coletivos laborais estáveis, a migração da força de trabalho e dos desempregados que procuram uma incorporação à sociedade, para ficarem livres da pobreza, trocando seus espaços sociais, suas profissões, modificando e fragmentando seus conceitos familiares adquiridos pela herança dos séculos, e organizados nas diferentes bases sociais que a globalização permite e dos que tomaram conhecimento via meios de comunicação.

Essa nova diáspora tecnológica também recria uma lógica organizativa contemporânea, que modifica os princípios do capital recriados a partir de Ford e Taylor e migra da produção de massa para formas mais flexíveis de identificação das demandas individuais nos consumidores dentro da economia global informatizada, transformando todos esses sinais em commodities<sup>18</sup> para o processamento da informação.

Um apoio significativo para este negócio se concentra na essência do informacionalismo, conjugado com a cultura sem tomar em consideração seus significados tradicionais, e sim como um sistema de valores e constituição para as novas instituições, junto com essa nova cultura virtual muito concentrada na experiência visual dos computadores, e seu ciberespaço, se consegue uma assimilação e transformação da realidade representada. Tal cultura pode chegar a ser efêmera, uma vez que sempre representa a velocidade, a mistura de experiência e a interação sem tomar em consideração os valores, os direitos e as obrigações.

No entanto, não se resume a ser uma simples fantasia, visto que carrega informação, interage com importantes decisões econômicas, e chega até a definir elementos da vida pessoal a partir de informações virtuais, atingindo, portanto, as mais diversas esferas da sociedade, tais como as laborais, civis, mercantis e privadas, além de provocar a reformulação dos modelos de comportamento e das forças laborais, dentre eles o regime flexível do horário de trabalho.

De certo modo, parece que a tecnologia computadorizada elimina a lacuna entre os produtores e os consumidores, e os sintetiza numa espécie de comunidade, em que a atividade profissional está vinculada ao consumidor, coleta informação de mercado e produz um retorno sem os precedentes imperativos da produção no mercado.

---

<sup>18</sup> Commodities é usado para designar produtos com pequeno grau de industrialização e de qualidade quase uniforme, característica que é ressaltada na análise dos sinais transnacionais na sociedade da informação.

### 2.3 Sobre cultura televisiva e virtual

Como fenômeno histórico, a cultura das mídias é relativamente recente. Foi só com o advento da televisão, no pós-guerra, que a mídia se transformou em força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social. A partir de então, as tecnologias de entretenimento doméstico aceleram a disseminação e o aumento do poder da cultura veiculada pelos meios de comunicação social.

A indústria cultural mantém um vínculo com a produção dos bens materiais e simbólicos que sejam populares, tenham poder de circulação, sejam reconhecidos e mantenham o interesse da sociedade pelo lucro e pelo consumo. Isso parece ser a ligação que relaciona produção e consumo, no caso da televisão, audiência da sociedade.

Segundo Hall (2003), o que a mídia capta é um universo discursivo preexistente porque já existe uma base cultural e ideológica fornecedora dos sentidos necessários para a produção de programas televisivos, assim ela codifica e decodifica o parecer social se recriando num modelo que sempre se fortalece ao final do processo de produção e consumo.

Em relação aos sites e redes internautas podemos verificar como a produção de informação é dispersa e do mesmo modo que produtores, editores, jornalistas decodificam determinados aspectos do cotidiano para codificar a formatação do produto – revista, reality show, musical, novela, quadrinho – que será oferecido como fonte de entretenimento, orientações comportamentais, estilos de vida procuram a interação com a fonte da mensagem que ao mesmo tempo é o receptor, pois deve estar presente nos esquemas de produção para mais tarde assimilar as imagens que a criação televisiva fornece para a audiência.

Se para facilitar o trânsito entre a realidade cotidiana e o espetáculo ficcional, a televisão propõe uma alternância entre a elitização do conhecimento popular e o coloquial do material informativo deixando como a visão predominante aquela que causa a sensação de proximidade e rapidez, para reafirmar os traços que configuram o ao dia-a-dia. Na televisão, nada de fases emblemáticas ou extremamente charmosas, pois tudo quanto representa deve ser inspirador, próximo e amigável, sem excessivas propostas fascinantes, nem vulgares demais.

Já os espaços virtuais que a net fornece estão dominados pela proposta do fácil acesso, pela liberdade de escolha e respaldados pelo anonimato o que favorece a criação de fluxos informativos que sem deixar de ser expressivos se fundamentam na funcionalidade. A

comunicação virtual mesmo que ainda limitada nos países em desenvolvimento, incluído o Brasil, recria uma aparente proximidade entre internautas pela quantidade de tópicos e matizes que adquirem as abordagens de seus discursos onde tudo se familiariza e se torna mais imediato. O discurso nas redes virtuais produz seus efeitos a partir da mesma forma com que constitui as imagens o que permite maior transparência simplicidade, clareza e economia narrativa. Os internautas novos repetem o processo, incrementam seu número total de membros e das conexões na rede, que sempre oferece *up-date* automático, perfil visível, livro de endereço e a capacidade na linha cria conexões novas por meio dos serviços de apresentação e conexão social.

Ao considerar a questão do tempo organizado pela internet vemos que supera a cotidianidade por sua projeção atemporal, no repetitivo, na capacidade de arquivamento, na restauração do material, que permite sua manipulação num tempo feito não de unidades contáveis, mais sim de fragmentos audiovisuais e informativos. A internet consegue fugir do ritual e da rotina, porém para se inserir na cotidianidade também deve aceitar as premissas e leis do mercado.

Diante disso, o sentido da realidade se submete a imediata conexão, porém mais sólida memorização permitindo que neste processo as mais diversas temáticas não desapareçam abafadas pela atual desenvoltura da imagem, noção que veicula o caráter transformista e provisório da realidade quando vista pelo prisma do consumo.

Vale destacar que a internet, como interlocutor digital, não segmenta o público, pois suas referências audiovisuais não estão preocupadas com o nível econômico, cultural e social dos internautas, que selecionam a capacidade de participação, tempo e espaços para a navegação, sem deixar de participar dos elementos que o consumo lhes exige com a compra de softwares e demais acessórios cada vez mais sofisticados e necessários para uma plena incorporação ao mundo das linguagens virtuais.

Na cultura contemporânea, muitos núcleos sociais emergem e conseguem se manifestar fazendo com que muitos de seus membros se enxerguem como cidadãos de uma sociedade racional e não mais centrada na masculinidade. E se já na segunda metade do século XX os meios de comunicação convencionais se fortaleciam na ideologia do adulto financeiramente independente, em favor de uma posição social evidente e influenciada pela moralidade, com inúmeros discursos sobre os elementos de cidadania, hoje até pelo próprio desenvolvimento atingido com a tecnologia, resultam ser alvo e canal da publicidade e do consumo quando participam da oferta de bens e serviços.

A internet combina o desfrute de uma atividade prazerosa com a possibilidade de constituir certa bagagem inteligível sobre o mundo com uma autonomia que possibilita selecionar a configuração, o tempo e a possibilidade de projetar as posições subjetivas do produtor e do receptor.

## **2.4 Recepção e manipulação dos discursos midiáticos**

Quando se questiona como os meios de comunicação conseguem ser categóricos com respeito aos interesses das massas tomamos em consideração que é impossível saber o que a televisão faz com as pessoas, se desconhecermos as demandas sociais e culturais que as pessoas fazem à televisão. Demandas que colocam em jogo o contínuo desfazer-se e refazer-se das identidades coletivas e os modos como elas se alimentam e se projetam sobre as representações da vida social oferecida pela televisão.

Para aprofundar esta discussão é oportuno prestar atenção as contribuições de Thompson (1998) sobre a natureza do eu (self) e a experiência cotidiana num mundo mediado. Segundo ele, com “o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmo.” (LOPES e VASCONCELLOS, 2010) Ao mesmo tempo, o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados. O público, a plateia ou leitor, nunca permanece passivo. Ele se organiza dentro de seu tempo em vários espaços sempre sob a influência dos meios de comunicação com uma visão de passado como destaca Thompson e recria realidades ao ponto de criar identidades mediadas para facilitar a compreensão de mundo a partir de outras experiências pessoais ampliando a visão a partir de outros pontos de vista e que torna a ideia de futuro vinculada ao progresso que a comercialização midiática propõe como lógica.

Num momento em que as práticas contemporâneas são apoiadas na cultura digital, como o apelo a jogos e imagens, que são criadas para dar o aspecto de uma interação o mais real possível. Ainda neste período de avanço das experiências mediatizadas, as colocações orais, ritos, peças e colocações religiosas procuram prescindir da utilização de consoles de games ou de mouses.

Embora as tramas culturais sejam grandes motes para roteiros comunicacionais, e isto aconteceu em muitas ocasiões com garantia para pouquíssimos espaços de êxito e premiação, tudo quanto é espaço cultural faz seu percurso pelo cinema, pela televisão, rádio, revistas e jornais fazendo com que o consumidor interaja com os recursos de NTICs e seja um intérprete de linguagens capaz de imaginar, ouvir e se emocionar, e isto, já é uma prova de estarmos na presença de uma reinterpretação de identidades. O self não é visto nem como produto de um sistema simbólico externo, nem como entidade fixa que o indivíduo pode imediatamente e diretamente apanhar; muito mais do que isto, self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente.

Nesse sentido, para analisar a utilização da internet quando inserida na tal denominada cultura de massas é preciso considerar que a apropriação dos produtos da mídia é sempre um fenômeno localizado, no sentido de que ela sempre envolve setores específicos, que estão situados em contextos social-históricos particulares, e que contam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e as incorporar em suas vidas.

Outros aspectos abordados por Thompson na apropriação dos materiais simbólicos podem ser considerados na análise da recepção. Um deles sugere que apropriação dos materiais simbólicos permite aos indivíduos se distanciarem das condições da vida cotidiana. Eles podem conceber, ainda que parcialmente, maneiras de viver e condições de vida totalmente diferentes das que eles experimentam no dia-a-dia. Cabe destacar que, dado o caráter contextualizado da apropriação, não se pode determinar com antecedência que aspectos estarão envolvidos na recepção de uma forma simbólica particular.

Além deste aspecto, a apropriação localizada dos produtos globalizados da mídia é também uma fonte de tensão e de conflito potencial. É uma fonte de tensão em parte porque os produtos da mídia podem veicular imagens e mensagens que chocam com, ou não comportam inteiramente, os valores associados a uma maneira de vida tradicional. As tensões e os conflitos provocados pela apropriação localizada dos produtos da mídia podem ser experimentados também como uma forma de conflito pessoal, onde os meios de comunicação fornecem os materiais simbólicos empregados por muitos indivíduos para a validação do self em contextos de interação face a face. Thompson (1998) sugere três formas ou tipos de situações interativas criadas pelos meios de comunicação: a face a face, a mediada e a quase-mediada.

A face a face é realizada em um espaço-tempo comum, em co-presença com múltiplas deixas simbólicas (piscadelas e expressões não-verbais), é orientada para outro específico e é

considerada dialógica. Na mediada e na quase-mediada há uma separação dos contextos e uma dilatação do tempo/espaço, além disso, as deixas simbólicas são limitadas. Elas se diferem porque a primeira é orientada para um público específico e a segunda para um número indefinido de receptores potenciais. Também se distanciam pela reatividade, a mediada é dialógica e a quase-mediada, monológica.

Assim, as mídias de massa (monológicas), cooptadas pela televisão, se converteram em poderosos agentes de uma cultura mundial que se configura atualmente de maneira explícita na percepção e na emergência de culturas sem memória territoriais que no cenário da atual cultura contemporânea têm na criança e no adolescente os novos sujeitos consumidores que usufruem de reconhecimento social pelo seu estreito contato com a tecnologia e vínculo com a navegação digital. Não mais invisíveis na sociedade, por não poderem trabalhar ou produzir, eles foram percebidos como agentes que podem consumir uma variedade de bens materiais e simbólicos.

Assim, a indústria cultural ao reconhecer a potencialidade de consumo deste público que precisava de compensação, uma vez que houve rupturas na estrutura tradicional familiar, desenvolveu uma teia de discursos sobre ser criança e adolescente na cultura contemporânea, materializada numa ampla oferta de sentido em torno de modos, estilos, atividades e comportamentos que atingem sua maior expressão com a liberação das tecnologias digitais. Através desses recursos, e as redes de internet temos que considerar que a apropriação midiática é sempre um fenômeno localizado, pois envolve indivíduos específicos que estão situados em contextos social-históricos particulares, e que contam com as mediações disponíveis para atribuir sentido às mensagens dessa telenovela.

## **2.5 O impacto no tempo e espaço contemporâneo**

Baseado nos dados da análise da situação muito específica, característica da economia mundial dos anos 80, vemos como acontece uma transição para a sociedade informatizada (a partir da segunda metade dos 90) e que carrega consigo muitas possibilidades para horário flexível, cuja manifestação não significa mudança ou desaparecimento das relações de mercado capitalista, e sim sua reestruturação, sob a influência da informação virtual, o que garante por um lado a descentralização da produção, a mobilidade e a individualização do

trabalho junto com a fragmentação da sociedade, e por outro lado a concentração e coordenação de todos esses fenômenos se concretizam via redes de computador e seus links interativos, incluído em tudo isto, tanto os vínculos intercontinentais ou entre os diferentes espaços de um mesmo edifício.

Aqui podemos, de certo modo, analisar a ideia dos elementos eletrônicos sugeridos por Toffler como unidades fundamentais na sociedade de informação, também o conceito de aldeia global, a partir do neo-tribalismo sugerido por McLuhan, mergulhado nos mitos da hiper-realidade televisiva, com a ideia que Castells utiliza argumentando o desenvolvimento de determinada tecnologia eletrônica totalmente equipada para os interesses individuais e as possibilidades dos consumidores das redes virtuais informatizadas, onde eles conseguem ordenar e reservar mensagens na medida das suas necessidades, junto com os serviços que circulam globalmente, porém, se distribuem pelas localidades.

Embora os meios de comunicação realmente tenham se interconectado em todo o globo, e os programas e mensagens circulem na rede global, não estamos vivendo em uma aldeia global, mas em domicílios sob medida, globalmente produzidos e localmente distribuídos. (CASTELLS, 2003, p. 426)

A concepção de aldeia global aparece como uma resposta ao rápido desenvolvimento dos canais de televisão, e sua capacidade de distribuir informação numa audiência massiva, recriando uma cultura de massas. Os novos meios de comunicação eletrônica não carregam como função inerente a tendência a estereotipar o conteúdo de muitos programas, e conseguem a descentralização, a diversidade e a mobilidade do conteúdo e da própria tecnologia, se espalhando em todas as direções, e adquirindo capacidade de organismos vivos, chegando até o nível de atingir relações tecno-culturais, onde a interatividade pode terminar em individualização.

Os recursos da Internet e suas qualidades não são fictícios, e ao contrário da disponibilidade massiva que a radiodifusão alcança a partir dos anos 70 do século passado, se aprimorando inclusive com uma nova variedade das NTICs, que incluem o controle remoto, o telefone e o celular, adquirindo vantagens de individualização; no entanto, os serviços de usuários on-line ainda permanecem inacessíveis para pessoas pobres, ou residentes em países com sistemas de antena fracos.

Os elementos da comunicação computadorizada podem ser também um meio poderoso para reforçar a coesão de uma elite cosmopolita, que se estabelece em contraste com a maioria das populações em vários países ao redor do mundo, sem acesso a todos esses mecanismos de comunicação, firmemente integrados ao novo mundo da comunicação, que se associa com o desenvolvimento dos conteúdos multimídia integrados num único sistema, que ao mesmo tempo pode ser considerado instrumento de poder, controle, e uma fonte potencial de grandes lucros.

Essa elite pode ser considerada cosmopolita pelo fato que mantém o controle dos fluxos informativos, e os condiciona até uma situação transfronteiriça, ao mesmo tempo em que as pessoas de juízo comum vivem e agem localmente, pelas diferentes regiões de suas cidades e países, os espaços do poder e da riqueza aparecem conectados pelo mundo todo, via telefone, televisão, transporte aéreo e internet.

A vida das pessoas se concentra na experiência da sua rotina, e sustenta suas raízes no fluxo habitual das suas vidas, nestes espaços entram as informações, que podem até chegar a transformar elementos na lógica do pensamento de um determinado lugar, alcançando a lógica do pensamento global, no entanto, isso não impede o controle sócio-político das sociedades locais nacionais, a partir da sua especificidade histórica. Ou seja, como Castells assinala, a elite pode ser cosmopolita, porém as comunidades continuam locais.

No plano ético estético essa cultura voltada para a elitização sustenta os princípios do Pós-Modernismo, onde se produz a mistura dos elementos na tentativa de uma harmonia formal, produzida pelas provocações estético-transitórias, onde a forma preferida de expressão parece ser a ironia. Mais do que tudo, o Pós-Modernismo está destinado a expressar de um modo inconsequente, sua ideologia dominante, atentando para uma finalização da historicidade por meio da expressividade e pela compressão dos conceitos de localidade, inseridos num fluxo de espaço e subjetividade.<sup>19</sup>

Deste modo, na sociedade comunicativa acontecem mutações nos princípios da vida material e da vida espiritual nos conjuntos de pessoas, atingindo sua psicologia, alimentando sua mentalidade, e incrementando suas representações filosóficas sobre o mundo, o tempo e os espaços.

---

<sup>19</sup> Não cabe aqui a defesa do pós-modernismo, a polêmica permanece a despeito da mudança substancial da razão moderna, da fragmentação do conhecimento, fim das metanarrativas e da não-linearidade do progresso. O termo tenta descrever este “novo” momento, mas a ele surgem alternativas como hipermodernidade, modernidade líquida, sociedade pós-industrial, entre outros.

Nas transformações da compressão do espaço relacionadas com a dinâmica das relações sociais e sua inserção no tempo da sociedade informatizada, aparecem as ideias da sociedade do fluxo que tenta eliminar as fronteiras temporais, se nutrindo do fluxo do capital, dos fluxos da informação, dos fluxos da tecnologia, numa interação que inclui imagens, sons, fetiches, personalidades, que surgem dos próprios processos que a vida econômica, política e simbólica instituem.

Vemos então, como a prática social parece estar fragmentada a partir das diferentes linguagens e pontos de vista, que na sociologia chega a se denominar de Relativismo: o espaço parece perder o significado de localidade, e o tempo alcança uma continuidade não fragmentada, se tomarmos em consideração que muitas das situações, fenômenos e processos da vida contemporânea acontecem simultaneamente e se nutrem de elementos atemporais para a informação, e dentro das redes virtuais se criam mecanismos, comunidades, e elementos comunicativos que abrangem todas as esferas.

Assim nos deparamos com duas maneiras para a representação do tempo, a partir da cultura multimídia que surge como consequência da simultaneidade na transmissão, e tradução, de uma enorme quantidade de informações por diversos canais de conexão, que derivam numa colagem de hipertextos num fluxo contínuo, concedendo aos modelos dessa cultura informativa uma natureza contínua, mesmo que efêmera. “De fato, a transformação do tempo sob o paradigma da tecnologia da informação, delineado pelas práticas sociais, é um dos fundamentos de nossa nova sociedade, irremediavelmente ligada ao surgimento do espaço de fluxos” vaticina Castells (2003, p.523) .

Tudo isso pode ser considerado em correspondência com as concepções pós-modernistas que acentuam a canalização irônica dos valores e conceitos culturais tradicionais, que determinam o sentido da existência humana, assim como a lógica para um capitalismo flexível, com uma dinâmica dentro da sociedade regida pelas redes, surgindo assim, a atemporalidade como característica significativa das temáticas recriadas pelas expressões culturais do nosso século.

## **2.6 Simulações computadorizadas da sociedade**

Não existem condições para recusar a percepção à crítica dos modelos informatizados da sociedade, que carregam um determinismo tecnológico, abrindo desse jeito uma perspectiva para interpretações mais adequadas da revolução computadorizada, como uma das tendências para a transformação social. Nesta perspectiva, resulta fundamental o fato que nos últimos anos do séc. XX resultou prioritário o desenvolvimento das tecnologias simulativas e não das informativas, ou seja, as tecnologias da realidade virtual.

Como resultado do incremento da memória operacional e da velocidade de ação dos computadores e seus programas operacionais, aparecem também formas qualitativas para a transmissão e elaboração de dados, que podem ser analisados pela similaridade que estabelecem entre o trabalho no computador e o controle dos objetos reais, assim como as semelhanças no mundo de comunicação on-line, com a comunicação no espaço-tempo real. Veja-se a hiperatividade que conseguem os processadores Pentium, ou os sistemas operacionais Windows, que não sofrem alterações fundamentais no seu princípio de funcionamento, porém, em cada uma das suas variantes mais modernas incrementam a capacidade de funcionamento dos computadores pessoais e da Internet.

Desse modo, lutar no videogame contra um monstro como Doom ou construir relacionamento em The Sims, resulta tão realista como apertar botões na tela como usuário do Word. Tais tendências mesmo que tecnológicas, são totalmente paradoxais, pois pela dimensão de seu consumo, atingem a possibilidade de serem interpretadas na Sociologia. (Anexo A)

A computação na vida cotidiana se insere com sua rotina de realidade virtual, que é interpretada na qualidade de simulações computadorizadas dos objetos e ações reais. Podemos ver quão interessante tem se mostrado na atualidade estas simulações que, além de realizar compras e reservas com a ajuda do computador interligado pela rede de Internet, este processo parece estar se organizando como uma visita virtual às lojas que fornecem os produtos.

Se com a ajuda da computação gráfica sofisticada o fornecedor das web-pages recria a localização das mercadorias nas vitrines das lojas e controla a troca e forma de pagamento, em forma de notas fiscais e cheques. Todos estes processos não devem ser considerados como uma simples transação de compra e venda transferida dos espaços reais para os virtuais. Veja-se aqui uma simulação das formas institucionais e instituídas do intercâmbio de mercadorias. Este tipo de institucionalização converte o intercâmbio das operações tecnológicas numa

espécie de interação econômica em que se realizam os papéis (interpretação) de vendedor e comprador.

O intercâmbio utilizando a Internet permite concluir a troca sem se submeter às formas instituídas para a realização de compras. Ao mesmo tempo, com ajuda dessa tecnologia virtual a realidade se recria, adquirindo a aparência do intercâmbio institucionalizado que acontece de maneira simulada, resultando ser o análogo virtual da real interpretação e da interação social. A única carência neste relacionamento parece ser a sociabilidade, da qual se nutre a sociedade com todos os mecanismos de interação. Resultado, a sociedade a partir da sua concepção tradicional parece estar substituída por uma loja virtual.

## **2.7 O corpo, o espaço e o tempo na comunicação**

“O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios ‘originais’ se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais.” (GATTARI apud COSTA, 1998, p. 66)

Desterritorialização implica abandono de território e a reterritorialização a construção de outro espaço. Ao segurar uma caneta com a qual se desenham letras que formam palavras – cada uma um território em si – se estabelece outro território, o território da palavra. E agrupando várias palavras, ou seja, os vários territórios que cada uma representa, aparece uma frase inteira que por si já forma outra demarcação, modificando as fronteiras individuais, para as coletivas, comparativas e interpretativas.

Da mesma maneira que duas pessoas se beijam ou dois corpos quando se unem adquirindo novo significado, os territórios quando unidos ou separados reformulam-se, e mesmo quando novamente desunidos não voltam ao estado inicial, deixando suas fronteiras circulantes. Isso nos permite verificar que de toda desterritorialização precede uma reterritorialização e cada uma dessas ações resulta infinitamente contínua e diferente. Veja se como, por exemplo, como a temática saúde na internet pode ser revisada simultaneamente a

partir da informação acadêmica, da experiência pessoal, da prevenção, do exercício físico e da nutrição e com as mais diversas formas de expressão.

No decorrer do dia atravessamos infinitos territórios que se modificam a cada momento ou visão em que são assimilados ou representados. Nosso pensamento é um território cujas proporções não se podem medir e de uma incrível e inominável capacidade de desterritorialização e reterritorialização em velocidade não medida. Cada espaço percorrido, estudado, pode ser cultivável em nossa consciência e na consistência corporal que se desterritorializa e reterritorializa em proporções igualmente incontáveis.

O corpo durante a noite ocupa um espaço na cama que se encontra em determinado espaço no quarto, e resulta ser um cômodo na moradia. Essa construção faz parte de um bairro, em determinada cidade, que por sua vez ocupa um determinado espaço num estado, de um país. Tudo isso localizado em determinado continente e assim sucessivamente. Quem acorda pela manhã, sai da minha cama, se desloca dentro pelo restante da casa. Sai para trabalhar viaja e que percorre as ruas da cidade até o lugar onde presta serviços. E assim vai cruzando territórios e mudando fronteiras.

O local de trabalho é outro território que comporta outros espaços menores, através dos quais circulam outros ambientes que se ressignificam no momento em que as mais diversas pessoas circulam por eles ou somente os cruzam. No momento em que acontece o envolvimento numa situação profissional os significados territoriais do pensamento e do corpo adquirem um sentido específico. Posteriormente ao ocupar outro espaço com outros propósitos, ambos terão outras essências, pois já terão categorizado uma nova territorialização. E a cada nova situação, a cada novo momento, sempre irrepetível acesso um novo território. A internet tem uma capacidade inusitada de transbordar essas limitações visto que nela é possível agir profissionalmente, apreender, se comunicar e relacionar, informar, consumir, e relaxar, alimentar sonhos e fetiches sem contar a quantidade de personalidades que os sujeitos podem chegar a recriar em todos esses processos.

A mão em contato com uma ferramenta de trabalho denota um território específico, com outra validação quando apalpa um corpo. Assim a boca em contato com o alimento não significa a lascívia do contato com o quadril, e menos ainda o Eros de bocas que se beijam. São territórios e fronteiras demarcados que se transvertem naquilo que representam. E quando acompanhados de imagens (incluída a 3D, o Photoshop), inseridos na privacidade, recriados por sons (estéreos, eletro-acústicos), acontece uma movimentação de fronteiras, assimilações e identidades que em cada espaço pode mudar de sentido. A tecnologia da virtualidade

proporciona a difusão de linhas que eliminam certos espaços entre aquilo que está presente, aquilo que se imagina e o que realmente pode ser, permitindo uma variabilidade entre o conhecido e o desconhecido, eliminando certos espaços entre o que pode estar presente e ausente. Shields chama a atenção para isso quando expressa que tais fronteiras parecem estar se dissolvendo. Elas aparecem menos como barricadas impermeáveis e mais como limiares, através dos quais tomam lugar as comunicações e onde coisas e pessoas de diferente categoria – local e distante nativo e estrangeiro etc. – interagem.

Territórios não se delimitam, fronteiras não se marcam. Não importa de que estejamos falando, sejam as fronteiras da identidade individual ou cultural, as fronteiras das palavras, da linguagem ou do pensamento, as fronteiras da memória ou do esquecimento, as fronteiras do corpo, do espaço ou do tempo, etc. Toda construção, seja ela identitária ou de outra ordem, se dá em processos conscientes ou inconscientes, apreendidos pela memória ou que escapam a ela e que quando recriados pelos meios de comunicação adquirem as mais diversas conotações, muito personalizadas quando aparecem pelos diferentes canais da internet e a série de tecnologias que admite para configurar o processo de comunicação.

## **2.8 Os recursos da internet e as possibilidades do business on-line**

Muitas organizações que trabalham no mercado nacional e internacional acabam descobrindo a possibilidade de expandir o público via internet, seja para consumo, publicidade, arrecadação de fundos, opiniões e inclusive no plano da contratação e ofertas de emprego.

Atualmente em muitas instituições, especialmente onde se reúnem a maior quantidade de estagiários, jovens promotores e recém-graduados interessados em mostrar serviço e probidade profissional, os primeiros rumos e investimentos estão destinados a criação de um site na internet para junto com a imagem da empresa incluir o desenvolvimento, valores e capacidade de produção nas mensagens publicitárias. Desse modo um negócio on-line resulta uma constatação que acentua a concorrência dos inseridos no mercado, pois experientes e inovadores estão interessados em mostrar a face que lhes garanta não só a sobrevivência e o patrocínio, mas também as possibilidades de mostrar filantropia, com seu consequente reconhecimento social e retorno comunitário. E quanto mais conservador parece ser o

investimento em publicidade que a empresa propõe nos meios de comunicação de massa tradicionais, mais arrojados parecem ser os recursos utilizados pelos gerentes de vendas quando o espaço publicitário se define dentro das redes virtuais, blogs e sites fornecidos pela internet. Com muita frequência aparecem os investimentos e empresas com ideia de que a publicidade virtual é um espaço único e singular para abordar a sociedade e capturar usuários, sobretudo na formação de sites de vendas.<sup>20</sup>

A publicidade virtual admite também a possibilidade de aumentar o consumo e as vendas com o máximo de expansão geográfica e cobertura de audiência porque o alcance da internet inclui países vizinhos, estrangeiros (sem controles aduaneiros, nem fissões políticas), mobilidade no uso dos idiomas, o que lhe permite uma valorização internacional livre de fronteiras físicas para o análise de seu produto, marca e interesse de mercado. Nesse caso, se compararmos a eficácia da publicidade nos meios impressos de comunicação e nos outros meios de comunicação com a eficácia da publicidade on-line esta última supera em possibilidades e liberdades de expressão ao merchandising tradicional. Questão que também fica evidente ao compararmos os custos e materiais da publicidade na internet com os da publicidade no espaço aberto.

O preço a ser pago por uma mensagem colocada na televisão não representa apenas dinheiro ou poder. É aceitar ser misturado em um texto multisssemântico, cuja sintaxe é extremamente imprecisa. Assim, informação e entretenimento, educação e propaganda, relaxamento e hipnose, tudo isso está misturado na linguagem televisiva. (CASTELLS, 2003, p. 421)

A publicidade virtual interativa (mesmo que uma interação reativa, como vimos em Primo) tem se expandido como a representante de todos os recursos, pois formulários e enquetes além de esclarecer os rumos da empresa, deixam o receptor e possível usuário com a sensação de estarem inseridos num processo que obriga as empresas a lhes solucionarem todos seus problemas desde a solicitação do serviço, caso contrário estão com a possibilidade de desacreditar sua existência.

A audiência da internet cresce continuamente e se manifesta de forma quantitativa e qualitativa porque dela participam jovens e adultos das mais diversas procedências e possibilidades de consumo, somado ao fato que a propaganda on-line atrai cada vez mais anunciantes pela simples razão que fornece e reúne uma diversidade de recursos que os outros meios de comunicação podem apresentar de forma fragmentada.

---

<sup>20</sup> Vendas sob medidas a anunciantes podem ser adequadas ao assunto tratado na página, às palavras-chave que geram links diretos ou mesmo, recentemente, a um software que identifica na foto marcas usadas e apresenta na mesma página anúncios destas grifes personalizados.

A internet admite que seja criada uma apresentação de produto ou serviço num nível de compreensão e dinamismo que pode estar inacessível para outra mídia. Sem contar como a mensagem pode ultrapassar o grupo alvo pretendido, sempre com um nível de retorno superior ao espaço físico da procedência, ao mesmo tempo em que admite o retorno imediato para o controle da reação em tempo real e modificar o efeito da mensagem até atingir os valores máximos. Além de que via internet, as campanhas publicitárias minimizam o impacto dos concorrentes pelas próprias capacidades de conexão dos receptores. A existência do site exige que seja de conhecimento do maior número de usuários e clientes. Dessa tarefa devem se encarregar os promotores e planejadores de web-site que conseguem vender uma imagem de empresa dinâmica e capaz de descobrir a localização geográfica dos acessos, monitorando desse jeito, a capacidade e os interesses de projeção da empresa seja no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo ou MT, incluindo aqui os espaços internacionais.

O elemento importante para a ativação deste recurso é o livro de visita que se encontra a disposição dos visitantes com opiniões e amostras de satisfação com os serviços. A maioria dos principais jornais pelo mundo já mostram uma diversificada publicidade pela internet porque além de ultrapassar as fronteiras de seus territórios incrementam continuamente o número de usuários e o apelo para a descentralização temática de todas essas revistas e jornais visa manter o interesse pelos tópicos que carregam suas informações a um amplo público que as procura carregando inúmeros interesses culturais, tradicionais e folclóricos.

Nas grandes metrópoles de qualquer país já se constata a predileção pela internet quando o assunto é informação. O que tem comprometido a influência dos grandes jornais nacionais em muitas capitais. Isso tudo aponta para o grau de incidência que essa nova tecnologia produz no comportamento, assim como para o incentivo de propagandas muito mais efetivas porque o merchandising virtual ultrapassa a territorialidade física da empresa, determina a localização física do usuário e aumenta a capacidade de mercado.

O investimento publicitário do setor de comércio e varejo, dá um exemplo da força crescente do meio Internet. De 2008 para 2009 segundo pesquisa IBOPE/Mídia, apesar da hegemonia do meio TV com 54% da verba, a internet teve 132% de evolução, e foi o meio com maior aumento proporcional.

O investimento em divulgação on-line demonstra que uma distribuição de rendas para este setor de convivência com os usuários, pode ampliar o retorno e o fortalecimento da empresa, e uma das empresas que maior destaque tem conseguido neste quesito desde suas

primeiras iniciativas, segundo a revista Forbes, é a Mc Donald, sem contar com bancos e instituições escolares que têm aderido a esta iniciativa, diversificando seus espaços e possibilidades de incorporar públicos para participar do mercado que o cartão de crédito fornece.

## **2.9 Cultura da realidade virtual e os elementos sociais da informação**

Canalizando nossa análise sobre a divulgação dos conteúdos culturais via internet podemos sintetizar que o principal problema que enfrenta o jovem e a criança não é simplesmente o acesso a sites adequados, mas também a captação do sentido real nas informações que procuram e utilizam para realização de tarefas escolares. Neste sentido, o site Wikipédia resulta uma revolução cultural que visa o pensamento das pessoas, não só relacionados com o desenvolvimento das formas acadêmicas, iniciando uma transição coesa na documentação e apresentação de códigos culturais. As imagens e linguagens quase não apelam para uma avalanche nas tecnologias de comunicação, porém a página colaborativa utiliza muito bem os recursos de links e enlaces na apresentação do mundo virtual da linguagem audiovisual.<sup>21</sup>

Além disso, proporciona muitos códigos e seus significados aumentando o valor que todo o material em rede fornece quando se trata de diversidade em contraste com a unanimidade da ideologia oficial, que caracteriza a representação social ao longo da história humana concentrada em períodos históricos por territórios, estados, espaços e localidades com suas respectivas evoluções.

Duas ideias predominam na projeção da globalização econômica desde os anos 80 e início dos anos 90. A primeira ideia gira em torno da rejeição das ideologias centralizadoras como o comunismo, sindicalismos, feminismo, homossexualismo e conseqüentemente procura canais para a revalidação das propagandas que se inserem nesses espaços. A segunda ideia, desenvolvida a partir dos 90 se estabelece na sensação de confiabilidade que o mercado fornece aos indivíduos, como uma forma de liberdade individual e da prosperidade. Consumo e cartão de crédito invadem então os principais canais de comunicação ao mesmo tempo em

---

<sup>21</sup> Wikipedia é feito e revisado a várias mãos e olhos. O site é uma enciclopédia colaborativa que hoje tem mais artigos do que a famosa Enciclopédia Britannica, por exemplo, e é revisada permanentemente pelos colaboradores. Não tem fins lucrativos.

que exigem uma individualização que atrai massas e grupos sociais antes rejeitados para o eixo produção-salário-consumo.

A metrópole cria padrões de uniformidade, remodela os hábitos locais e os subordina a estilos “modernos” de trabalhar, se vestir e se distrair, viver numa grande cidade significa para a maioria dos migrantes, não importa de onde venham, aspirar a ter uma casa própria – com pavimentação, luz e água – próxima a escolas e centros de saúde. Contudo, a homogeneização do consumo e da sociabilidade, propiciada pelo formato comum com que estes serviços se organizam, não anula as particularidades. (CANCLINI, 1996, p. 104)

Na esfera cultural, a declaração direta de renúncia a costumes isolados, interpretações religiosas e rejeições também significa a liberdade de informação, especialmente na mídia. Muitos programas abordam tópicos de interesse generalizados, se abrem para pesquisas, enquetes, votações, com a indicação de idade e público alvo, popularização da net e canais por assinaturas as ideologias extremas parecem desaparecer ou ficam controladas pela presença de seus adversários nos espaços onde antes detinham toda a hegemonia.

A fragmentação de conteúdos, roteiros, formas de expressão no lugar de segmentar o público criam um receptor mais homogêneo que procura respostas naquilo que antes desconhecia ou duvidava, e compara seus procederes com o daqueles que apresentam pensamentos e modos de vida diferentes.

Os talk-shows e programas de debates se instituem como essenciais na reunião de públicos diversos e, a internet em pouco menos que uma década se consagra como o mecanismo onde a multiplicidade de informação esmaga as fragmentações ideológicas e fica servida como uma prova visível de que uma nova era tende a se consolidar, a era da informação. Temos exemplo de programas de cunho sexual com apresentadora sexagenária, séries de TV sobre ‘serial killers’, páginas da web dedicadas à fotografia de insetos e até páginas dedicadas exclusivamente ao bizarro. (ver anexo B)

Interessante observar que na crise econômica mundial e mesmo nos conflitos que certas regiões se empenham em não solucionar, a liberalização da informação se impõe pela multiplicidade e revisão de hábitos e costumes. No entanto, uma orientação política distinta das novas mídias, pode estar persistindo herdada com elementos da época pós-guerra fria, entretanto não consegue se sobrepor a representação de uma vasta gama de imagens, ideias e experiências de todo o mundo, que juntas se distribuem num novo ambiente cultural on-line. De repente, os cidadãos de todos os países podem ver o resto do mundo. E sua reação se

assemelha com a experiência de uma viagem real sem necessidade de dispor de contas de banco milionárias.

Em outras palavras, a ideologia do mercado chega a quase todos os espaços do mundo e se consolida com a capacidade de informação e validação de pensamentos que os meios de comunicação de massa divulgam e a digitalização fornece com a liberdade de informação que as redes virtuais permitem, incluindo neste processo a personalização dos aparelhos de telefonia e a portabilidade dos computadores. As NTICs hoje com auxílio do Google Earth promovem passeios virtuais em Nova York ou Paris como se você estivesse andando pela Quinta Avenida ou ao lado do Arco do Triunfo.<sup>22</sup>

Propaganda, consumo e informação estão presentes em todos os canais comunicativos e não necessariamente contraditórios entre si e com as próprias representações das pessoas. Por um lado, a gravidade da alta dos preços e a especulação comercial regulamentada como as realidades da vida. Por outro lado, graças à televisão - o mundo do consumo, publicidade, oportunidades ilimitadas (se tiver dinheiro) e as novas mídias do mundo com seus modelos, com seus exemplos de vida desde as novas imagens do capitalismo, especialmente para as gerações mais jovens. No entanto, a relação entre a mídia, empresas, comunidade e cultura ficam mais complexas, com a liberação do acesso do público aos meios de comunicação fortemente alterada na década de 90.

quanto mais as mídias se multiplicam mais aumenta a movimentação e interação ininterrupta das mais diversas formas de cultura, dinamizando as relações entre diferenciadas espécies de produção cultural. A multiplicação das mídias tende a acelerar a dinâmica dos intercâmbios entre formas eruditas e populares, eruditas e de massa, populares e de massa, tradicionais e modernas, etc. (SANTAELLA, 2003, p.31)

A crise econômica altera substancialmente a mídia que influencia o comportamento das pessoas agora com uma escolha muito maior de fontes de informação, dificultando sua própria manipulação, como jornais e revistas totalmente subsidiados estabeleciam. Simultaneamente com as aberturas políticas se liberam os fluxos informativos, assim usuários e receptores conseguem acesso às outras áreas da Informação e da Cultura que está disponível na maior parte dos meios massivos de informação e comunicação agora em contato direto com a maioria da população.

Então se fortalece o fenômeno da produção descentralizada da informação e da busca pela opinião dos pares sobre dúvidas cotidianas. Páginas da internet com comentários sobre

---

<sup>22</sup> O programa do Google Street View permite visualizações de três cidades brasileiras a partir de outubro de 2010: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

produtos e serviços, páginas com perguntas respondidas entre os próprios usuários/navegantes e trocas de informação sobre temas de interesse comum em redes sociais e comunidades virtuais na internet. O Clube do Hardware, por exemplo, é uma comunidade que está sempre pronta para esclarecer dúvidas em relação aos computadores e como ela existem inúmeras feitas por especialistas médicos, botânicos, jornalistas, economistas, etc.

## **2.10 Aglomerados de mídia**

Nos anos 90, muitas pessoas já estavam bem vinculadas com o mundo audiovisual, e o material impresso encarece para a maioria dos potenciais leitores. Rádio e TV tratam assuntos muito mais diversificados, e adquirem um papel bem mais decisivo na formação da opinião pública e das percepções culturais, totalmente liberadas e esclarecidas com a propagação da internet. Por outro lado, os conglomerados de mídia se liberam dos controles estaduais e junto com os mecanismos governamentais vão se posicionando gradualmente sob controle financeiro do poder dos grupos de negócios, que assume posições mais diretas no controle das comunicações pelo mundo afora. Assim marcas Nokia, Microsoft, General Electric, Phillips, Sharp, Apple invadem desde o mundo dos brinquedos até as tecnologias comunicativas, sem deixar de abordar as utilidades do lar, e isso acompanhado da mais diversificada representação pública via comerciais, propaganda e renovação dos itens de consumo.

Não é raro então verificar fusões, contratos, colaborações entre as diretorias de rádio e televisão com empresas de porte e representação econômica, ficando assim a comunicação de massa cada vez mais dependente de grupos de empresas comerciais e de investimento. A tendência do controle real das empresas sobre a mídia se intensifica para a primeira década do século XXI quando muitos grupos financeiros apresentam um forte apoio às atividades dos governos, perante uma série de modificações climáticas e de fenômenos naturais que a industrialização produz no meio ambiente. Isso deve ter acontecido pelo temor a algum tipo de ressurgimento de ideologias que condenassem seriamente a evolução e disseminação dos esquemas de produção por todo mundo, obrigando aos governos a tomar medidas com a excessiva e rápida evolução da indústria e a conseqüente parada de todos os mecanismos de consumo, como aconteceu nos anos 70 com a indústria bélica e o fim de serviços militares obrigatórios.

Inicialmente as mídias começam seu poder via expressão de preferências políticas e de negócios, onde aparece a fragmentação dos conteúdos e dos próprios jornalistas, em contraste com os espaços onde predominavam aqueles setores de mídia oligárquica, que conseguiram a participação dos diversos grupos financeiros nos meios de comunicação importantes.

Assim, desde finais do século XX, várias revistas e editoras começam a criar redes regionais, com rádios comerciais e locais, emissoras de TV fora dos perímetros metropolitanos aumentam sua capacidade de construir redes com inúmeros canais de televisão por satélite, disputando junto com o avanço da internet (que se incorpora a vida pública por esse mesmo período) milhões de telespectadores e usuários em audiência. No Brasil, medida pelo Ibope. Desta forma, os meios de comunicação começam a adquirir uma memória diversificada e internacional dentro de um sistema integrado de comunicação social, onde as imagens, os sons e as histórias são ligadas de forma global. Ainda aparece a concepção do hipertexto que diversifica e descentraliza a semântica das mensagens e que abrange todas as variantes do público crescente.

Qual é o impacto do controle empresarial sobre os meios de comunicação para a mídia de massa, para a revolução cultural e a auto-expressão? Não é apenas o esforço para criar uma nova iconografia que acelera a compreensão dos elementos folclóricos e culturais das diversas regiões do mundo, porque também carrega a habilidade e necessidade de lidar com seus mecanismos tecnológicos, as NTICs, quando se está na presença do controle remoto, do PC, das redes virtuais, do telefone celular, de multimídia em 3D, do photoshop, e todos os mecanismos de evolução tecnológica que superam valores, ideologias e conceitos religiosos se está interessado em participar dos mecanismos de consumo que a globalização manteve na geração da informatização.

Neste ponto, a hegemonia da cultura de massas, até então inquestionável, foi posta em crise junto com a invasão, que já se anunciava, da informatização, penetrando em todas as esferas da vida social, econômica e da vida privada. (SANTAELLA, 2002, p.49)

Dentro das editoras e jornais, e nos meios de comunicação, os jornalistas têm uma participação muito baixa na preparação de relatórios e emissão de pareceres sobre qualquer assunto que os proprietários consideram importantes porque os grupos empresariais são extremamente propensos a um controle da informação nas questões que lhes são aplicáveis diretamente (a privatização das telecomunicações, a nomeação do governo). Mas a vida e as informações não se limitam a isso. Há uma enorme área de interesse, não controlada pelo

ensor. Nesse sentido, a ideologia pró-mercado com seu foco sobre os interesses de mercados específicos não é o equivalente funcional da que intervém em todas as áreas da informação.

Assim hoje podemos ver que a propaganda turística não somente aborda preços, roteiros, cartões postais, e serviços de hotelaria e turismo. Analisa-se também a possibilidades na diversidade de público e lugares de interesse para acampamentos, turistas rurais, viagem familiar de férias, espaços para solteiros, tipicamente urbanos ou público GLBT. (Ver no anexo C)

Contudo, a concorrência feroz entre os grupos empresariais não tem consenso. Além disso, o controle das empresas sobre os meios de comunicação acontece através de uma retirada gradual deles da área de influência do Estado, e quando manipulam o tratamento do pensamento no mundo do consumo que em toda parte se dissemina com ajuda do conteúdo da mídia globalizada, minada pelo sentido de excepcionalismo, famosidades, fetiches e sonhos de realização econômica.

## **2.11 Monitoramento da informação on-line versus projeção dos espaços físicos e suas legislações**

Quando a Internet começou a mostrar seu potencial, muitos economistas e investidores no mundo dos negócios imaginaram ser como uma moda passageira que não lhes dizia respeito. Agora, muitas dessas empresas, inclusive as globais com patrimônio de vários bilhões de dólares estão totalmente empenhadas em se fortalecer num processo que alterou os mercados em menos de uma geração social com impacto na informação, mecanismos de produção, consumo, e as referências de pagamento propagadas em vários setores, obrigando os a mostrarem mais competitividade, e a necessidade de sobreviver tem vindo impulsionar esta mudança e seu caráter de integração com as comunidades menos abastadas dos espaços sociais em que acontece o processo de produção.

Por outro lado, no mundo sem fins lucrativos e, mais especificamente, no mundo de grupos comunitários e carentes se aprecia uma interação midiaticizada e com a filantropia. Será uma mudança radical na filantropia? Será que vai ser conduzido pela transformação dos serviços públicos? Ou pode ser tão simples quanto o conhecimento a partir de como as

peças começam a compreender o poder da Internet para mudar suas próprias vidas? Nós não sabemos o quê ou quando.

As novas mídias permitem um maior grau de liberdade e autonomia para a juventude, em contraste com o conhecimento específico que rende uma sala de aula porque em questão de contatos e experiências a juventude se sente mais motivada a aprender com seus pares do que com adultos e especialistas com outras visões de vida. Com a Internet se tornando uma atividade cada vez mais comum na vida diária das crianças, tem havido um maior interesse sobre a possível exposição dos menores inseguros a conteúdos inadequados on-line, o que não impede que elas continuem usando a Internet em números cada vez mais alto.

Os jovens são fortemente monitorados em casa, na escola, e em público por uma variedade de tecnologias de vigilância o que provoca que crianças e adolescentes procurem espaços privados para a socialização, exploração e experimentação, longe dos olhos dos adultos, conseqüentemente os adolescentes e jovens na escola estão entre os maiores usuários de Internet. Publicar informações pessoais on-line é uma maneira que a juventude tem para se expressar, se conectar com colegas, fortalecer sua popularidade, e aumentar o vínculo com os amigos e membros de grupos e seus pares. Resultado: os jovens querem ser capazes de restringir a informação fornecida on-line de uma forma diferenciada e personalizada.

Crianças e adultos jovens também utilizam a Internet para comunicação e entretenimento e o e-mail parece ficar em segundo lugar. Na hora de fechar contatos escolares os adolescentes e adultos jovens também apelam para a virtualidade, grupos e espaços sociais das redes sociais permitem que a maioria dos jovens use a internet para diversos tipos de atividades, sem muita ênfase nos games, fazendo com que este mecanismo de comunicação fique integrado às suas rotinas diárias, que envolvem a escola, o entretenimento, a comunicação e o brincar. Quando as crianças envelhecem, elas se tornam muito mais propensas a utilizar a Internet para mais tipos de atividades, como resultado usam da participação em chat rooms, ouvir rádio, assistir TV ou filmes.

A preocupação em expor crianças a conteúdos inapropriados on-line não supera a preocupação com o conteúdo televisivo que não parece ter levado as famílias a abandonar ou rejeitar o acesso à Internet em casa comparado a outros fatores que contrastam com a vida pública, sem deixar de reconhecer que a socialização on-line é onipresente, pois muitos jovens passam por um período de ajustes e de exploração, quando olham para informações on-line, jogos ou personalizam experiências com a produção de mídia digital.

Essa participação está dando a eles os conhecimentos tecnológicos e a literatura que precisam para ter sucesso no mundo contemporâneo. Eles estão aprendendo a conviver com os outros, a administrar uma identidade pública, e como criar uma homepage, blog ou mesmo sua própria comunidade virtual. O uso mais intenso da Internet parece ser que os jovens podem mergulhar profundamente em uma área particular de interesse, muitas vezes através de uma ligação com um grupo específico on-line.

Aqui é onde a Internet deve ser analisada e colocada nas mãos de pessoas que realmente se preocupam em saber como ajudar as crianças, sendo que a energia on-line pode ser usada como um meio para desenvolver novas e melhores maneiras de aumentar a eficácia escolar e trazer os esforços para a socialização e o conhecimento. Também pode melhorar e fortalecer o trabalho das organizações baseadas na comunidade através da redefinição de relacionamentos, facilitando o intercâmbio de conhecimentos e aumentando a interação entre os grupos da comunidade e seu povo, nos jovens e famílias, nos serviços governamentais, nos prestadores de serviço da juventude, e nos financiadores da comunidade empresarial. Pode ser aplicado para ajudar a aglutinar recursos e beneficiar a inteligência coletiva das pessoas em torno de questões vitais. E, além disso, pode ser aproveitado para ajudar a mudar a maneira como pensamos sobre a juventude, levando a novas soluções para os problemas.

O verdadeiro poder da Internet é que as pessoas estão obrigadas a lidar com uma fonte diversificada de conhecimento, e contrário ao que pode ser imaginado não se trata do elemento físico nos computadores, nem a massa física de cabos, ou das complexas redes ou bancos de dados de informação vasta. São as pessoas e seus conhecimentos, relacionamentos, percepções e espírito, com a liberdade de transmitir todo tipo de informação num mundo interligado e sustentado por uma forte variabilidade de modos, efeitos e linguagens, que faz da Internet um novo meio de comunicação, permitindo que pessoas e grupos da comunidade tenham a oportunidade para capacitar-se em novas formas de apreciar e transferir o saber. O Overmundo.com.br, por exemplo, é um site colaborativo com conteúdo rico e o Scribd.com uma comunidade que publica textos e partilha livros e conhecimento e assim tantas outras páginas como aquelas que propagam o software livre por exemplo. (Ver anexo D)

A Internet pode ser aplicada para transformar a assistência fora da escola, do mesmo jeito que se apreciam os elementos de comércio, finanças, educação e saúde, onde as mudanças e enfoques sejam dramáticas, informativas ou de entretenimento são realmente pontos de vista para aglutinar grupos de interesse. Mas, há sérios entraves para superar o

acesso em áreas de baixa renda. Para isso se requer a participação de organizações com base comunitária que funcionem com o interesse de ajudar a integrar a Internet com os programas fora da escola para crianças, jovens e adolescentes nesses setores. Embora tenhamos apenas começado, essas organizações já estão experimentando uma mudança na maneira como eles estão pensando sobre o que a Internet significa, em seu trabalho.

Eles podem ter começado com uma sensação de que estavam prestes à ligação de computadores e ao ensino de habilidades técnicas. Mas eles estão cada vez mais percebendo que é sobre o seu desenvolvimento organizacional e própria capacidade pessoal de construção, infraestrutura técnica, suporte, treinamento e maneira que suas organizações funcionam que se desenvolve a internet.

Quando as organizações começam a usar a Internet, a própria dinâmica do apoio social começa a mudar, assim como a organização interage com colaboradores externos e seus componentes que podem produzir a interação dos gestores em grupos baseados na comunidade, ensinar a realização de negócios on-line, orientarem os serviços de governo e até conseguir que patrocinadores, apoiadores das comunidades tenham uma ligação imediata ao se conectar on-line para ver o seu trabalho dentro dos programas para a juventude, nos esforços de bairro, nas reações as campanhas com o capital investido e até estudar o desenvolvimento de uma nova política ou iniciativa que pode se beneficiar, liberando tempo precioso de ação.

Os funcionários podem desenvolver melhor suas habilidades, trabalhando com as pessoas e na captação de recursos para os programas quando eles precisam, ao mesmo tempo em que os jovens podem desenvolver habilidades críticas na pesquisa, avaliação e colaboração encontrando um meio de descoberta e criatividade, e aprendendo as habilidades requeridas para as profissões que não conhecem ou que exigem conhecimentos que não eram necessários há cinco anos. Assim eles podem desenvolver relações de aprendizagem, pessoalmente e on-line, com adultos e outros jovens que prestam um apoio crítico de rede, agora e para seu futuro profissional. Dentro de um ambiente de aprendizagem enriquecido e com a orientação de adultos ou de outros jovens, eles podem ganhar um sentido de realização, um melhor senso de autoestima e confiança e uma atitude mais positiva para a aprendizagem.

Existem escolas nos sistemas educacionais que são inconsistentes com o cenário tecnológico, intelectual e social do século XXI. Não responderemos a esta pergunta sendo submetidos a testes, crianças sendo testadas sobre o conhecimento do século XIX. Ao fazer isto, estamos construindo uma ponte

para o século XIX. Não estamos abrindo uma porta para o século XXI. (PAPERT, 1998, informação verbal)<sup>23</sup>

Achamos que os jovens adquirem esse novo tipo de aprendizagem muito rapidamente e, à medida que crescem, podem ajudar outros jovens e adultos a compreenderem esse novo mundo, tornando-os verdadeiros agentes da mudança. O desafio não é a Internet e suas tecnologias relacionadas, mas é certamente um pré-requisito essencial e formidável para a mudança transformadora de apoiar a assistência fora do horário escolar e fomentar e defender aqueles que podem e querem que a Internet seja esse recurso de incentivo e integração social.

Também se reconhece por essa via a liderança, a capacitação organizacional, alterando os incentivos para a colaboração em grupos sem fins lucrativos, ignorando o controle territorial das instituições existentes, redimensionando a função das instalações físicas e infraestrutura, recrutando novos talentos no campo do saber, se impondo ao ciclo de vida de um bairro desanimador que pode prejudicar os jovens que procuram melhorar suas vidas e recuam perante os custos da tecnologia.

Se o potencial da Internet pode ser aproveitado, grupos da comunidade podem ajudar a capacitar-se. Eles, por sua vez, podem redefinir e melhorar a maneira como eles cumprem sua missão, e as melhorias que eles demonstram podem influenciar outras instituições a fortalecer todos os elementos que o apoio dos jovens precisa para pensar de forma a incrementar a tecnologia. Para se concentrar em permitir que pessoas e organizações se capacitem, criando uma transformação na maneira de trabalhar e pensar.

---

<sup>23</sup> Palestra proferida em 1998. Acessada em: <http://www.scribd.com/doc/2073699/Child-Power-Keys-to-the-New-Learning-of-the-Digital-Century>. 13 de agosto de 2010

### 3. Comunicação e Educação

#### 3.1 Conteúdo livre para todos os públicos?

Até agora, os tribunais se recusaram a restringir discurso sobre a Internet com material com censura etária ou legal para adultos. Uma vez que muitos acreditam que parte desse material pode prejudicar as crianças, surge o problema: existe uma forma constitucional de proteger as crianças dela? Outra maneira de resolver este problema poderia ser bloquear usuários de alcançar determinados conteúdos na Internet.

As bibliotecas públicas se encontram entre aqueles que pretendem manter as crianças longe dos locais de Internet inadequados, ao mesmo tempo em que a protegem contra a censura. Muitas bibliotecas reagem adotando políticas de Internet, como a exigência de autorização dos pais por escrito, pedindo para as crianças assinarem acordos de uso aceitável, equipando estações de trabalho com telas de privacidade ou cabines para impedir que os menores tenham acesso ao material que adultos procuram. Uma das soluções mais promissoras, entretanto, pode ser a aplicação de software de filtragem para bloquear o acesso do usuário a alguns sites da Internet.

É preciso criar recursos para ajudar os líderes comunitários e organizações a entender, gerenciar e beneficiar da Internet de forma mais eficaz. Esses recursos devem incluir academias de net que desenvolvam programas de lideranças, gerentes e funcionários de grupos dentro das comunidades para entender melhor o potencial, os riscos, as implicações e as armadilhas que a Internet representa para os jovens. Tais centros com recursos de Internet podem oferecer um serviço continuado de compra e instalação de PCs, monitoramento e assessoria para a terceirização de serviços sobre tecnologia para os grupos de base comunitária.<sup>24</sup>

Do mesmo modo pode ser desenvolvida uma rede de recursos on-line através do qual os líderes da comunidade consigam localizar e proteger os produtos e prestadores de serviços,

---

<sup>24</sup> Selecionado como tecnologia social um projeto do Jardim Vitória pretende colocar nas casas das pessoas computadores conectados à internet e com suporte dado pela própria comunidade capacitada para isso. O computador terá um software chamado Luz do Saber que auxilia com exercício e atividades de reforço escolar em português e matemática.

as comunidades empresariais e as instituições de ensino sem fins lucrativos entre outros. Uma maneira de assistência é através de atividades fora da escola, que pode manter sua formalidade e mostrar programas acadêmicos de saúde, desportivos e musicais para envolver os jovens. Juntas, essas várias formas de assistência podem influenciar e ajudar a reconstruir a comunidade, em particular, com programas extra-escolares de aprendizagem que têm mostrado uma grande promessa para usar efetivamente os recursos tecnológicos da comunicação e a net com atenção aos jovens.

### **3.2 Internet e educação humanitária como elementos da problemática cívica e educacional**

Desde os tempos de Sócrates já se tem a escrita como um elemento da cultura capaz de fazer com que as populações se tornem mais inteligentes e organizadas uma vez que começaram a manipular um meio interessante para a preservação da memória e aperfeiçoamento da inteligência. A escrita ao mesmo tempo em que rapidamente invade os objetos artísticos, registra considerações sobre os níveis do bem e do mal e armazena informação, chega a sofrer com a censura uma vez que se considerou suspeita de amolecer a capacidade de compreensão e recreação do pensamento ao se confiar somente nos registros gráficos o que poderia deixar os aprendizes sem astúcia.

Do mesmo modo hoje discutir sobre a internet é difícil por algumas razões: a começar pelo próprio termo, O que é internet?

- um conjunto de computadores interligados entre si com ajuda de inúmeros fios e cabos sujeitos a normas de comunicação entre eles? Ou bem...
- uma diversidade de informação conservada e trocada nesses computadores a uma velocidade controlada em constante câmbio? Ou então...
- muitas pessoas usando os computadores que produzem, reproduzem, duplicam, eliminam ou preservam toda essa informação?

Para termos uma resposta primeiramente devemos evitar nos centrar numa exatidão terminológica já que cada resposta encontra seu vínculo com as outras relacionando todos os aspectos entre si. As mais atuais resultam ser a segunda e terceira preocupação sem conseguirmos evitar uma reflexão sobre os elementos meramente tecnológicos justamente

porque a própria configuração da internet exige e fornece a seus consumidores meios bem específicos para a manipulação da informação.

Eis aqui um contraste interessante visto que o conjunto tecnológico da internet carrega consigo metáforas linguísticas que obviamente apontam para o caráter maduro, de duplo sentido e nada infantil que a virtualização da informação carrega na cultura contemporânea.

cada indivíduo envolvido em um processo de interação possui [singularidades] para modificar o conteúdo do processo comunicativo, no sentido de que é possível a qualquer um ‘a transmissão de sua própria substância’ (SIMMEL, 1971), o que segundo Simmel, constitui a natureza da mesma interação. (SANTOS, 2002, p. 101)

Quase que uma forma de substituir o surrealismo e o pós-modernismo que os meios abertos e controlados de comunicação incentivaram desde os anos 60, nas últimas quatro décadas do século XX. Vemos então que a net aparece como um espaço regido por certas normativas, praticamente fechada (ou separada das normas sociais), que pode viciar, e ser canalizada como um dos elementos dopantes da sociedade ao enclausurar o indivíduo em micro espaços, para uma suposta comunicação diversificada, rápida, de longo alcance, porém pessoal. Entre os jovens 81% quando perguntado o que acessa na internet responderam sites de relacionamento. Também tem destaque as mensagens instantâneas e os e-mails, ambos com 76%. (conforme infográfico da página 18)

Interessante o fato que a internet brasileira é diferente dos EUA e Europa. Chega a se estabelecer na época de sua divulgação e aceleração mundial e mesmo estando num território sem conflito com aquelas nações, não participa da fase de seu desenvolvimento, quando as principais redes de informação se alimentavam de material acadêmico, científico, administrativo e empresarial, acompanhada por alguns entusiastas e intelectuais que no plano pessoal atendiam e comportavam o preço dos PC e dos telefones celulares naquele período dos anos 80.

Logicamente desde os anos noventa aqui acontece um fenômeno que pode ser comparado com aquela fase, entretanto nunca nos parâmetros do que aconteceu nos espaços universitários norte-americanos, nem com as academias europeias dos países desenvolvidos. Assim nós pulamos a fase de sustentação acadêmica e empresarial para nos finais do século XX incorporar a popularização dos serviços telefônicos junto com a democratização da internet perante um público massivo que a assimila como espaço para chat, blogs pessoais e como meio de divulgação da comunicação e massa. E aparece uma maneira de analisar a

informação e a realidade que pode ser definida do seguinte modo: se quiser navegar bem longe, é suficiente entrar nos ritmos acelerados da net para se transportar.

A interpretação suspeita e a análise negativa que já se experimentava pelos meios convencionais de comunicação de massa nestes escassos quinze anos invadiram os espaços virtuais (e uma das razões pode estar no fato que em breve a net se incorpora aos processos de divulgação política e ao próprio processo eleitoral com cadastro de cidadãos e votantes).

Veja se também que a interpretação de velocidade na e para a utilização do meio, a própria rapidez com que se estabelece e divulga também não colaborou para o entrosamento de uma atividade intelectual brasileira nos parâmetros da internet nacional, e junte-se a isso o conservadorismo do ensino tupiniquim já canalizado como ineficiente por mecanismos internacionais de fiscalização da UNESCO.

De certo modo, nosso sistema educacional não fica alheio ou afastado das novidades tecnológicas e informativas do meio virtual. Sempre as incorpora, visto que a moda de internet exige de escolas e instituições de ensino superior algum tipo de assimilação, até porque os primeiros estudantes com acesso a computadores e internet estão em escolas privadas e universidades federais, e institutos de cursos pagos. Detalhe para o fato que geralmente as IES brasileiras não se destacavam pela diversidade, magnitude e qualidade, nem pela renovação constante do material divulgado nas suas páginas. Isto hoje resulta uma exigência do MEC e dos Programas de Pós-graduação e pesquisa, que ainda esta em fase de implantação e crescimento, sob extrema fiscalização (e muito incentivada) desde os primeiros cinco anos do séc. XXI.

Em pouco tempo se digitaliza o sistema de ingresso, a divulgação de notas e aparecem cursos virtuais e também espaços destinados ao conhecimento da informática nos centros estudantis nacionais. Centros como a PUC, USP e FGV foram pioneiros e exceções no quesito qualidade, inclusive no intercâmbio estudantil com os EUA e Europa. MBA's executivos, empresariais, qualificações e cursos lato sensu, extensão universitária estão no foco do mercado estudantil moderno brasileiro, todos auspiciados por grandes instituições, departamentos de pesquisa e aprovados pelo MEC e se encontram em domínios [www.instituição.org.br](http://www.instituição.org.br) ou [www.curso.br](http://www.curso.br) com divulgação de tempo, material, preço e possibilidades de aprovação e estudo.

Desse modo a internet brasileira no quesito conhecimento aparece em projetos dispersos muito bem ilustrados com sites permanentes funcionando dentro de diversos centros

de ensino e pesquisa, porém sem uma estrutura e correlação acadêmica muito bem definida entre eles. Ou seja, se nota como cada instituição ativa e atualiza seu site de modo independente. E raramente aparecem enlaces ou redirecionamentos sobre um mesmo tema para outros sites ou instituições que tenham colaborado com o investigador ou criador da temática e inclusive com maior experiência no tratamento dos tópicos divulgados. Pode ser mais fácil achar algum link que indique o nível de envolvimento da instituição como departamento com congressos e eventos internacionais, uma espécie de reconhecimento a atividade social e administrativa que lhe corresponde mostrar para a comunidade e o estado.

O ceticismo da pedagogia brasileira se fundamenta não somente no duvidoso conservadorismo de seus condicionamentos históricos<sup>25</sup>. A internet, como a própria natureza, não tolera espaços vazios e assim onde os educadores se limitam ou ficam atentos, os estudantes mostram sua atividade que de certo modo não se corresponde com as expectativas do sistema de ensino. O esquema de rateio e cifras para a transmissão de informação que predomina na internet é bem diferente dos outros sistemas e métodos porque admite a procura de forma geral e ampla do tema em questão e é de se esperar que essa metodologia seja de fácil acesso e domínio para todos os participantes dos sistemas virtuais de comunicação garantindo-lhes facilidade e conhecimento tecnológico na manipulação das informações.

Acontece um fenômeno dicotômico em que aquilo facilmente adquirido resulta menos valorizado. E se tem que os estudantes ficam eximidos do papel da pesquisa e da leitura com desempenho do poder de ortografia – uma espécie de desvirtualização do saber. Os tempos em que o livro era consultado e se realizavam anotações para serem discutidas em grupos e com colegas parece ter perdido sentido. Uma vez que a leitura e as anotações já resultam mecanismos de análise e produção individual que consolidam a compreensão ao se recorrer a discussão com colegas e professores. Com a aparição de meios tecnológicos e baratos para armazenamento e re-elaboração da informação, a estrutura do ensino pode estar destinada a mudar e revisar os elementos de aprendizado e memorização que nela se aplicam e com mais frequência se observa na visível redução de consultas a fontes bibliográficas e aos clássicos dos conhecimentos e estudos propostos.

Por outro lado, nessa dicotomia vemos que, ao mesmo tempo em que a internet afeta o processo de memorização, ensina e obriga a realizar perguntas certas exatas e totalmente vinculadas ao tópico específico de interesse. Veja se que no sistema tradicional de ensino que

---

<sup>25</sup> Em uma breve história da educação no Brasil (MATTAR, 2010) mostra o forte vínculo religioso que a educação brasileira vivenciou desde o princípio

ainda predomina em muitos espaços não capitais, nem metropolitanos ainda se realizam as composições relatos e monografias, e sempre aparecem estudantes, quando não re-criadores de ideias, plagiadores ou interessados em se aproveitar do conhecimento alheio a modo de descoberta, assim como professores que fazem a vista grossa nesses casos.

O fenômeno vem de longa data e ainda nos anos 70 e 80 do século passado os estudantes recorriam à memorização de seus trabalhos, poucas eram as oportunidades de mecanografar e a liberdade de impressão ou publicação estava bem limitada, e desde aqueles tempos acontecem os concursos de melhor redação, composição de monografia que se aperfeiçoa nos cursos de pós-graduação para aqueles que tomam a sério o saber.

Constam ainda hoje, muitos elementos do ensino socrático que versa na memória e repetição, naqueles espaços onde a Internet é de difícil acesso ou cara para sua aplicação. Porém, ela resulta cara ou inacessível em poucos lugares, e vemos que um enorme volume de resumos e redações invadem tanto os sites escolares como os blogs de interesse pessoal. E logicamente se destaca a mais negligente de todas as operações ‘copiar-colar’ que resulta uma das mais divulgadas entre jovens e adolescentes na hora de produzir algum tipo de texto, trabalho ou serviço, com grande espaço no ensino médio.

As histórias interessantes sobre este aspecto se encontram em bibliotecas acadêmicas, sobretudo naquelas onde a juventude assiste em busca de referências bibliográficas e exigem também autorias de redações de resumos prontos para os temas que estão precisando. Nota-se nesses casos o desinteresse pela própria produção, que pode até terminar em desgosto perante a ausência do documento necessário, ou seja, interpreta-se com uma única atitude para realizar operações de backup. De certa maneira a tendência dos estudantes para Copiar e Colar conduz a resultados interessantes, para isso temos um exemplo à procura de documentos sobre um tema proposto em classe. Após várias horas no Yandex.com aparece a redação acerca do Pólo Norte, é copiada e reescrita no caderno. No dia seguinte ficou esclarecido que com a mesma redação compareceu a metade da classe.

Logicamente não existe nenhum problema ao serem copiadas redações da Internet. O questionamento se resume aos problemas de educação e aprendizado. O copiar parece ter alcançado caráter massivo naqueles lugares onde, de forma culta ou dissimulada, se admite. Entre os estímulos para tal se encontra a própria proposta do tema. Enquanto forem propostos temas como o Pantanal mato-grossense e seus recursos hídricos, ou Rio cidade maravilhosa, as pesquisas (e cópias) em qualquer site [www.turismobrasil.com.br](http://www.turismobrasil.com.br) estarão garantidos.

Com referência aos aspectos técnicos os empecilhos também se resolvem com muita facilidade, caso o professor domine o mínimo de competências para trabalhar com a Internet, é fácil descobrir as fontes suspeitas do tema apresentado (e não resulta pouco frequente devolver para estudantes resumos e referências com amostra do endereço de origem). Existe também outra via ainda não estabelecida, por enquanto no Brasil, mas de uso já comum na América do Norte. Trata-se do serviço virtual Turnitin.com, destinado precisamente à verificação das fontes dos trabalhos, cujo autor pode despertar suspeita na verificação do professor. É um serviço pago, porém, entrar em contato com os princípios de seu trabalho é de uma grande utilidade, logicamente estamos na necessidade de criar um recurso brasileiro desse tipo, orientado antes de tudo para as temáticas escolares, em tais casos aquilo que aparenta ser necessário pode se converter numa colaboração com os principais fornecedores de referências, redações e bibliografias.

Desse jeito os navegadores compreendem com antecedência que não precisam enfrentar uma desilusão ao serem avaliados. Uma segunda parte deste ainda não existente serviço no Brasil deve propor recursos totalmente orientados para os estudantes (pode-se incluir aqui os universitários), para eliminar qualquer possibilidade de fazer cópias sem sentidos, lhes propondo mecanismos de investigação muito mais interessantes.

Um sistema de consultas em rede diretamente com os especialistas poderia se converter num elemento interessante para as questões de consulta, onde em paralelo com as consultas e procuras em disciplinas específicas, os condutores e administradores dos sites pudessem também exercer funções pedagógicas, estimulando a formulação de perguntas dos estudantes que conduzam a respostas totalmente individuais. Parece ser uma ideia que agradaria até o próprio Sócrates. Em essência, se trata de fazer uma proposta sobre os contornos possíveis da instituição educacional on-line, que não trocasse a essência das escolas e sim fosse um elemento complementar das escolas tradicionais.

### **3.3 Influência da net na metodologia clássica de ensino**

Repetidamente acontece que se escutam questionamentos acerca da informação caótica que transmite a Internet. Totalmente não estruturada com a ausência de hierarquia – características realmente presentes na comunicação virtual, e nada referenciadas dentro da

pedagogia a partir da sua compreensão tradicional. Uma fronteira não precisa entre o educador e o estudante, fundamentada para a ideia da Educação dentro da rede parece ser frágil, não se sustenta. Além disso, este fenômeno pode ser comparado com a utopia de que o homem se libera da “palavra”, e as linguagens resultariam iguais ou totalmente convincentes, os elementos extralinguísticos perdem sua total influência subjetiva, deixando a capacidade de interpretação praticamente nula. Para muitas pessoas que são propensas a inconstância e desconfiam do poder da palavra, isto pode ser um tópico não questionável, e podem tentar misturá-lo com a pedagogia.

É compreensivo que se não se perdesse os 50% do tempo que se investe na visita a um chat (aspecto que destacam muitos dos contrários aos recursos da Internet) teríamos uma produção mais eficiente. As redes podem ser canalizadas como espaços para o uso produtivo das pesquisas, se tratam os mais diversos projetos onde as pessoas conseguem trocar informações, os mais específicos e especializados nessa função são os denominados “fóruns”. Não só eles, pois os blogs especializados também contêm uma enorme quantidade de informações a respeito.

O modelo tradicional da pedagogia democrática na contemporaneidade se sustenta num esquema da “única fonte” de informação, multiplicada para seus receptores (UM-TODOS). Essa é a essência da pedagogia da distribuição de conhecimento, quando o saber procede de uma única fonte e enquanto alguns estudantes os dominam de forma correta, para outros é complicado. Sendo os primeiros sempre incentivados e os segundos exigem preocupação para lhes incentivar o aprendizado. A assimetria original que estabelece este regime entre o professor e os estudantes, fica apoiada até o mínimo pormenor dentro das salas de aula, como se fosse um dispositivo de réplica do ensino luterano, esta também concebida como uma posterior reprodução, que pode vir a oferecer mais estabilidade para as novas gerações. Um exemplo desta suposta adaptação é o que Cysneiros (1999; p.16) chama de inovação conservadora que “são aplicações da tecnologia que não exploram os recursos únicos da ferramenta e não mexem qualitativamente com a rotina da escola, do professor ou do aluno, aparentando mudanças substantivas, quando na realidade apenas mudam-se aparências.”

No entanto, fica claro que tal estabilidade está cheia de rigidez, e a reprodução do seu esquema também pode interferir no processo de compreensão. Segundo psicólogos e pedagogos especializados na metodologia, isto é um fenômeno muito comum no processo de educação, que contribui para o estagnamento da escola e da escolaridade no seu mais amplo

sentido, e se junta a isso a indefinição do status dos professores dentro do sistema escolar e social que o capital propõe.

Todos os aparelhos ideológicos de Estado concorrem para o mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é das relações de exploração capitalistas. Cada um deles concorre para esse resultado de uma maneira que lhe é própria, isto é, submetendo (sujeitando) os indivíduos a uma ideologia “porém, nenhum aparelho ideológico de Estado dispõe, durante tantos anos, dessa audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita ...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista. (ALTHUSSER, 1985, p. 79)

A rede traz a proposta de um esquema de certo modo alternativo, onde a pedagogia que ela propõe pode ser considerada como “de intercâmbio”. Veja-se bem que o monólogo do professor e as respostas do estudante parecem perder seu papel de gêneros linguísticos (orais) fundamentais. O estudante neste caso adquire o direito de expressão livre, e o professor a condição de duvidar e não compreender a proposta. Transparece então, o diálogo como forma essencial do aprendizado através da interação mútua.

O estado crítico da pedagogia distributiva exige uma maior atenção para o esquema alternativo on-line, que se por um lado não consegue substituir as funções escolares, aparece com muita perspectiva na qualidade complementar no seu relacionamento com a educação tradicional. Exemplos de configuração dessa pedagogia de intercâmbio on-line, se considerarmos a quebra dos estereótipos que pode ser constatada na atualidade, quando a troca de perguntas e respostas pressupõe a liberdade de mudança nas linhas e metodologia, a liberdade de utilização de registros orais na conversação, e não menos importante, a liberdade para o sarcasmo e ironia. Logicamente estes princípios podem se realizar ao presumir um respeito e confiança mútuos. A utopia do meio (no sentido literal da palavra) pode liberar do espaço cultural na hora de produzir uma redação, e a internet se apresenta como um espaço totalmente habilitado para experimentos deste tipo. Em outro momento poderemos levantar questionamentos totalmente técnicos.

Paulo Freire fez inúmeras críticas ao método de ensino focado na transmissão do conhecimento que domina as escolas, que segundo Pierre Lévy “há cinco mil anos se baseia no falar-ditar do mestre”. Entre as críticas Marco Silva (2003) ressalta algumas dos livros “Educação e mudança”, “A importância do ato de ler”, nesta ordem:

- "O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária [sedentária, passiva]. O educando recebe passivamente os

conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita"

- "Quem apenas fala e jamais ouve; quem 'imobiliza' o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco, apenas de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; (...) não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia".

Desse modo ele chama a atenção para o processo de ensino não como uma simples transmissão de conhecimento que aborda objetos e os vincula ao conteúdo, assim procura destacar que existe outros mecanismos que vão além da pura descrição do conceito ou do objeto estudado e que evitariam a memorização mecânica por parte dos estudantes.

Como o próprio Silva salienta, Freire não teria deixado uma teoria da comunicação que desse conta da sua crítica à transmissão. Mas deixou aberto uma porta ou mesmo uma ponte para interatividade como co-produção do conhecimento. Um paradigma necessário, caro ao construtivismo e urgente no mundo contemporâneo.

O conceito de interatividade hoje se presta a campanhas publicitárias e argumentos de venda de carros a perfumes. Interatividade para Arlindo Machado (1997) tem se apresentado como "um terreno tão elástico [que] corre o risco de abarcar tamanha gama de fenômenos a ponto de não poder exprimir coisa alguma". Em seu livro ele lembra de programas "interativos" onde o telespectador escolhe o final e o cinema "interativo" onde a poltrona mexe com a ação apresentada na tela.

Silva (2003) pontua que "Interatividade é um conceito de comunicação e não de informática." É um conceito que pode ser empregado para a comunicação entre interlocutores humanos e entre humanos.

Loes de Vos (2000 apud PRIMO, 2007), ao revisar inúmeras tipologias de interatividade, chama atenção para as conexões produzidas por meio da interação. A primeira delas a face a face (direta), a segunda humano-meio-humano (comunicação de massa, telecomunicações, comunicação mediada por computador) e humano-meio (interação homem-computador).

Aqui estamos focados nas duas primeiras possibilidades e menos na comunicação com a máquina. A sala de aula é majoritariamente face a face e nesta relação a interatividade também se faz necessária. A transformação da mídia de massa (UM-TODOS) em mídia interativa (UM-UM, TODOS-TODOS) promoveu a transformação do aluno que cada vez

mais vê na transmissão oral realizada em sala de aula um evento chato atestado inclusive pelo SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica do MEC).

Entender o conceito de interatividade deve auxiliar o professor/mestre na condução dos seus alunos que não estão mais contentes com a posição passiva de aprendizes e podem e devem construir o conhecimento juntos. Silva (2003) sugere três características que são encontradas no ciberespaço e atendem à complexidade do termo interatividade:

1. Participação-intervenção: participar não é apenas responder "sim" ou "não" ou escolher uma opção dada; significa interferir na mensagem de modo sensório-corporal e semântico;
2. Bidirecionalidade-hibridação: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção, é co-criação, os dois pólos codificam e decodificam;
3. Permutabilidade-potencialidade: a comunicação supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações potenciais.

O autor lembra ainda que mesmo antes do computador, como ele insiste a interatividade é uma palavra que pertence à comunicação e não à informática, o artista carioca Helio Oiticica havia inventado o Parangolé. Um apetrecho que podia ser vestido pelo apreciadores da obra que ao invés de contemplar a mesma, completavam-na produzindo novos significados previstos ou não pelo artista. É claro que de certa forma a obra se completa na leitura que fazemos dela e a partir de pronta já não pertence mais ao artista, contudo a arte “aberta” convoca o espectador a uma participação sensório-corporal e semântica que caracterizam a interatividade como sustentada por Silva.

A sala de aula interativa independente de ser info-rica ou info-pobre como sugere Silva (2003)<sup>26</sup> é o primeiro passo para reconhecer a mudança no paradigma da transmissão. O que ele chamou de pedagogia do Parangolé sugere uma participação interativa na construção do conhecimento. O professor não emite pura e simplesmente a verdade do seu altar ‘magistérico’, mas sim propõe caminhos para o conhecimento e modela, cria, altera, suplementa e negocia com os alunos que se tornam co-autores da obra.

Uma pedagogia baseada nessa disposição à co-autoria, à interatividade, “requer a morte do professor narcisisticamente investido do poder” explica Silva (2003). Desse modo o

---

<sup>26</sup> Info-rica é aquela sala de aula equipada com computadores ligados à Internet, seja no site de educação a distância, seja na "telessala".

professor “converte-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências.”

Se o paradigma transmissionista também se impregna nos discursos e práticas educacionais, o behaviorismo vem junto, associado a ele, carregando consigo uma visão empírico-associacionista de aprendizagem e um método de ensino. O behaviorismo (principalmente de Skinner) vem restaurar postulados arcaicos da pedagogia tradicional: o conhecimento-cópia, a unidirecionalidade do processo de ensino-aprendizagem, o poder absoluto do exercício e do treino por repetição e a infalibilidade do reforço (resultando em redimensionamento da punição). Logo, crê-se que para que se garanta a aprendizagem, basta uma boa organização do ensino.

Na pedagogia com ênfase na transmissão e na linguagem os alunos recebem, conforme Magdalena e Costa (2003, p. 45), uma realidade já interpretada e geralmente desconectada da sua própria. Essa perspectiva acredita que o conhecimento formalizado por outros pode ser bem entendido se for transmitido de forma gradual e linear – do mais simples ao mais complexo.

Como se vê, os paradigmas informacional/transmissionista e behaviorista aterrissam com força no debate sobre educação a distância, pois aí encontram um cenário propício e familiar: o automatismo. Ora, a concepção de comunicação e comportamento defendida por essas perspectivas repercute no pensar sobre a educação. Com a entrada da informática no processo educacional, o linguajar tecnicista vulgariza-se. Educandos passam a ser tratados como “usuários” e o próprio processo educativo ganha uma nova grife: *e-learning*. Os métodos de ensino baseados em apostilas e testes passam a ser digitalizados e automatizados. As instituições, por sua vez, vêem na educação a distância uma forma de aumentar o número de alunos pagantes e minimizar seus custos.

A concepção mecanicista de “interatividade” vem validar a promessa de uma aprendizagem autônoma através de simples programas de instrução programada (limitados a mais rígida interação reativa). A separação do aprendiz de seus colegas e do próprio professor parece ser divulgada como vantagem.

Contudo, como insiste Primo (2007):

para que se alcance um processo educacional que valorize tanto a cooperação quanto a autonomia, defendido pelas propostas piagetiana e freireana, a mera interação reativa[mecânica pergunta-resposta] não basta. A relação recíproca, não-somativa e interdependente, precisa fazer parte do processo. Vale lembrar que a distância por si só já confere a muitos aprendizes um sentimento de isolamento. Portanto, também nesse sentido, as

interações mútuas [...] mediadas por computador (síncronas ou assíncronas) mostram-se necessárias.

### **3.4 Sociedade on-line, informação e cultura virtual como interface na educação**

Estes termos foram inseridos na lexicologia recentemente, porém com extrema rapidez sentaram raízes, graças aos fundamentos teóricos do sociólogo da Universidade Californiana, Manuel Castells. Dentre eles vale destacar o século da informação, economia, sociedade e cultura. Dentre os inúmeros trabalhos destinados à análise e desenvolvimento da sociedade informativa, publicados na década de 80 pelos diferentes pesquisadores, as monografias de Castells se diferenciam pelas amplas perspectivas e a convicção das suas conclusões, com ajuda das quais o autor persiste de forma equilibrada e flexível para chamar atenção e o interesse dos leitores, ao identificar as tendências na vida social contemporânea. Suas complexidades, contradições na perspectiva de resultados diversificados para o destino da civilização humana. Sem pretender uma monopolização, este autor considera a experiência dos colegas e a partir daí tenta esclarecer as próprias posições, e discute com atenção a originalidade das próprias observações, argumentos, conclusões, dúvidas e expectativas.

A originalidade transparece na determinação e esclarecimento do conceito de sociedade da informação, muito lógico para a comunicação contemporânea. De certo modo carrega motivações que podem ser análogas com o conceito de comunidade industrial, se tomarmos em consideração que este sustenta a essência da industrialização nas comunidades sem fazer menção a outra característica. Os elementos da industrialização aparecem nas sociedades de todo tipo, segundo considerações do autor. Contudo, somente podemos denominá-la tecnológica quando seu fundamento está em todos os ramos de desenvolvimento industrial, e por sua vez, influenciam na cultura e no caráter da vida social, conscientizando todos os elementos (em conjunto). “Em outras palavras: à economia industrial, restava tornar-se informacional e global ou, então, sucumbir” explicou Castells imbricando a sociedade da informação com a industrial.

Algo como isso descrito, também é característico da educação, uma vez que ela existe e se desenvolve em todas e cada uma das etapas da história social, porém somente nas condições da contemporaneidade em que acontece a distribuição acelerada dos meios

tecnológicos e eletrônicos para a comunicação, ela pode ser considerada uma estrutura fundamental no desenvolvimento e modificação social, virando um elemento fundamental na característica do espaço social.

A informação sempre indica os atributos para uma forma específica de organização social, onde seus componentes, processamento e transmissão, são fontes fundamentais de execução e poder, acompanhado neste período histórico de novas condições tecnológicas, e a essência de tal forma comunicativa resulta ser a informação em si mesma, com a lógica da rede fazendo parte da sua estrutura sustentadora, junto aos outros meios de comunicação de massa. Neste caso, a informação se distribui com qualidades específicas e funções determinadas sistematicamente conseguindo transformar as esferas da vida pública entre as pessoas, a começar pelos termos da economia e da política, que por sua vez, são assimilados pela cultura e os sistemas educacionais.

Ao analisarmos esta nova etapa como sociedade informacional, temos que considerar seriamente as redes e o rol das linhas computadorizadas e da comunicação virtual, que permeiam a vida social no mundo contemporâneo, induzindo inclusive diferentes maneiras e destinos, horizontais, verticais, dentro dos diversos países, regiões, e atravessando fronteiras, até se converter numa extensa rede de comunicação, e ser analisada por muitos pesquisadores, com funções análogas as do sistema nervoso e capazes de interferir no funcionamento das mais diversas organizações.

Para muitos parece estar chegando a Era da cultura sensual, audiovisual, e post escrita, totalmente sustentada pelas tecnologias televisuais e eletrônicas. No entanto Castells, à diferença do resto dos pesquisadores, não idealiza uma nova inteligência tecnológica, nem nega a alfabetização pela leitura, nem supervaloriza as possibilidades da informação tecnológica. Ele se focaliza nas possibilidades de uma pluralidade, que pode reunir a identidade cultural, o cruzamento global das redes e uma política multidimensional, na qual pode ser encontrada uma ampla gama de interesses. Esta perspectiva pode ser considerada metodologicamente correta ao analisarmos as peculiaridades do atual mundo multicultural e interdependente, que se apresenta para a experiência humana, nas vésperas da mudança do século, sem perder nesse processo a capacidade de análise profunda, nem abrir mão das experiências acumuladas nos diferentes processos sociais da humanidade.

Ao revisarmos esse tópico, podemos ver as tendências fundamentais da vida cultural e socioeconômica pelos diferentes países do mundo da contemporaneidade, quando admitem

mudanças não só no seu sistema social, mas também na sua orientação capital. Temos nesse caso para mencionar, o fim da era soviética, a queda do muro de Berlim, a “democratização” chinesa, e no plano internacional o término da Guerra Fria. Mas também, o capitalismo parece modificar-se quando acontece o processo de reestruturação de grande flexibilidade nas suas gestões de descentralização, ao se conjugar com firmas e redes virtuais no seu interior e nos relacionamentos com os espaços internacionais, e isto é fundamental para a expansão sempre crescente do capital, com respeito à política do trabalho do atual declínio do movimento operário, intensificando a individualização e a diversificação das relações de trabalho.

Junte-se a isso também, a incorporação massiva da mulher na força laboral, mesmo que ainda apresente elementos discriminatórios, a intromissão do Estado na seleção e regulamento dos mercados, com o intuito de assegurar o sistema social e agilizar a concorrência econômica global, junto com a integração dos mercados financeiros. O desenvolvimento de novos centros industriais nas regiões asiáticas e do Oceano Pacífico, parece ter sido fundamental na conjugação dos países europeus, e para os processos de diversificação e desintegração do antigo terceiro mundo.

Mesmo assim, o panorama geral se mostra bem configurado e podemos continuar analisando que o vetor fundamental estabelece as vias para um Capitalismo informativo global em rede, que se diferencia do industrial pela tendência a criar e incentivar as massas de consumo, a partir de todas as fontes selvagens possíveis, e que por sua vez incrementam o conhecimento desenhado a partir de recursos informacionais, com o objetivo de uma utilização generalizada das tecnologias no desenvolvimento, e de esse mundo também garantir as solicitações de seus usuários consumidores. Se por um lado a industrialização estava destinada ao crescimento econômico, ou seja, a máxima liberação de produção, por outro lado, a sociedade informacional está destinada para a acumulação de conhecimentos e níveis superiores de elaboração nas cumplicidades da informação.

a nova economia tem/terá por base um surto no crescimento da produtividade resultante da capacidade de se usar a nova tecnologia da informação para alimentar um sistema de produção fundamentado nos conhecimentos. Para que as novas fontes de produtividade dinamizem a economia, é necessário, porém, garantir a difusão de formas de organização e administração em rede por toda economia. (CASTELLS, 2003, p. 202)

Do mesmo jeito que a industrialização fica conhecida como resultado do desenvolvimento industrial acontecido nos séc. XVIII e XIX, o informacionalismo surge e se distribui pelo mundo contemporâneo nas condições do desenvolvimento rápido da revolução

técnico eletrônica, que acontece na segunda metade do séc. XX. Revisando desse modo, o processo informativo como fenômeno global vemos que o processo da evolução do Capitalismo informativo incorpora sua estrutura básica virtual e sua lógica de rede pelos diferentes países, carregando consigo as especificidades de expressão muitas vezes contraditórias, que inevitavelmente surgem pela diáspora estabelecida entre os limites da globalização e das identidades, pela rede e pelos interesses de sujeitos e personalidades concretas.

As raízes de tais contradições podem também estar vinculadas com os conflitos que surgem com base na concorrência econômica, e das divergências sociopolíticas, técnicas e genéricas. Muitos desses conflitos transparecem na esfera da cultura que surge a partir dos processos de comunicação simbólica entre as pessoas, nos relacionamentos do ser humano com o meio ambiente, e na produção e seu conseqüente consumo, na experiência de vida e suas relações com o poder e todos esses aspectos se concretizam no transcurso da história, pelas áreas específicas do comportamento humano, conformando dessa maneira, as identidades coletivas que se sustentam na comunidade linguística e nas tradições, tipo arte, desenho, arquitetura, gastronomia.

Atualmente tem se incorporado a esses processos um novo sistema comunicativo, que se aproveita de símbolos universais e linguagens representativas, como aconteceu durante a integração da produção e a distribuição de terminologia, sons e imagens, pela cultura contemporânea, que terminam por entrar no processo de adaptação e no gosto das identidades comunitárias, transferindo-se também para o comportamento das pessoas.

Não podemos ignorar neste caso, os fecundos resultados acontecidos pela intromissão do Estado num controle inteligente do processo de reconstrução e desenvolvimento da sociedade informatizada. Uma política baseada no reconhecimento e aperfeiçoamento de novas tecnologias informativas, para serem convertidas em meio fundamental de garantia para a modernização da vida, e ao mesmo tempo, detentor de suas diversidades históricas pelos diferentes países, em correspondência com sua história, cultura, estatutos e especificidades de relação, dentro do capitalismo global e das técnicas informativas.

### **3.5 Tecnologias da informação e as novas referências no processo de ensino**

Com a homogeneização cultural, as possibilidades de transmitir e de ter acesso, em qualquer momento, a volumes cada vez maiores e imediatos de informação modificam substancialmente o contexto das atividades sociais e econômicas por todo o planeta, e temos que considerar que a globalização não acontece unicamente no campo econômico alterando os níveis de produção o desenvolvimento do mercado e as possibilidades de consumo. Este processo se reverte em todas e cada uma das esferas que a expressão humana admite, incluída a cultura, mesmo quando existem expressões e valores que não conseguem circular ou se expandirem livremente por todos os meios de comunicação de massa e logicamente também não encontra espaços nas redes virtuais de comunicação. Os itens e expressões culturais dos grupos que possuem os meios e as condições tecnológicas parecem alastrar se progressivamente e em muitos casos podem ser revistos como qualificadores de novos valores e tendências no comportamento.

Neste caso podemos falar numa nova estratificação social os info-ricos e os info-pobres<sup>27</sup> numa espécie de revolução tecno-cultural que já atinge grande parte da humanidade mesmo que com matizes diferentes e não com a mesma intensidade em todos os espaços sociais. De qualquer modo não deixa de se projetar como um mecanismo de controle, onde compras, eleitorado, imposto de renda, consultas jurídicas, inscrições em concurso e até registros médicos, tomam matizes de obrigatoriedade.

Podemos notar que o ritmo de incorporação aos sistemas de informação pelas diferentes regiões do mundo e, dentro de um mesmo país, é bem diferente visto que a capacidade poder de consumo não é igualitária quando comparamos a projeção econômica dos países desenvolvidos com seus níveis de produção, criatividade e negócio com a capacidade de consumo e a dependência econômica e cultural dos países em desenvolvimento.

Uma das perspectivas para um futuro não muito longe, se analisarmos a velocidade com que as NTICs se distribuem pelos diversos estratos sociais parece ser a extensão do aprendizado a outros cenários que não estritamente os escolares e a tradicional sala de aula. Com a progressiva minimização dos aparelhos telefônicos, a portabilidade de computadores, MP3 e MP4, pen-drives e outros utensílios; deve chegar o momento em que muitas instituições de ensino podem vir a incluir na metodologia sessões on-line e de transmissão

---

<sup>27</sup> Paralelamente ao conceito de sala de aula info-rica e info-pobre denotando o grau de conexão do indivíduo às redes informacionais das NTICs.

direta por canais de comunicação audiovisual.<sup>28</sup> Logicamente um processo plausível por enquanto de análise e estudo, visto que a desigualdade ainda é grande nos diferentes espaços sociais, inclusive nos próprios países desenvolvidos.

Mudanças podem já estar aparecendo até na análise da competência e das habilidades. Por um lado temos que nas salas de aula tradicionais sempre acontece uma espécie de comparação com os demais onde resulta imprescindível mostrar o grau de competência no aprendizado com as qualificações obtidas em testes, exames, participação em concursos, destacando detalhes referentes ao comportamento. Do outro lado, temos como a maioria dos educadores e metodologistas do ensino atentam para o detalhe que a maioria das atividades humanas socialmente relevantes comporta o trabalho em grupo, e portanto, a competência deve ser analisada como o resultado de uma tarefa de equipe onde alguém assume a responsabilidade em conjunto com as habilidades de todos aqueles envolvidos na situação, e conseqüentemente com seu grau de influência e condicionamento em todos os processos onde se consegue a liderança.

A partir dos anos 90, os espaços escolares foram invadidos pelas gerações, que se encontram totalmente inseridas na cultura do espetáculo, desenvolvida pelas tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo, com a distribuição das multimídias e tecnologias audiovisuais pela sociedade. Estas gerações lidam com formas diferentes de apreciação que vão desde seu relacionamento com a fala e o diálogo que tradicionalmente acontecia de modo presencial até na apreciação dos significados e das metáforas que admitem os meios audiovisuais. Neste processo se aprecia que as percepções vêm se modificando de acordo com a influência das tecnologias que participam dos primeiros anos em uma criança e mais tarde se aprimoram na vida de jovens e adolescentes, tanto em casa como nos meios escolares.

Frente a estas constatações encontramos cada vez com mais frequência em todos os níveis educativos experiências que planejam e organizam as atividades escolares como atividades, que pelo grau de complexidade exigem de cada um dos participantes uma pesquisa destinada à colaboração e ao trabalho interdependente.

A sala de aula deve assumir-se como o *locus* onde se dão as linguagens dos *media*, com suas múltiplas tessituras plurissignificas, onde os conceitos de ensino-aprendizagem devam deixar o enciclopedismo. A par disso, os processos de sociabilidades dependentes de diferentes modos de ver, devem permear as formas de compreender, e, ainda, a necessidade de se lerem e se produzirem textos nas diversas linguagens, a fim de que se possa dominar os recursos de informática, o que implica redimensionar os conceitos de tempo-

---

<sup>28</sup> Realidade presente em algumas instituições e cursos.

espaço para que se aproprie de lógicas que não são formais necessariamente nem se calcam em princípios explicativos herméticos. (POSSARI, 2001, p.95)

São tarefas de tipo cooperativo em que cada um dos integrantes do grupo aporta o material que tem e executa o papel que lhe corresponde de forma competente até conseguir o resultado que se procura. Muitas das pesquisas individuais são possíveis com ajuda das NTICs; computadores pessoais, da telefonia e do fax, de gravações e armazenamento, de impressões ou incorporando qualquer utilidade de alta tecnologia que se encontra no ambiente de seus lares.

A paulatina incorporação das TICs nas distintas áreas do saber e da produção humana tem contribuído para redesenhar as metodologias educativas no plano da cooperação. Aproveitando desse jeito o sistema de signos e métodos que crianças e jovens trazem do contato com o computador e outros mecanismos eletrônicos e digitais que adquirem tanto para a comunicação como para o lazer, desse modo conseguem ser vistos como receptores e provedores de conhecimento adquirido com os dispositivos tecnológicos com que costumam lidar.

Os cenários educativos, como qualquer outro espaço onde participam as diversas comunidades e seus indivíduos assumem papéis vinculados a formatos de interação com conteúdos variáveis e concretos e modos específicos para a distribuição do tempo na aplicação e uso dos recursos disponíveis. E neste caso com a entrada, desenvolvimento e distribuição das tecnologias comunicativas, da Net e dos meios de comunicação, a sala de aula parece ultrapassar o espaço físico meramente escolar. Se de início o fenômeno acontecia para ações administrativas, de fiscalização e interrelação escola/família. Na contemporaneidade podem estar se convertendo numa extensão dos recursos didáticos para interação direta entre os professores e os estudantes.

Se já na metade dos anos 90 do século passado muitos pesquisadores previam a expansão de todo tipo de tecnologia computadorizada a partir do interesse com que se expandiu entre os indivíduos e grupos de médios e altos ingressos, a começar pelos países com altos índices de igualdade social. Neles bancos, ginásios e academias, museus, portarias, sistemas de segurança, telefonia pública e os próprios estabelecimentos educacionais foram incorporando os elementos digitais até praticamente se converterem em imagem obrigatória das paisagens prioritariamente urbanas.

### **3.6 Educação, novas tecnologias, conteúdos multimídia**

Os materiais multimídia aparecem como os novos recursos para o professorado e os estudantes. Parece que nos próximos anos, a capacitação e a didática devem elaborar conteúdos multimídia adequados às distintas etapas educativas e criar/atualizar bancos de dados com as múltiplas abordagens desses materiais para serem utilizados com total garantia dentro e fora da sala de aula. A tendência que se observa neste começo de século é valorizar cada vez mais o uso das novas tecnologias na educação. O desenvolvimento e estandardização da Internet, que ultrapassa as fronteiras do produtivo e do laboral, agindo em todos os outros fazem com que seja revisada como um recurso essencial e como um instrumento metodológico no processo formativo e educativo.

Assim nos deparamos com um novo panorama da educação que canaliza as possibilidades que oferecem as novas tecnologias (Internet, todos seus recursos, conteúdos linguagens, etc.) podendo ser um elemento de ajuda para facilitar a compreensão e o aprendizado dos conteúdos a serem assimilados nas distintas matérias ou áreas de conhecimento.

A mais relevante aportação que as novas tecnologias trazem para o terreno educativo é sem dúvida a eliminação das fronteiras nos espaços temporais tanto no ensino a distância como no ensino presencial; especialmente na educação a distância, visto que incorpora uma tecnologia que podemos denominar de ensino virtual, ensino on-line ou e-ensino. Essa perspectiva no aprendizado acontece num espaço físico não real, ou seja, no ciberespaço. Qualquer uma das modalidades recolhidas neste ensino virtual pode colaborar na solução e aprimoramento de alguns problemas e limitações que tem o ensino tradicionalmente presencial, em todos seus níveis, mesmo que seja na educação não formal ou na formação continuada.

Os estudantes podem participar de conferências eletrônicas desterritorializadas nas quais intervêm os melhores pesquisadores de sua disciplina. A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão de conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à

troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LEVY, 2003, p. 171)

A aplicação de um projeto ou planejamento como esse pode ser introduzida plenamente nos centros educacionais se tomarmos em consideração a quantidade de vantagens que teria para a sociedade, hoje totalmente inserida na Informação e que somente pode derivar na completa incorporação de seus membros e suas comunidades aos sistemas de conhecimento e aproveitamento das novas tecnologias produtivas, informativas e comunicacionais.

Aqui tentamos esclarecer algumas das ideias que este estudo nos indica e que podem ser aplicadas num território como o brasileiro, e muito especificamente MT para incentivar a criação e sustento de atividades profissionais competitivas, sustentadas pelo conhecimento e capaz de gerar de uma econômica dinâmica, baseada na inovação como principais fontes do crescimento do país. Com o patrocínio de empresas nacionais privadas de grande porte e maiores investimentos na modernização do sistema educacional brasileiro o ideal seria atingir uma proporção de um entre 15 estudantes conectados a internet com computador pessoal.

Para isso além dos serviços digitais e de telefonia, as escolas e centros de ensino também devem contar com: Conectividade a Internet de banda larga, sala e espaços equipados para uso livre dos estudantes; Bens e serviços: tomar em consideração o contorno social e as peculiaridades dos programas do centro educativo; Incentivar acordos e serviços de manutenção especializada; Aplicar softwares educativos e gratuitos, assim como sua atualização e distribuição nos centros educativos; Desenho e elaboração de conteúdos educativos para apoiar os processos de ensino e aprendizagem desde a Educação Infantil, Primária, até chegar ao Bacharelado e a Formação Profissional; Publicação e difusão de recursos educativos na linha de interesse comum para professores, alunos e famílias; Formação, conscientização e motivação partindo da preparação dos professores nas tecnologias de informação e comunicação; Incentivar as atuações e planos que permitam a interação e uso correto das tecnologias da informação na escola e em sociedade; Integrar as tecnologias da informação e comunicação aos projetos acadêmicos e curriculares; Desenvolver materiais educativos em suporte informático e digital e Criação de cursos docentes para a formação de professores sobre o uso das tecnologias informativas e digitais.

Estas propostas visam que governos e prefeituras revisem o incremento de instrumentos e locais para a realização de cursos de formação e estudos totalmente

fundamentados no aprendizado das tecnologias digitais e equipados com computadores e recursos para o uso de Internet e todas as suas ferramentas de desenvolvimento em classe.

Desse jeito a prática docente renovada no aprendizado virtual e a partir de centros digitais poderia aumentar a interação das tecnologias da comunicação com a comunidade, ao mesmo tempo em que renovaria a metodologia de ensino escolar com respeito ao tempo e espaço e na construção do próprio conhecimento. Nessa situação o aluno deve passar a ser o verdadeiro protagonista de sua aprendizagem e os docentes assumem um papel de tutela e racionalização da informação muito parecida com uma monitoria qualificada sempre que tudo isso fique adaptado as características heterogêneas dos centros e da prática docente.

Ainda o Brasil carece de centros bem equipados com equipamentos técnicos e informáticos por manter a pressão nos projetos e metodologias tradicionalmente presenciais com grande investimento na fiscalização do Enem e por isso achamos muitos centros educativos onde a utilização das novas tecnologias fica reduzida a um computador na sala de professores, na biblioteca, na sala de informática e nos departamentos didáticos.

### **3.7 Espaço dos conteúdos multimídia como recursos do processo de mediação e recepção do ensino**

O conceito de recurso multimídia é bem amplo e segundo a Real Academia de Língua Portuguesa é um adjetivo de origem inglesa que significa “que utiliza conjunta e simultaneamente diversos meios, como imagens, sons e texto na transmissão de uma informação”.

Então se eles podem ser considerados como recursos educativos que incorporam materiais com diversos elementos textuais (sequenciais e hipertextuais), audiovisuais (gráficos, som, vídeo, animação...) e que podem resultar úteis nos contextos educativos. Permitimo-nos destacar os seguintes grupos: os materiais didáticos multimídia (suportes disco e on-line), que compreendem todo tipo de software educativo para facilitar alguns aprendizados específicos. Por exemplo, o programa do "corpo humano" (Multimídia) ou a maior parte dos programas para superação e aperfeiçoamento em que participam os professores (PRO UNI, Capes, ABNT, CNPq). Também podemos distinguir os materiais

didáticos multimídia que basicamente proporcionam informação (documentos para a consulta dos hipertextos e aos sistemas de navegação para melhor acesso aos conteúdos).

Os materiais didáticos que além de informação oferecem outras atividades interativas para promover o aprendizado (materiais interativos, que facilitam outras atividades com os usuários: perguntas, exercícios, simulações, enquetes).

Os cursos disponíveis em espaços virtuais (on-line), cursos integrados geralmente por diversas matérias que se desenvolvem através das funcionalidades de um entorno tipo "campus virtual" (por exemplo, os cursos *latu sensu* da FGV). Outros materiais de apoio a educação, que sem ser materiais didáticos foram criados para facilitar outras atividades do mundo educativo: gestão de centros, orientação escolar, gestão de tutoriais, diagnósticos...

Materiais multimídia de interesse educativo, que não tenham sido criados para o mundo educativo, porém que em determinadas circunstâncias podem ser utilizados como recursos educativos.

Ao aplicar todos esses materiais multimídia, o objetivo a ser atingido tem que ficar sustentado nos seguintes elementos estruturais básicos:

- Planejamentos pedagógicos;
- Bases de dados, que constituem os conteúdos apresentados pelo entorno;
- Atividades instrutivas, que incentivem o estudante a elaborar seu aprendizado;
- Entorno tecnológico – interface interativa (programa, campus) condizente com os objetivos do programa e dos estudantes;
- Elementos pessoais em forma de assessoramento técnico ou pedagógico on-line.

Evidentemente a grande inovação que estes recursos podem trazer para a educação exige gastos, análise e aplicação muito bem fiscalizada, mas podem se converter em ferramenta fundamental para facilitar o aprendizado do conteúdo por parte dos alunos sem pular os conteúdos conceituais nem os procedimentos que são requeridos para explicar e que o estudante aprenda.

Na atualidade comunicativa o termo multimídia pode significar muitas coisas, dependendo do contexto em que nos encontremos e do tipo de especialista que o defina. Ainda nos anos precedentes a cultura digitalizada estava fazendo referência de um modo geral

as apresentações de dispositivos com áudio, também esteve vinculada com os materiais incluídos nos kits ou pacotes didáticos com material complementar ao didático, etc.

Hoje, já passa a ser canalizada como a integração de dois ou mais meios de comunicação que podem ser controlados ou manipulados tanto pelo fornecedor como pelo usuário que participa nas pesquisas, como fonte de ibope e ainda pode ter sua manipulação via computador pessoal. Assim, multimídia é uma espécie de sistemas interativos de comunicação conduzida por um computador que recria, armazena, transmite e recupera as redes de informação textual, gráfica, visual e auditiva.

Atualmente podemos contar, graças a Internet, com materiais, bancos e centros de recursos, criados pelas empresas ou organismos públicos e privados que podemos acessar para utilizar nas salas de aula. São os centros de recursos multimídia que podem ser considerados mecanismos para um serviço organizado partindo das instituições que os criaram e que conseguem colaborar com empresas e organizações totalmente voltadas para a formação, informação e educação. Em qualquer caso, suas funções estão relacionadas com a gestão dos programas e dos cursos (próprios e alheios), com o acesso a variados recursos de aprendizagem e com o assessoramento e a monitoria.

Hoje já é quase um imperativo conceber um centro de recursos de aprendizagem tomando em consideração a aplicação das novas tecnologias ao ensino. A grande vantagem que fornecem os recursos multimídia tem raiz precisamente na possibilidade que o estudante consiga interagir condicionando seu próprio resultado, resolvendo desse modo o problema de processamento linear da informação pelo receptor, como acontece na presença dos livros de texto e de leitura. Pelo contrário, a informação pode então ser construída desde diversas trajetórias e alternativas e com a participação de diferentes tipos de códigos. Estas trajetórias podem ser fiscalizadas e orientadas pelo autor do programa, para evitar problemas de desorientação no usuário. Nem é preciso esclarecer então que esta nova tecnologia propicia que se passe do papel de receptores passivos, a elementos ativos e conscientes da informação que se precisa processar, entrando novamente na variante comunicativa que tais meios procuram ressaltar.

Seria fundamental que cada centro educativo contasse com seus recursos multimídia organizados para serem inseridos nos planos escolares como matéria e aprendizado, e que ao mesmo tempo estivessem habilitados no plano de admitir sua consulta, acesso e compartilhamento da informação didático escolar via Internet, como bancos de recursos

multimídia organizados por etapas educativas. Se esse controle chegasse até os mecanismos superiores de fiscalização do ensino e do material escolar para serem os encarregados de sua organização e atualização, podemos então falar que se teria conseguido um enriquecimento do processo formativo tanto no professorado como no aluno receptor.

### **3.8 As tecnologias da informação como referências da educação presencial**

De um pequeno número de pessoas vinculado a informação pelos anos 50-60 do século XX o mundo consta hoje com mais de cinco bilhões de pessoas com acesso a todas suas variantes informativas na sua própria língua nativa e parece que os computadores podem substituir os cadernos e quadros digitais e devem se impor nos espaços onde ainda predomina o giz. Mais do que uma revolução, uma necessidade.

Seria injusto pensar que o Brasil não consiga fazer nada sobre a tecnologia aplicada à educação, pois a penetração das Tecnologias de Informação e Conhecimento (TIC) nas escolas está se tornando uma realidade: os alunos que estudam e coletam informações em vídeos (até de celulares) fotografias e imagens, gravam em pendrives, os professores que utilizam retroprojetores, slides, wallpapers coletados ou montados na net em suas aulas porque em uma sociedade onde a tecnologia está em toda parte, os alunos devem adquirir os seus próprios conhecimentos digitais, e isto é como andar de bicicleta ou moto, ou você nunca aprende, isso está incluído até na educação gratuita e obrigatória com vistas a transformar a educação, introduzindo novas tecnologias em sala de aula, o que significa que devemos começar a ensinar de forma diferente e, portanto, a aprender de outra forma.

No entanto, com o apoio de instituições, há dois elementos essenciais para o sucesso: o envolvimento de professores e o desenvolvimento de conteúdo digital específico na mídia para substituir ou complementar os livros didáticos tradicionais. De um lado o professor se destaca como a chave para tudo, e no século XXI, não pode ter as mesmas funções que um mestre do século XVIII, como está acontecendo em muitas escolas ainda, pois ele deve sempre expressar o seu grau de entusiasmo e prontidão vital para que os alunos aprendam as vantagens de usar um laptop ou para receber seus materiais através de um processador de informação.

Por outro lado, para que a utilização das tecnologias informativas transcenda o lar e sejam admitidas nas escolas e no ensino como elemento complementar na aquisição de conhecimento. Incrementam-se assim as opções para capturar informações, proporcionando maior dinamismo e interesse no processo de aprendizagem, com maior liberdade no desenvolvimento e adaptação de conteúdo. O uso da tecnologia motiva os alunos e aumenta a atenção das crianças e o entusiasmo, quando utilizado como apoio para as explicações, para pesquisar na Internet ou realização de exercícios.

A escola brasileira nesse aspecto enfrenta a falta de verba e investimento governamental para programar e distribuir ferramentas, como lousas, projetores, e toda a infra-estrutura necessária para acesso à Internet nas salas de aula. E o processo não pode ficar resumido aos detalhes de índole técnica porque deve se pensar no treinamento do corpo docente e nas possibilidades de adaptação das tecnologias da informação as necessidades educativas com o objetivo de envolver os alunos. Nessa interação toda, torna necessário que cada estudante possua os recursos que lhe permita mostrar o que faz ao mesmo tempo em que compartilha a pesquisa com o resto dos colegas como acontece nos sites, chats e programas de internet.

Com um processador da informação se pode navegar na Internet na frente dos alunos para mostrar todos os tipos de recursos educacionais em linha, e interagir com os conteúdos desenvolvidos especificamente para o conselho e são, frequentemente, equipados com elementos multimídia. Assim, para explicar os diferentes elementos de um templo grego em sala de aula de história da arte, o professor teria de pesquisar na internet uma foto, congelar, e acima dela, escrever com o dedo ou uma caneta em nome dos seus vários componentes com cores e espessuras que você deseja. Uma vez que a classe salva a saída para um arquivo para continuar no dia seguinte e via e-mail mesmo para aqueles alunos que não puderam comparecer.

As possibilidades são infinitas em sala de aula, ao mesmo tempo se aprecia a disseminação das tecnologias no cotidiano das comunidades, porém nem as pessoas nem as sociedades estão prontas para a revolução tecnológica que está acontecendo com eles. A sociedade não está preparada para as questões que surgem quando o conteúdo que é criado pelos próprios usuários de processamento se torna inquisitivo e ao não compreender que a maioria da informação recém-criada é um conteúdo gerado por eles como usuários. Isto pode se tornar um terreno fértil para qualquer vertente interpretativa, sem descartarmos a

possibilidade de um desastre tecnológico. Podemos ver esta tragédia em agressões psicológicas que chegam a vias de fato e que se iniciaram na internet em um fenômeno hoje conhecido como cyberbullying.<sup>29</sup>

Veja-se o rico conjunto de dados, comportamentos e raciocínios que a navegação internauta produz e por isso se faz necessário que o modelo digital ocupe os espaços escolares, para educar simultaneamente a capacidade de uso da inteligência artificial, monitorando assim o grau de responsabilidade que esse tipo de informação diversificada provoca em um curto espaço de tempo.

Seguindo o pensamento de Stahl (2001), sabemos que não é só transformar o processo ensino-aprendizagem de sua forma tradicional para uma nova tecnologia, dando ares de modernidade às aulas, sem alterações profundas. É necessário que os professores saibam o que estão fazendo, por quê e onde querem chegar com isso e como pretendem fazê-lo, apenas assim utilizarão as novas tecnologias para transpor de forma coerente e consciente, a inovação conservadora que de inovação só tem a casca estética e frágil.

---

<sup>29</sup> São ações repetidas ou frequentes contra pessoas praticada indivíduo ou grupo por meio de tecnologia da informação. Ex: ofensas no Orkut, via e-mail, ou outros meios virtuais.

## Considerações Finais

A sociedade em suas múltiplas dimensões, e suas condições coletivas de existência onde se incluem as estruturas educacionais, culturais, de lazer, trabalho baseia-se na lógica de proximidade do cotidiano, onde as pessoas pertencem mais aos bairros urbanos em que residem, e alternam entre as distâncias ao se deslocarem pela cidade de ponta a ponta, participando dos meios de comunicação com validade para a telefonia móvel, e o percurso virtual pelo cotidiano regional, nacional e mundial que TV e internet fornecem.

As marcas e etiquetas que constituem a paisagem do espaço real como shopping centers e supermercados adquirem movimento, ritmo, vida e coexistem com a reinterpretação dos velhos símbolos públicos e religiosos, conformando uma cultura universal de consumo e de comportamentos e interesses, simultâneos.

Dessa forma, nesses sistemas partilhados de significação acontece o que se entende por cultura contemporânea enquanto construção social, móvel, de fluxo contínuo, que se dá a partir do que está além da língua. Nesses elementos culturais devemos considerar o simbólico, o sógnico, a identidade que isto cria e recria e que na atualidade com os dispositivos tecnológicos de informação e comunicação ultrapassa a fronteira de estados nações e via mercado deriva na globalização e universalização. Em outros termos, tudo deve ser pensado dentro do seu contexto sócio-histórico possibilitando a existência de consenso entre os membros de uma sociedade sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social na vida cotidiana.

Há assim a elaboração quase manipulada no sentido do que devemos fazer ou ser, uma vez que a produção de sentido a partir da compreensão ativa dos bens simbólicos é decisiva na construção das identidades coletivas que sobrevivem na contemporaneidade, ajustando-se aos mecanismos previsíveis econômicos que atualmente derivam em meio de controle na sociedade. Adquirindo relevância no processo que o legitima através de seus dispositivos produtores de subjetividade.

Por conseguinte, essa produção de subjetividades é resultado das dimensões alegóricas de um representante cultural, onde o simbolismo projeta imagens que ocultam os interesses que os promovem, gerando uma prática social ajustada aos interesses de consumo nas comunidades, onde o simbolismo representa poder constitutivo de identidades. Nas

sociedades atuais, as NTICs corporificam muitos elementos verificados na cena cultural e social, tais como fragmentação, hibridismo, o pastiche, a colagem e a ironia.

A interação mediada inaugurada talvez pela carta de pedra e transmutada ao reino dos bits parece ser uma necessidade ontológica do ser humano e um campo de pesquisa infindável.

Nas sociedades modernas interagem os meios de comunicação convencionais com as redes virtuais que a internet fornece, apresentando muitos núcleos e centros que (re) produzem identidades fixas, junto com uma pluralidade de centros deslocados e sem aparente identificação, podendo-se argumentar que nesse processo a classe social segundo alguns autores da pós-modernidade não existe mais como uma única força, determinante e totalizante, ou capaz de moldar todas as relações sociais tal como se discute no paradigma marxista, mas uma multiplicidade de centros, onde todos se encontram inseridos na voragem do consumo e dos crediários.

As tecnologias da informação e da comunicação cada vez mais presentes no nosso cotidiano são para os nativos digitais como paisagens, elementos naturais que aos poucos estão por meio da convergência e da mobilidade chegando à escola. Como explicar para alguém nascido pós-1990 (aqui considerados nativos digitais) que antigamente, até final da década de 70 pedia-se a linha e aguardava-se às vezes horas a fio para poder efetuar uma ligação. Como avaliar o efeito a médio e longo prazo das tecnologias que marcam uma revolução da imagem sobre o verbo e do código binário que parece conter tudo quanto há em labirintos hipertextuais de zero e um?

Os laços sociais estão se modificando com a velocidade, a qualidade do transporte e a variabilidade das tecnologias da informação facilitando a ampliação das redes virtuais por meio de grupos de interesse e de consumo. A transformação do tempo em fetiche (a busca pela eterna juventude), a ubiquidade da rede e a identidade respaldada pelo cartão de crédito atuam na construção da sociedade contemporânea sendo manipulados pelo consumo e pelo mercado fragmentando o herói mitológico em celebridades efêmeras calcadas sobre o signo da fama. Estes novos contatos sociais potencializados pelas NTICs dado o fraco custo de manutenção destas “relações”, nem sempre derivam em sociabilidade efetiva e as pessoas continuam estressadas e/ou com casos crescentes de depressão.

Ao termos a net como eixo ilustrativo deste trabalho vemos que no Brasil mesmo que a net ainda não ocupe o 50% de acesso já consegue ser indispensável nas mudanças macro-

societárias da economia, da política e da cultura, bem como de certas relações familiares, participando das crises e reorganizações da identidade. Um processo que se caracteriza pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento, onde a luta e a contestação estão concentradas na construção sociocultural das identidades, tratando-se de um fenômeno que vem ocorrendo em diferentes contextos.

Assim, enquanto nos anos 70 e 80 a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito (raça, cidadania, direitos humanos), desde os anos 90 até a atual mundialização com a disseminação da internet se reforçam a competição e o conflito entre as diferentes identidades, sobretudo pelas nuances que o consumo propõe o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo. Nesse contexto a cultura das Mídias que foi esboçada por Lucia Santaella ainda na década de 90 reverbera neste século com muita propriedade.

Estudar estas TICs e NTICs nos aproxima de uma ciência que vem promovendo o encontro da sociologia, da biologia e da antropologia com a matemática. A teoria dos grafos como é conhecida, procura entender a dinâmica das redes, sejam elas neurais ou de citações, sejam elas de pessoas ou de estradas. A princípio pode soar totalitarista mas, como parte da ordem entrópica e do caos e apela para uma análise sistêmica, a teoria vem crescendo e promovendo a reflexão a cerca das conexões e os nós da grande rede de computadores. Descobrir por exemplo uma característica (*rich get richer*) do funcionamento dos clusters (aglomerados) auxilia na compreensão da formação de comunidades virtuais com milhões de membros, onde 20% dos nós concentram 80% das conexões, e também como os laços, ou a interação entre os indivíduos se moldam abrindo portas e pontes novas para emprego, músicas, filmes e conhecimento de maneira geral.

Conseguimos entender melhor este processo de interação a partir da classificação defendida por Primo (2007) que prefere trocar o termo interatividade por interação mediada e define esta interação como reativa e mútua. Reativa demonstrando o caráter causa-efeito de muitas mediações, inclusive de links e hipertextos. E mútua cujo caráter recursivo gera um novo momento a cada interação que não é passível de simplificação e nem representa a exata soma das partes. Não se interage mutuamente com uma máquina.

Dessa maneira Primo nos permite focalizar a ênfase nas interações interpessoais abrindo espaço para o processo educacional dialógico que emerge de uma coordenação mútua entre os envolvidos no curso a distância. Portanto, independente da tecnologia a ser

implantada nas salas de aula, hoje ou no futuro, a aplicabilidade será tão mais eficiente quanto maior for a mutualidade, quanto maior for o compromisso do educador no sentido de ser um articulador ou um co(e)laborador do conhecimento.

Do mesmo modo Silva (2003) sugere três características que são encontradas no ciberespaço e atendem à complexidade do termo interatividade, lembrando que o mesmo diz respeito ao domínio da comunicação e não da informática que acaba por limitar o termo a trocas monológicas. Assim a participação-intervenção resulta em capacidade de interferir na mensagem de modo sensório-corporal e semântico; a bidirecionalidade e a hibridação são espaços onde tanto quem emite como quem recebe a informação trabalham conjuntamente na codificação e na decodificação da mensagem; e finalmente a permutabilidade-potencialidade supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações potenciais.

Concluimos que com a divulgação e o espalhamento das NTICs nas redes sociais, independente de serem info-ricas ou info-pobres, acontecem em um processo convergente e paralelo com o da sala de aula quando se constata que para reconhecer a mudança no paradigma da transmissão participam mecanismos da pedagogia Parangolé que Silva (2003) utiliza para lembrar a obra de Hélio Oiticica, a qual exige uma participação interativa na experiência sensório-corporal na construção do conhecimento. Neste processo se transforma o interagente contemplativo em um interagente construtivo.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Margarida Maria. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Tradução: Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BALOGH, Anna Maria & ADAMI, Antonio & DROGUETT, Juan & CARDOSO, Haydée (org). **Mídia, Cultura e Comunicação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002

BENJAMIN, Walter. História cultural do brinquedo In. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus editorial, 1984. p. 67-75.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura: A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 7. ed amp. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 698p. v.1: A sociedade em rede.

\_\_\_\_\_. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura: A sociedade em rede**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p. v.2: O Poder da Identidade.

\_\_\_\_\_. **A era da intercomunicação**. Acessado em: <<http://diplo.org.br/2006-08,a1379>>, dia 08 de agosto de 2010, às 23h.

CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. 4. ed São Paulo: EdUSP, 2003. 386p.

CASTRO, Lucia Rabello [org]. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

COSTA, Sylvio Gadelha. **Subjetividade e menor-idade: acompanhando o devir dos profissionais do social**. São Paulo: Annablume, 1998. 244p.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?** Artigo publicado em 1999. Disponível em: <[http://www.colombiaaprende.edu.co/html/mediateca/1607/articles-106213\\_archivo.pdf](http://www.colombiaaprende.edu.co/html/mediateca/1607/articles-106213_archivo.pdf)> Acesso em: 21 de agosto de 2010, às 0h.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo. 27 de julho 2008. Caderno Especial Jovem Século 21.

Fragoso, Suely. **Comunicação na cibercultura**. Porto Alegre: Unisinos, 2001

GIBSON, William. **Neuromancer**. New York: Ace Books, 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAESBERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HESS, Remi. **Produzir sua obra: o momento da tese**. Tradução Sérgio da costa Borba. Brasília: Líber Livro, 2005. Série pesquisa v.11.

JACOBINI, Maria Leticia de Paiva. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 3.ed. Campinas: Alínea, 2006.

LEARY, Timothy. **The interpersonal, interactive, interdimensional interface**. In: LAUREL, B. (Ed.). *The art of human-computer design*. Reading: Addison Wesley, 1990. p. 229-233.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2003. 264p.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Tradução de: Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 8.

LOPES, Felipe T. Paes e VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. **Os alicerces metateóricos da teoria social de John B. Thompson.** Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/4391/5218>>. Acessado em: setembro de 2010.

MACHADO, A. **Pré-cinemas & Pós-cinemas.** Campinas(SP): Papyrus, 1997.

MAGDALENA, Beatriz Corso; COSTA, Iris Elisabeth Tempel. **Internet em sala de aula: com a palavra, os professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus e REY, Germán. **Os Exercícios do Ver: Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática.** 3.ed. rev. amp. São Paulo: Saraiva, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem.** Tradução: Décio Pignatari. 15 reimpressão 1.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOREIRA, Benedito Diélcio. **Olhos de voyeur e dedos de flâneur: realidades editadas e versões reeditadas por estudantes do ensino médio.** Siegen – Alemanha, 2008. Dissertação (Doutorado em Educação). Coordenação de Ciências da Educação e Psicologia, Universitat Siegen.

MORIN, Edgar e MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2000.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória.** In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital,** Salvador: Editora Calandra, 2003 Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2003\\_palacios\\_olugardamemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf)>. Acesso em: 21 de agosto de 2010, às 23h.

PAPERT, Seymour. **Child Power: Keys to the New Learning of the Digital Century**. Palestra proferida em junho de 1998. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2073699/Child-Power-Keys-to-the-New-Learning-of-the-Digital-Century>>. Acesso em: 13 de agosto de 2010, às 6h.

POSSARI, Lucia Helena. **Comunicação e educação: novo conceito de espaço (tempo)**. In: Cadernos de Comunicação. V.5, n.1, 2001. Cuiabá: EdUnic, 2001. p. 95-105.

PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acessado em: 21 de Agosto de 2010

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community**. EUA: MIT Press, 2000

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. 3.ed. ver. amp. São Paulo: Atlas, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cultura das mídias**. 3. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

SANTOS, Hermílio. **Interação social e novas mídias: elementos para uma análise da interação mediada**. Revista FAMECOS, nº 18. Porto Alegre: 2002.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa: A Educação Presencial e a Distância em Sintonia com a Era Digital e com a Cidadania**. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/272/boltec272e.htm>>. Acesso em 10 de Setembro de 2010, às 11h.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação em rede**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

STAHL, Marimar M. **Formação de professores para uso das novas tecnologias de comunicação e informação**. In: CANDAU, Vera Maria, org. *Magistério: construção da cidadania*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p.292-317.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

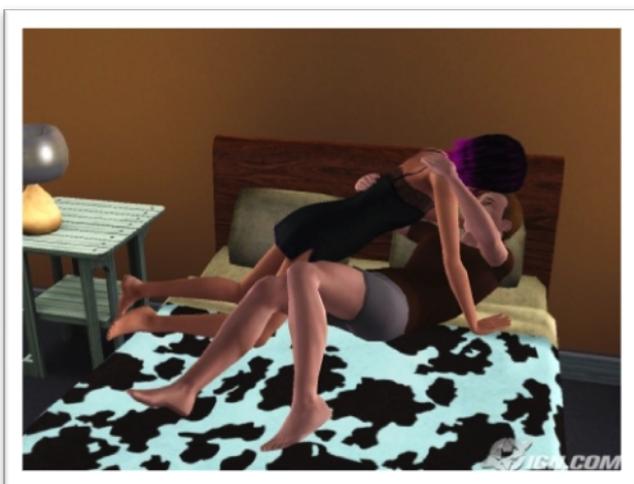
Anexo A



DOOM



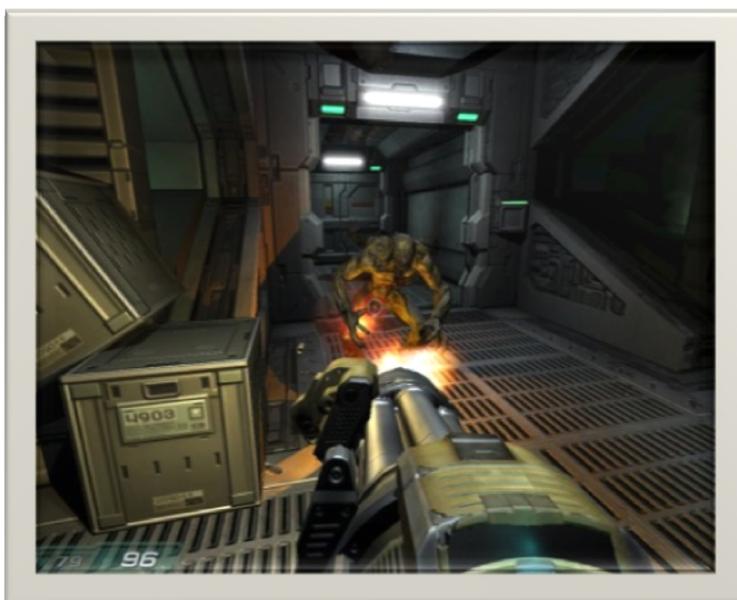
THE SIMS



THE SIMS



THE SIMS



DOOM

## Anexo B

globo.com notícias esportes entretenimento vídeos e-mail central globo.com assine já todos os sites

**G1** Planeta Bizarro  **buscar**

Brasil | Mundo | Economia | Política | Esporte | Crime | Carros | Emprego | Educação | Saúde | Tech | Bizarro | Pop&Arte | MG | RJ | SP | Telejornais | Eleições 2010

## Britânico é flagrado roubando roupa íntima em varal

Com Lucas Wicker, polícia britânica achou 15 sutiãs e 26 lingeries e meias-calças.



## Professor russo Nikolai Vasilev inventa esqui aquático artesanal



## Carro cai dentro de piscina

Veja mais vídeos do Jornal Hoje »

★★★★★ « dê sua nota

PUBLICIDADE

BOX  
A CASA DAS SETE MULHERES  
5 DVD'S  
POR: R\$ 99,90 OU  
10X R\$ 9,99

**últimas notícias**

25 DE AGOSTO DE 2010

**WEB**  
**Filhote de panda 'dançarino' vira sensação**

**HÁ 28 ANOS**  
**Chinês não corta unhas para 'evitar brigas'**

**QUEDA LIVRE**  
**Alemão resolve cubo mágico a 4.300 metros**

**EUA**  
**Casal invade casa e grava vídeo pornô**

## Anexo C


Turismo GLS

[cadastre-se](#) | [chat aventura](#) | [turismo gls](#) | [sobre o blog](#) | [contato](#)

[Eventos](#) | [Featured Articles](#) | [Roteiros Internacionais](#) | [Roteiros Nacionais »](#) | [Turismo de Aventura](#)

[Anúncios Google](#) | [Agencia De Turismo](#) | [GLS GLBT](#) | [Turismo](#) | [Viagem & Turismo](#)

## Turismo GLS

Com bom gosto e mais dinheiro no bolso do que a população hetero que, quando opta por ter filhos, tem que arcar com o alto custo de sua criação, os homossexuais masculinos e femininos divertem-se viajando muito, sozinhos ou com seus companheiros(as), tornando-se um público respeitado pelas agências governamentais de turismo do mundo todo. Diversas delas, como a Maison de la France, por exemplo, publicam cadernos especiais com dicas e os melhores endereços de interesse do público GLS.

No Brasil existe a Associação Brasileira de **Turismo** para Gays, Lésbicas e Simpatizantes, cujo site inteligente oferece muitas informações interessantes, links e matérias sobre destinos turísticos no mundo todo. Existem também diversas agências voltadas para esse público. As **Gay Pride Parades** estão acontecendo em praticamente o mundo todo, muitas apoiadas por órgãos oficiais de turismo. Somente a Pride Gay de Jerusalém foi abolida (ao menos por ora) em razão da oposição de certos grupos religiosos evangélicos e muçulmanos e de algumas organizações direitistas judaicas. Afinidades fundamentalistas...



*Mikonos: um dos destinos procurados pelo público GLS*

Por razões culturais ou religiosas, em alguns países (América Latina, Norte da África, centro-oeste dos Estados Unidos, países muçulmanos etc.), é aconselhável que viajantes homossexuais assumam uma postura discreta (não andar de mãos dadas em público, não solicitar cama de casal na recepção do hotel etc.).



*Buenos Aires, outro destino favorito*

### Paradas do orgulho GLS

São festas de rua, coloridas e muito divertidas em que não apenas os gays, lésbicas, bissexuais e transexuais participam, mas também o público hetero mais cabeça aberta: grandes eventos que acontecem em diversos países do mundo.

Fevereiro: Sydney (Austrália)  
 Março: Bangkok (Tailândia)  
 Maio: São Paulo (Brasil) | Bruxelas (Bélgica)  
 Junho: Paris (França) | Londres (Grã-Bretanha) | Roma (Itália) | São Francisco, Nova York e Washington (EUA) | Montreal (Canadá) | Toronto (Canadá) | Ciudad de México (México)  
 Julho: Munique e Frankfurt (Alemanha) | Lisboa (Portugal)  
 Agosto: Amsterdã (Holanda)  
 Novembro: Salvador (Brasil) | Buenos Aires (Argentina)

### Sites úteis para os viajantes GLS

[www.abratgls.com.br](http://www.abratgls.com.br) – Site da Associação Brasileira de Turismo GLS.  
[www.gaybrasil.com.br](http://www.gaybrasil.com.br) – Site gay com boa página sobre turismo.  
[www.guiagaybrasil.com.br](http://www.guiagaybrasil.com.br) – Site de turismo gay.  
[www.atibi.com.br](http://www.atibi.com.br) – Agência de viagens especializada no público gay.  
[www.igtts.com](http://www.igtts.com) – (IGLTA) International Gay and Lesbian Travel Association. INGLÊS  
[www.gayskiers.org](http://www.gayskiers.org) – International Gay & Lesbian Snowsports Association (IGLSA). INGLÊS  
[www.comunidadeglbt.com.br](http://www.comunidadeglbt.com.br) – Site da Associação do Orgulho GLBT em São Paulo.  
[www.gay.com](http://www.gay.com) – Contém calendário das paradas GLS em todo o mundo. INGLÊS

### Compartilhe esta Matéria:





Assine nosso RSS



CHAT AVENTURA  
FAÇA AMIGOS AQUI

### Navegação por Tags

Argentina Austrália **Aventuras Bahia**  
 Bariloche **Boates** Bonito Búzios Cancún Cape  
 Town Carnaval Congressos **Cultura**  
 Florianópolis Grécia João Pessoa Mato Grosso do  
 Sul Mergulho Mikonos México Natal  
**Naturismo** Noronha Olinda Pantanal Parada  
 Gay **Passeios Patagônia Praias** Punta  
 del Este Recife **Rio de Janeiro** Rio Grande  
 do Norte Roma Réveillon Salvador Sidney  
 Surf São Francisco Uruguai Ushuaia África

### Categorias

Eventos  
 Featured Articles  
 Featured Articles  
 Região Centro-Oeste  
 Região Nordeste  
 Região Sudeste  
 Região Sul  
 Roteiros Internacionais  
 Roteiros Nacionais  
 Turismo de Aventura

### Publicidade

**Gay Hotéis** TripAdvisor.com.br/Gay  
 Compare preços de Hotéis e Pousadas Leia  
 avaliações antes de reservar!  
**Boate Gls** www.Groupalia.com/Boates  
 Conheça as Melhores Boates do RJ e Ganhe até  
 90% Desconto! Cadastre-se  
**Quer conhecer o Japão?** www.jalapo.com  
 Um Safari no coração do Brasil Planeje a sua  
 viagem agora!  
**Conheça Buenos Aires** Terra.com.br/Buenos\_Aires  
 14 coisas para fazer em Buenos Aires e  
 Aproveitar!

 Anúncios Google

### Sobre este blog...

Este é um blog de turismo voltado ao público GLS com opções de roteiros nacionais e internacionais. Além de dicas de viagens, aqui você também encontrará destinos com esportes de aventura, boates, e locais gay-friendly. Naveguem, arrumem suas malas e deixem seus comentários nas matérias. **Bons ventos sempre!**

### Outros Links

Anexo D

The screenshot shows the Scribd website interface within a browser window. The browser address bar displays 'http://www.scribd.com/'. The website header includes the Scribd logo, navigation links for 'Explore', 'Community', and 'Upload', a search bar, and social media links for 'Login' and 'Sign Up'. A main banner features a cartoon character and the text 'Reading and Publishing... evolved.' with a sub-headline 'Millions of documents and books at your fingertips! Read, print, download, and send them to your mobile devices instantly. Or upload your PDF, Word, and PowerPoint docs to share them with the world's largest community of readers.' Below this is an 'Upload a Document' button and a list of categories: 'School Work', 'How-To Guides/Manuals', 'Business/Law', 'Books - Non-fiction', 'Presentations', and 'Spreadsheets - Store'. To the right is a 'Sign Up' section with a Facebook login button and the text 'Connect with your Facebook friends on Scribd and see what they are reading and sharing.' Below the banner is a section titled 'What people are reading now...' with three book covers: 'Pokemon', a book with a woman holding a book, and 'How We Decide'. To the right is an advertisement for 'Import your Google docs' with the text 'Instantly share them with the world.' and a 'Try it now!' button. Below this is a section titled 'Explore: Comic-Con: Free Liquid Comics, sponsored by HP and Scribd' featuring seven comic book covers with their respective authors and page counts: 'Grant Morrison's 18 Days -- free' (47 p.), 'Guy Ritchie's Game Keeper #1 -' (38 p.), 'Ed Burns Dock Walloper #1 --' (26 p.), 'Snakewoman #1 - - free' (33 p.), 'Devi #2 -- free' (29 p.), 'The Sadhu (Series 1) #1 --' (32 p.), and 'The Megas #1 -- Free' (91 p.). At the bottom is a section titled 'Exclusives and First Looks' with several book covers including 'The Prince of Life', 'FRAGILE', 'THIRD WORLD', and 'The Led Zeppelin'.

OVERMUNDO [faça seu login](#) | [novo usuário? registre-se](#) ajuda?

PATROCÍNIO  
**BRAS PETROBRAS**

overblog [banco de cultura](#) [gula](#) [agenda](#) [perfis](#) o que é instituto

---

**overblog**



**Batucadas Brasileiras**

8 [▲](#) **Marcelle Braga**  
*Rio de Janeiro, RJ*

Projeto promove o I Encontro de Avaliação de suas Atividades junto às Escolas da Rede Pública de Ensino O IBB – Instituto Bandeira Branca – promove no próximo dia 31/08/2010, terça-feira, às 14:00 horas, o I ENCONTRO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO BATUCADAS BRASILEIRAS entre as Escolas da Rede... [+mais](#)

**MOSTRA BRASIL – JUVENTUDE TRANSFORMANDO COM ARTE.**

5 [▲](#) **Zezito de Oliveira**  
*Aracaju, SE*

Uma breve memória da edição anterior e um convite à "3ª Mostra Brasil – Juventude Transformando com Arte" Nos próximos dias 23 a 26 de Agosto... [+mais](#)

**Overmundo estimula produtores culturais**

4 [▲](#) **Alê Barreto**  
*Rio de Janeiro, RJ*

Em março de 2006 publiquei meu primeiro conteúdo no Overmundo. Na época, ocorreu um episódio interessante. Como o site estava iniciando, as regras e... [+mais](#)

**agenda**

**Orquestras Populares Cariocas comemora um ano**  
Rio de Janeiro, RJ - 27/8

**Aprenda a Organizar um Show em Belo Horizonte**  
Belo Horizonte, MG - 27/8 a 28/8

**Atala Espetáculo - Sons da Mata e Cumbuca**  
Leopoldina, MG - 27/8

**4º CONTATO - Festival Multimídia do interior de SP**  
São Carlos, SP - 7/10 a 12/10

**gula**

**Mitológicas Urbanas: Águas Férteis**  
Rio de Janeiro, RJ - espaços culturais

**MUSICA CAIPIRA NA INTERNET**  
São Paulo, SP - sites

**CUCA- CG - Centro Universitario de Cultura e Arte**  
Campina Grande, PB - espaços culturais

**Parque da Criança**  
Campina Grande, PB - passeios

**meu painel**

→ [publicar](#)

→ [edição colaborativa](#)

→ [colaborações recentes](#)

**filtro por estado**

Selecione...

**busca por tag**

**observatório**

**Overmundo no Cena Contemporânea**

Em uma parceria com o Sarcástico, o Overmundo está na capital do país para cobrir os 13 dias da 11ª edição do Cena Contemporânea - Festival... [+leia](#)

**overmixter**

No Overmixter você encontra samples, vocais e remixes em licenças livres. Confira os mais votados, ou envie seu próprio remix!

[+conheça o overmixter](#)

---

overmundo :: <http://www.overmundo.com.br/>

Apple Yahoo! Google Maps YouTube Wikipedia Notícias (439) Popular

Como fazer print screens no Mac... overmundo :: Entrar Gmail - Entrada (389) - afabrika... próprio remix! [+conheça o overmixter](#)

---

**banco de cultura**

**OUTRO OLHAR - Dias de folclore** Cinema e vídeo

7 [▲](#) **Outro Olhar - TV Brasil**  
*Brasília, DF*

Dançarinos lutam para manter viva a tradição do folclore sergipano. Sem ajuda do governo e sem recursos dos empresários locais, os grupos de... [±](#)

---

**POR MAIS QUE EU QUEIRA** Poesia

2 [▲](#) **LUA DO NORDESTE**  
*Olinda, PE*

[±](#)

---

**No meio do caminho vi uma Rosa.** Artes visuais

1 [▲](#) **ayrumam**  
*Chapada dos Guimarães, MT*

No meio do caminho vi uma Rosa. Lá estava Ela no meio do caminho, toda irradiante e bela. No meio das pedras-espinhos... Das infinitas... [±](#)

---

**"ESSES SÓIS ASSOLADORES"** Textos - não-ficção

1 [▲](#) **alcamu**  
*São Paulo, SP*

Futilidades ! Estou preparando a foto de Ana Lucia Torre & o liquidificador ! Aguardem !!!!!!!!!!!!! AH, o filme tem o patrocínio... [±](#)

---

**SEM CHÃO** Textos - ficção

1 [▲](#) **LucAZ**  
*São José dos Campos, SP*

[±](#)

---

**batuqueiro pedreiro - joão xavi** Música

1 [▲](#) **joao xavi**  
*São João de Meriti, RJ*

Alô, alô Overmundo, chegou a hora! Salve, salve overmanos e overminas, tranqüilidade? João Xavi escrevendo diretamente de São João de Meriti, RJ. Peço... [±](#)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)